UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM INTEGRAÇÃO DA AMÉRICA LATINA –
PROLAM/USP

CAMILA ANTUNES MADEIRA DA SILVA

O ENQUADRAMENTO DA TRAGÉDIA SOCIAL E A INDESEJABILIDADE DA
DIÁSPORA HAITIANA NA MÍDIA BRASILEIRA

[VERSÃO REVISADA]

São Paulo
2017

CAMILA ANTUNES MADEIRA DA SILVA

***O ENQUADRAMENTO DA TRAGÉDIA SOCIAL E A INDESEJABILIDADE DA
DIÁSPORA HAITIANA NA MÍDIA BRASILEIRA***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
Integração da América Latina da Universidade de São Paulo
(PROLAM/USP) para obtenção do título de Mestre em Ciências.

Área de Concentração: Comunicação e Cultura.

Orientadora: Profa. Dra. Dilma de Melo Silva.

[VERSÃO REVISADA]

São Paulo
2017

Autorizo a reprodução e divulgação total deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

SILVA, Camila Antunes Madeira da.

O enquadramento da tragédia social e a indesejabilidade da diáspora haitiana na mídia brasileira/ Camila Antunes Madeira da Silva; orientadora Dilma de Melo Silva- São Paulo, 2017.

175 p.

Dissertação- Universidade de São Paulo, 2017.

1. Haitianos. 2. Diáspora 3. Mídia

SILVA, Camila Antunes Madeira da.

O enquadramento da tragédia social e a indesejabilidade da diáspora haitiana na mídia brasileira.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina da Universidade de São Paulo (PROLAM/USP) para obtenção do título de Mestre em Ciências.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof (a). Dr (a). _____	Instituição: _____
Julgamento: _____	Assinatura: _____

Prof (a). Dr (a). _____	Instituição: _____
Julgamento: _____	Assinatura: _____

Prof (a). Dr (a). _____	Instituição: _____
Julgamento: _____	Assinatura: _____

Dedico este trabalho ao meu avô, José de Mancila Madeira, que sempre esteve por trás de
todas as minhas conquistas.

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Professora Dra. Dilma de Melo Silva, meus agradecimentos, honra e respeito por sua imensa generosidade, sabedoria e incentivo, e por ser esse exemplo singular de mulher e de pesquisadora.

À Professora Dra. Denise Maria Cogo, pelas sugestões dadas no exame de qualificação, que muito aportaram a este trabalho.

Ao Professor Dr. Renato Braz Oliveira de Seixas, pelo enorme cuidado ao ressaltar, no exame de qualificação, aspectos de grande importância para a pesquisa.

À Professora Dra. Claudia María Leal León, docente da Universidad de Los Andes da Colômbia, por seu entusiasmo contagiante, que me inspirou a realizar o mestrado nessa área.

À querida Mayra Coan Lago, por, quando eu mais precisei, me lembrar do significado de solidariedade, me estendendo a mão e apontando uma saída. Pelas constantes e longas conversas sobre meu tema, os aportes acadêmicos, as intermináveis revisões e pela amizade.

Ao PROLAM, pelo acolhimento, pelas oportunidades que me proporcionou e por se consolidar como um programa de importância ímpar nos tão necessários estudos latino-americanos.

À Universidade de São Paulo, pela bolsa de demanda social concedida, que me permitiu desenvolver e dedicar-me integralmente a esta pesquisa.

À minha família, alicerce meu, pela confiança e apoio incondicional às minhas escolhas.

À minha mãe, Luciane Antunes Madeira, por me fazer persistir.

Ao meu padrasto, Roberto Guimarães, pelas noites em claro.

Aos meus avós, Maria José Antunes Madeira e José de Mancila Madeira, à minha mãe, Luciane Antunes Madeira e ao meu pai, Orti José da Silva, por possibilitarem minha permanência em outro estado.

Ao meu irmão, Filipe Antunes Madeira da Silva, pelo olhar crítico que me faz sempre buscar a superação de meus limites.

Aos amigos e às amigas latino-americanistas, especialmente Waldo Lao Fuentes Sanchez, Karina Fernandes de Oliveira, Julián Cuaspa Ropaín, Pablo Miguel Román Osorio, Augusta Amengual, Juan Manuel García Reyes e Ana Sofia Garcia Salas, que me enchem de alegria e de esperança ao vislumbrarmos, juntos, uma luz no fim do túnel.

Às amigas que compartilharam, em São Paulo, o estranhamento de chegar do Planalto Central, nesse acolhimento e apoio mútuo que construímos longe de casa.

Às rupturas, que nos fazem ver, renascer e reinventar.

À vida, que tanto me proveu.

RESUMO

SILVA, Camila Antunes Madeira da. **O enquadramento da tragédia social e a indesejabilidade da diáspora haitiana na mídia brasileira.** 2017. 174 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

Este trabalho tem como objetivo analisar as imagens que a mídia brasileira produziu sobre o Haiti e os haitianos entre 2010 e 2016. Para lograr o objetivo, estudaremos os seguintes programas da Rede Globo: Bom Dia Brasil, Jornal Nacional, Profissão Repórter, Malhação, O caçador, Fantástico e Caldeirão do Huck. Com a análise dos programas notamos que as imagens construídas acerca do Haiti, no ano de 2010, estruturam os estereótipos atribuídos aos haitianos em diáspora no Brasil, entre 2012 e 2016, uma vez que podem servir como ponto de partida para tal e ser recorrentemente resgatadas para sustentar os discursos produzidos em torno desse novo fenômeno de migração. Ademais, tais imagens são uma importante ferramenta para focalizar a perspectiva racializada (e por vezes racistas) que se tem do negro no país.

Palavras-chave: Haitianos; Diáspora; Mídia.

ABSTRACT

SILVA, Camila Antunes Madeira da. **The framing of social tragedy and the undesirability of the Haitian diaspora in the Brazilian media.** 2017. 174 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

This work aims to analyze the images that the Brazilian media has produced about Haiti and the Haitians between 2010 and 2016. To reach the objective, we will study the following programs of Rede Globo: *Bom Dia Brasil*, *Jornal Nacional*, *Profissão Repórter*, *Malhação*, *O Caçador*, *Fantástico* and *Caldeirão do Huck*. With the analysis of the programs, we note that the images constructed about Haiti in 2010 structure the stereotypes attributed to Haitians in diaspora in Brazil between 2012 and 2016, once they can serve as a starting point for this and be recurrently rescued to support the discourses produced around this new phenomenon of migration. Furthermore, such images are an important tool to focus on the racialized (and sometimes racist) perspective of blacks in the country.

Keywords: Haitian; Diaspora; Media.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1 – HAITI: PAÍS DE DIÁSPORA E DE INDESEJÁVEIS	18
1.1 Diáspora	19
1.2 Fluxos migratórios (1915-2010)	22
1.2.1 Primeiro fluxo migratório: República Dominicana e Cuba (1915-1943)	22
1.2.1.1 República Dominicana	23
1.2.1.2 Cuba	35
1.2.2 Segundo fluxo migratório: Estados Unidos (1940-1980)	37
1.2.3 Terceiro fluxo migratório (2010)	41
1.3 Haitianos no Brasil	50
CONSIDERAÇÕES PARCIAIS	55
CAPÍTULO 2- TRAGÉDIA NATURAL E TRAGÉDIA SOCIAL – O RECORTE DA PRECARIEDADE NO HAITI EM 2010	57
2.1 A tragédia social haitiana segundo Arnaldo Jabor	59
2.2 O <i>Bom Dia Brasil</i> e a cobertura do terremoto	62
2.3 <i>Profissão Repórter</i> e o fracasso da reconstrução	77
CONSIDERAÇÕES PARCIAIS	98
CAPÍTULO 3- ESTEREOTIPAGEM DOS HAITIANOS EM DIÁSPORA E A CONSOLIDAÇÃO/MANUTENÇÃO DA IMAGEM PEJORATIVA DO HAITI (2012-2016)	100
3.1 Telejornais: “ <i>É a tragédia do Haiti entrando no Brasil</i> ”	101
3.2 <i>Malhação</i> : “ <i>Haiti, Angola, é tudo África!</i> ”	112
3.3 <i>O caçador</i> : “ <i>Eu achei que por gratidão ao Brasil os haitianos fossem mais hospitaleiros</i> ”	124
3.4 <i>Fantástico</i> : “ <i>Nada mais brasileiro do que abrir-se à mistura e ao que os outros povos podem nos trazer de bom</i> ”	132
3.5 <i>Caldeirão do Huck</i> : “ <i>E, então, Dona Irení, o filho caçula dela foi pra guerra?</i> ”	139
CONSIDERAÇÕES PARCIAIS	158
CONSIDERAÇÕES FINAIS	160
FONTES E BIBLIOGRAFIA	163

INTRODUÇÃO

Recém-chegada em São Paulo e em meio às contradições da cidade que acolhe e exclui em um único ato, a cidade em cujo fluxo te carrega pelo braço e te insere em um cotidiano de emparelhamento de caos e de ordem que, quanto mais te aproxima, mais te afasta do outro, eu notei. Talvez por minha história, pelo afastamento de minha cidade natal, por minha inserção abrupta, por meu contato com o tema alguns anos antes, ou, talvez, simplesmente porque é isso o que São Paulo faz: escancarar. O fato é que, no metrô, eu notei. Ele era negro e sua reivindicação era precisamente essa, a negritude. Não a dele, mas a nossa. *“Vocês, brasileiros, acham que são brancos. Vocês não são brancos. Vocês são pretos iguais a mim”* – ele dizia inconformado enquanto os outros passageiros fingiam não ouvir. Quantas questões pairavam sobre aquela afirmação tão pertinente que os brasileiros insistem em ignorar? Quão óbvia pareceria tal constatação àqueles não estivessem imersos em nosso mito edificante?

A força daquelas palavras não está apenas no fato de o Brasil ser um país majoritariamente negro, embora ainda haja uma insistente negação ou tentativa de ofuscamento ou desapropriação desses traços físicos e culturais. Tampouco se resume à possível discriminação que o rapaz tenha sofrido e que motivou sua fala, com todas as suas nuances. Por ser negro, por ser estrangeiro, por ser imigrante, por ser indesejável, por ser o *outro*. A força daquelas palavras está no conjunto, na síntese que representa a sociedade brasileira. Ao falar de discriminação, não falamos apenas do discriminado, mas também do que discrimina.

O rapaz foi explícito quanto à questão racial. Sua queixa não dizia respeito à sua nacionalidade, mas à sua negritude. De algum modo, não era sua procedência geográfica que importava e gerava preconceito, mas seu fenótipo. Haveria alguma diferença entre as discriminações raciais sofridas por negros estrangeiros e negros brasileiros? Na busca por compreender de que forma os estrangeiros são discriminados por sua raça¹, era preciso observar suas manifestações.

Em um exame prévio, foi possível constatar que, em seus exemplos mais mascarados – perceptíveis nos discursos midiáticos, por exemplo –, marcadores sociais comumente associados aos negros brasileiros (pobreza, criminalidade, violência, falta de qualificação,

¹ A discriminação extrapola o fenótipo uma vez que atribui valores às características que se supõem inerentes à negritude, sendo, portanto, baseada na ideia de raça.

entre outros) são utilizados com a finalidade de categorizá-los e estereotipá-los, não obstante haverem exemplos mais explícitos nos quais discursos nacionalistas são utilizados para respaldar a indesejabilidade de certos estrangeiros. Essa indesejabilidade é, no entanto, direcionada aos imigrantes africanos e latino-americanos (especificamente haitianos, bolivianos e peruanos) em detrimento de imigrantes europeus, estadunidenses, canadenses etc. É comum escutar de taxistas, na cidade de São Paulo, por exemplo, que o centro está tomado por africanos e que, por isso, anda muito perigoso. Ou, de modo geral, que o Glicério foi dominado por haitianos e que bairros tradicionalmente de imigração italiana, como a Mooca e o Brás, agora se tornaram reduto de bolivianos. Comentários que vêm sempre em tom de crítica, embora normalmente se complementem com alguma negação da existência de preconceito.

Apesar de essas constatações empíricas terem relevância pessoal enquanto motivações para esta pesquisa, não permitem afirmar categoricamente que a indesejabilidade e a discriminação direcionadas a certos imigrantes estaria relacionada à questão racial. A mídia², por sua vez, apresenta um aporte mais concreto para análise. Segundo Dennis de Oliveira (2011):

(...) a presença negra no cenário social brasileiro sempre causou “incômodos”, mesmo no projeto liberal-republicano, o que é de vital importância, pois a atividade jornalística praticamente se confunde com a aventura da modernidade e, por conseguinte, da construção da democracia liberal. Assim, os valores democráticos e de liberdade de expressão intrínsecos à atividade midiática no Brasil travestem-se dos incômodos com a presença dos afrodescendentes. Por isso, a reconstrução social operada pela indústria midiática brasileira opera dentro desses parâmetros de desconfortos com a presença negra, resolvendo-os a partir de mecanismos discriminatórios não necessariamente explícitos ou segregacionistas, mas de tolerância opressiva. (DE OLIVEIRA, 2011, p.34)

O autor propõe, ainda, que a discussão de racismo e mídia no Brasil passa, necessariamente, pela reflexão sobre as singularidades das relações raciais, pela caracterização das mesmas em nosso país e pelo seu desenvolvimento na construção da República brasileira, considerando o processo de abolição da escravidão e a consolidação de uma tipologia de racismo singular da realidade brasileira. Ademais, também devemos observar a configuração da indústria midiática, dos meios de comunicação, uma vez que estes se transformaram no principal lócus, no qual se externam posições públicas e se constroem referenciais de comportamentos e de valores.

² Assim como Patrick Charaudeau (2015), entendemos mídia como um conjunto de suportes tecnológicos - como a imprensa, o rádio e a televisão -, cujo papel social é difundir as informações relativas aos acontecimentos que se produzem no mundo-espço público.

Se nos debruçamos sobre a história latino-americana é possível notar um aspecto que, seja tratado de modo explicitamente ideológico ou de natureza estrutural, exerce papel significativo na configuração de suas sociedades desde os tempos coloniais: a questão da raça. A hierarquia estabelecida no continente em seu período de colonização possuía diferentes predominâncias étnicas (e fenotípicas) em cada segmento da sociedade, categorizados na divisão do trabalho, já esboçando o que seria definido posteriormente como raça, elemento esse que passaria a ser associado não apenas ao fenótipo, mas a uma série de características físicas e intelectuais dos indivíduos. A divisão do trabalho naquele contexto se forjou sobre um alicerce étnico que se transformou rapidamente em uma configuração social racializada. Aníbal Quijano (2005) explica esse fenômeno:

As novas identidades históricas produzidas sobre a idéia de raça foram associadas à natureza dos papéis e lugares na nova estrutura global de controle do trabalho. Assim, ambos os elementos, raça e divisão do trabalho, foram estruturalmente associados e reforçando-se mutuamente, apesar de que nenhum dos dois era necessariamente dependente do outro para existir ou para transformar-se. (QUIJANO, 2005, p.118)

Assim ocorre o que o autor chama de sistemática divisão racial do trabalho, que se alastra em escala global criando e recriando identidades e gerando uma associação de “branquitude social” com salário e status até a contemporaneidade. Essa associação entre raça e trabalho permitiu que o controle de uma forma particular de trabalho fosse também o controle de um grupo particular de indivíduos, o que tem sido excepcionalmente bem sucedido.

Concordando com essa proposição e restringindo-a para o caso brasileiro, depreende-se que a estrutura colonial sustentada no regime escravista delimitou a hierarquia na qual a sociedade brasileira está consolidada. A herança desse passado se manifesta, portanto, na situação socioeconômica desfavorecida em que se encontra grande parte da população negra, o que abrange aspectos como o acesso limitado a oportunidades nos âmbitos profissional e educacional, representatividade política etc., além de exercer um constante tolhimento de suas manifestações culturais, estéticas e identitárias. Impera um favoritismo pela “branquitude”, associada à hierarquia colonial e também ao progresso ou desenvolvimento, já que, como coloca Peter Wade (1997), essas noções são historicamente referenciadas nas nações europeias.

O arcabouço herdado da colônia lapidou a crença na inferioridade negra em uma forma singular de discriminação racial e racismo no Brasil. Tanya Katerí Hernández (2012), em uma análise do racismo latino-americano, expõe o entrave gerado pela negligência acerca do tema do racismo na região, nutrida pela crença na existência de um “paraíso racial”. A

difusão do mito da democracia racial, com seu mais emblemático exemplo situado no Brasil, termina por cimentar o racismo à brasileira, caracterizado por um tipo de onipresença discreta. Entende-se, assim, como característico do racismo à brasileira o caráter velado associado à inadmissão de sua existência, que desembocará em distintas manifestações de racismo.

O racismo pode ser notado, sutil ou obviamente, em todas as práticas sociais, nas muitas formas de exclusão e discriminação. Ao analisar as formas de expressão na mídia brasileira, Teun A. Van Dijk (2008), constata que na televisão, por exemplo, há um espaço reduzido para o debate da discriminação racial nos noticiários, além da repetição de estereótipos referentes à negritude nos programas policiais, no futebol e no carnaval. Os negros também são sub-representados na publicidade, nos filmes e nos programas humorísticos. Na mídia impressa, por sua vez, destaca-se uma “*racialização das classes sociais*” baseada nas associações compulsivas do negro com a marginalidade, com a sujeira e com os trabalhos braçais. Enquanto isso, o branco é apresentado como representante natural da espécie humana em um processo que culmina na baixa representação da população negra em todas as esferas da mídia brasileira.

Em entrevista concedida à revista *PERcursos*, Van Dijk (2015) considera que os racismos latino-americano e brasileiro são provenientes dos racismos europeus, uma vez que são importados por seus imigrantes, mas adaptados à situação nacional ou local, a fim de legitimar a escravidão e a opressão aos negros. Posteriormente, os racismos são mantidos, reproduzidos e adaptados pela maioria branca, objetivando a permanência no poder em todos os domínios relevantes da sociedade. Deste modo, o denominador comum essencial e “a racionalidade” fundamental do racismo na América Latina é a manutenção da dominação branca.

A mídia é um dos instrumentos fundamentais para a manutenção do poder e da dominação branca, pois reproduz o sistema global do racismo, uma vez que seus programas são produzidos ou controlados pelas elites simbólicas. As relações do poder social se dão na interação, a partir de ações reais ou potenciais de um grupo social em relação a outro. Segundo o autor, o poder se exerce não apenas pela comunicação direta, isto é, através de atos de fala que incluem comandos, pedidos ou ameaças, como também atua por um sistema de crenças, normas e valores culturais que são compartilhados entre aqueles que detêm o poder e aqueles que são subjugados pelo poder. Assim, trata-se de um consenso construído dentro de uma estrutura ideológica que é adquirida, alterada ou confirmada principalmente por meio da comunicação e do discurso.

Diante da impossibilidade de abranger todos os imigrantes tratados como indesejáveis,

optamos por trabalhar o caso dos haitianos, primeiramente por se tratar de um país latino-americano que, como tal, dialoga com a realidade brasileira e cujo estudo contribui para a ampliação do conhecimento sobre e para a região. Em segundo lugar, o Haiti é um emblemático caso que muito tem a aportar aos estudos pós-coloniais e que acaba, por vezes, sendo pouco evidenciado enquanto símbolo e exemplo de evocação de resistência e liberdade. Em contrapartida, os haitianos têm sido tradicionalmente representados de modo pejorativo pela mídia mundial, especialmente após o terremoto de 2010, o que contribui diretamente para a legitimação das intervenções estrangeiras no país. Segundo Ulysse (2016):

Como eu discuti em outra parte, os haitianos, como sujeitos de pesquisa e representação, têm sido frequentemente retratados historicamente como fraturas, como fragmentos - corpos sem mentes, cabeças sem corpos ou espíritos vagabundos. Esses seres despersonificados ou fanáticos viscerais sempre precisaram de um intermediário. Eles quase nunca falavam por si mesmos. Na academia, eles são geralmente representados pelo cientista social. E depois de 12 de janeiro, entra o jornalista desinformado, socioculturalmente limitado e ahistórico. (ULYSSE, 2016, p.37, tradução nossa) ³.

Essas representações são indicativas da complexa relação de dominação e de inferiorização que perpassa a história haitiana e sugerem um quadro de manutenção da ordem mundial. Assim, é possível constatar o papel da mídia em um contexto macro, que envolve a persistência de raízes mercantilistas no sistema vigente, e em um contexto micro, quando tratamos especificamente o caso brasileiro, dotado de particularidades que, em última instância, compartilham o objetivo de deter o poder nas mãos de uma elite (branca) por meio do sobrepujamento. Finalmente, por sua diáspora se configurar como um fenômeno novo no Brasil e ser, por esse motivo, tratada como uma ameaça pela mídia.

O objetivo da pesquisa é analisar as imagens que a mídia produziu sobre o Haiti e os haitianos, especificamente a Rede Globo, entre 2010 e 2016. Selecionamos dita emissora por ser um dos canais brasileiros mais antigos, por ser um dos líderes de audiência e por sua abrangência nacional e internacional⁴. Outro aspecto preponderante para nossa escolha foi a diversidade de produtos midiáticos produzidos sobre o Haiti e os haitianos entre os anos 2010

³ As I have discussed elsewhere, Haitians as subjects of research and representation have often been portrayed historically as fractures, as fragments—bodies without minds, heads without bodies, or roving spirits. These disembodied beings or visceral fanatics have always been in need of an intermediary. They hardly ever spoke for themselves. In the academy, they are usually represented by the social scientist. And after January 12, enter the uninformed, socioculturally limited, and ahistorical journalist. (ULYSSE, 2016, p.37).

⁴ A concessão do canal foi aprovada em 1957, mas a sua inauguração ocorreu apenas em 1965. Atualmente a Globo é formada por cinco emissoras próprias, de propriedade da Família Marinho, com 118 afiliadas no Brasil, sendo que seu sinal chega a 5.490 cidades – 98% dos municípios, alcançando uma média de 170 milhões de telespectadores brasileiros. Ademais, segundo o site da emissora, a Globo é responsável pelo maior complexo de televisão da América Latina, o Projac, que está presente em mais de 100 países através da Globo Internacional, tendo seu conteúdo assistido por cerca de 300 milhões de pessoas em todo o mundo (ROBERTO MARINHO).

e 2016, como telejornais (*Bom Dia Brasil* e *Jornal Nacional*), programas nas ruas (*Profissão Repórter*), novelas (*Malhação*), minisséries (*O caçador*), programas de magazine na TV (*Fantástico*) e programas de auditório (*Caldeirão do Huck*). Apesar do desafio de lidarmos com as especificidades de cada produto, tal diversidade nos permitiu observar as múltiplas formas de produção e reprodução das imagens que pretendíamos estudar, compondo um quadro mais completo e complexo. Por fim, optamos por nos dedicar a análise da mídia televisiva, uma vez que já existem estudos consistentes do tema no âmbito da imprensa e da mídia virtual.

Com relação ao marco temporal, escolhemos 2010 por ser o ano do terremoto, o que levou o Haiti para os noticiários da emissora, que fizeram uma ampla cobertura do acontecimento e de seus desdobramentos no país. A partir de 2012, com o aumento da chegada dos haitianos ao Brasil, notamos uma mudança no discurso, no enfoque da cobertura - que passaria do Haiti para os haitianos - e no trato das questões relacionadas ao país, o que nos despertou ainda maior interesse. Esse modelo distinto de abordagem tem seu auge no programa *Caldeirão do Huck*, em 2016, justificando o encerramento do trabalho com sua análise.

Em vista do objetivo apresentado, propomos como problema: É possível afirmar que as imagens produzidas pela mídia acerca do Haiti no contexto do pós-terremoto de 2010 servem como base estruturante da estereotipagem dos haitianos em diáspora no Brasil?

Como hipótese, acreditamos que as imagens construídas acerca do Haiti estruturam os estereótipos atribuídos aos haitianos em diáspora no Brasil, uma vez que podem servir como ponto de partida para tal e ser recorrentemente resgatadas para sustentar os discursos produzidos em torno desse novo fenômeno de migração. Ademais, consideramos que essa estereotipagem utiliza categorias de discriminação comumente associadas aos negros no Brasil, ainda que não os discrimine explicitamente por esse motivo. Tendo em vista que as imagens estruturantes são negativas, elas dificultam a inserção dos haitianos na sociedade brasileira, bem como a acessibilidade laboral, impossibilitando a ascensão socioeconômica e contribuindo para sua estagnação em condições de vida pouco favoráveis. Finalmente, poderíamos inferir que seu caráter pejorativo está relacionado a uma sociedade estruturalmente hierarquizada sobre critérios sociais que, de acordo com as particularidades do contexto brasileiro, estariam ligados à raça. Sendo assim, a questão racial poderia transpor a nacionalidade, apresentando-se como aspecto central para a indesejabilidade haitiana.

A análise das produções de sentidos e das diversas imagens sobre o Haiti e os haitianos, produzidas pela emissora, é algo complexo que exigiu uma abordagem

interdisciplinar. Consideramos essa abordagem necessária para a produção do conhecimento, pois resulta de um processo dialético e intersubjetivo, que permite estudar o objeto de pesquisa a partir da diversidade e dos múltiplos encontros das áreas. No nosso caso, o estudo é resultante das diversas áreas das humanidades, como a história, a sociologia, a linguística, a comunicação, entre outras.

Ainda como método para trabalhar as múltiplas imagens, utilizamos especialmente a análise do discurso, por meio da linguística, considerando o conteúdo e a forma das mensagens. Dentre os analistas dos discursos que contribuíram para a construção deste estudo destacamos o francês Patrick Charaudeau, pelos aportes teórico-metodológicos propostos em seus escritos sobre discurso midiático e construção da opinião pública, e o já mencionado Van Dijk, por seus trabalhos sobre a produção e compreensão das notícias midiáticas e pelos que analisa a reprodução dos diferentes tipos de discursos sobre as minorias, especialmente os relacionados à mídia e poder e mídia e racismo. Concordamos com o autor ao alertar que a produção de discursos sobre o outro implica uma relação de poder social da ordem do controle, que por vezes resulta em abuso de poder, ou seja, que gera injustiças sociais e desigualdades. Assim como o Van Dijk, optamos por adotar um caminho analítico crítico, por acreditarmos que o analista deve ter consciência de seu papel na sociedade.

É importante pontuar que a utilização do termo “enquadramento”, no título deste trabalho, não faz referência ao conceito da teoria da comunicação, uma vez que não objetivamos o aprofundamento particular nessa disciplina, mas se refere ao recorte feito pela mídia na retratação de um Haiti específico, priorizando, assim, a perspectiva sociocultural que envolve dita opção.

O presente trabalho está dividido em três capítulos, além desta introdução e das considerações finais. No primeiro capítulo, intitulado “Haiti: país de diáspora e de indesejáveis”, apresentamos um panorama da diáspora e dos principais fluxos migratórios dos haitianos no século XX, relacionando-os com a história do país, procurando mostrar que, apesar das particularidades, na maior parte dos casos, eles foram vistos e tratados como indesejáveis.

No segundo capítulo, intitulado “Tragédia natural e tragédia social – o recorte da precariedade no Haiti em 2010”, analisamos a construção e a estruturação das imagens pejorativas sobre o Haiti pautadas na ideia de precariedade a partir das notícias produzidas pela Rede Globo sobre o terremoto de 12 de janeiro de 2010. Também procuramos evidenciar a relação que a mídia traça entre tragédia natural e tragédia social e como essas imagens alicerçam a visão estereotipada dos haitianos em diáspora no Brasil e norteiam a posterior

manutenção das mesmas, sobretudo entre 2012 e 2016.

No terceiro capítulo, intitulado “Estereotipagem dos haitianos em diáspora e a consolidação/manutenção da imagem pejorativa do Haiti (2012-2016)”, observamos a manutenção das imagens sobre o Haiti e a ampliação da cobertura e do alcance destas imagens, a partir da diversidade dos produtos midiáticos produzidos pela Rede Globo entre 2012 e 2016, que serviram como base para a constituição da estereotipagem dos haitianos em diáspora no Brasil. Também procuramos mostrar como os aspectos centrais dos capítulos anteriores, como a indesejabilidade, a precariedade, o racismo e a tragédia social são utilizados para compor as imagens pejorativas sobre os haitianos.

CAPÍTULO 1 – HAITI: PAÍS DE DIÁSPORA E DE INDESEJÁVEIS

Minha haitianidade, por assim dizer, nunca foi questionável para mim porque passei anos investigando criticamente questões de identidade enquanto fenômenos paralelamente sociais e pessoais. A análise social confirmou o exame individual, levando-me a perceber e a fazer as pazes com o fato de que eu sempre pertenci a dois Haitis. Havia aquele que, devido à migração, estava sendo recriado na diáspora, e aquele, na esfera pública, que continuamente se chocava com o da minha memória. Ou talvez houvesse três Haitis. Em todo caso, o Haiti que deixei para trás era o que estava mudando na minha ausência, enquanto aquele em que vivi como membro de sua diáspora, tinha elementos estáticos, como se repousasse na nostalgia. Por isso, eu vivo com uma aguda consciência de que harmonizar meus Haitis, inevitavelmente, significa aceitar que há limites para o meu entendimento, dada a complexidade da minha posição de nativa e estrangeira. Finalmente, porque o Haiti da minha família e do mundo socioeconômico em que cresci abrangia tal continuidade variante entre classe e cor e urbano e rural, o Haiti e os haitianos, historicamente, sempre foram plurais para mim. (ULYSSE, 2015, p. 17, tradução nossa)⁵.

Gina Athena Ulysse, que viveu a maior parte de sua vida nos Estados Unidos, sintetiza a condição diaspórica na qual vivem entre 4 e 5 milhões de haitianos, cerca da metade da população do Haiti (HANDERSON, 2015a). Esse contingente significativo consolida a importância do fenômeno da diáspora para pensar e compreender o país. A autora, ao vislumbrar os distintos Haitis dos quais faz parte, ressalta a contradição existente entre seu Haiti pessoal - que pode ser entendido como a mescla de um Haiti ressignificado no processo de diáspora e de um Haiti onde viveu no passado - e o social - da esfera pública -, que entra em conflito com o de sua memória. O denominado Haiti da esfera pública é fundamental, no entanto, para a construção do primeiro, da esfera pessoal, uma vez que a experiência e a percepção do sujeito em diáspora são inevitavelmente afetadas pelos imaginários sociais acerca dos imigrantes, presentes no país de residência.

Este trabalho tratará fundamentalmente do Haiti social, ou da esfera pública. Não obstante, para uma compreensão mais ampla dos distintos Haitis, é importante apresentarmos e diferenciarmos as noções e os usos dos termos “diáspora”, constituído no âmbito do Haiti

⁵ My Haitianness, if you will, was never questionable to me, because I had spent years critically investigating issues of identity as both social and personal phenomena. The social analysis confirmed the individual examination, leading me to realized and make peace with the fact that I would always be part of two Haitis. There was the one that, due the migration, was being re-created in the diaspora, and the one in the public sphere that continually clashed with the one in my memory. Or perhaps there were three Haitis. In any case, the Haiti I left behind was one that was changing in my absence, while the one I lived in, as a member of it's diaspora, had elements of stasis, as it was couched in nostalgia. Hence, I live with a keen awareness that negotiating my Haitis inevitably means accepting that there are limits to my understanding, given the complexity of my position as both insider and outsider. Finally, because the Haiti of my family and the socioeconomic world I grew up in encompassed such a continuum of class and color and urban and rural referents, Haiti and Haitians historically have always been plural to me. (ULYSSE, 2015, p.17)

“pessoal” referido por Ulysse, e “migração”, constituído no âmbito do Haiti “social”, na esfera pública, aspectos que nortearão este primeiro capítulo.

Consideramos relevante a reflexão em torno destas noções (diáspora, migração e indesejabilidade) e as relações entre elas para alcançarmos uma melhor compreensão sobre as imagens que foram construídas acerca do Haiti e, conseqüentemente, dos haitianos, pela mídia estrangeira e, em especial, brasileira. Assim, o objetivo deste capítulo é apresentar um panorama da diáspora e dos principais fluxos migratórios dos haitianos, sobretudo ao longo do século XX, procurando assinalar que, apesar das especificidades dos casos, na maioria das vezes, eles foram vistos e tratados como indesejáveis.

Para lograr o objetivo, este capítulo se dividirá em três partes principais: na primeira abordaremos a noção de diáspora para os haitianos, fundamental para pensarmos e compreendermos o Haiti, diferenciando-a da noção de imigrante para os estrangeiros; na segunda trataremos da migração e dos principais fluxos migratórios do século XX, relacionando-os com a própria história haitiana e as noções mencionadas (diáspora, migração e indesejabilidade); e na terceira trataremos especificamente do caso do Brasil, a fim de contextualizar a chegada dos haitianos no país após o terremoto de 2010.

1.1 Diáspora

Um importante ponto de partida para esta pesquisa é a conceituação e delimitação do termo diáspora no universo haitiano. Segundo Nina Glick-Schiller (2011, apud HANDERSON, 2015a) a utilização mais ampla do termo se inicia no movimento popular contra a ditadura duvalierista entre os haitianos que viviam nos Estados Unidos na década de 1980, com o intuito de reivindicar direitos políticos e denunciar os horrores da ditadura, em níveis transnacionais e, no contexto nacional, passa a ser popularizado com o retorno dos exilados em 1986.

De acordo com Joseph Handerson (2015a), a relevância da incorporação do termo no âmbito nacional é inegável uma vez que parte expressiva da população haitiana se estabeleceu no exterior ou se encontra em mobilidade, tornando-a um instrumento político e de representatividade pelo qual se poderia reaver certos direitos pressupostos da cidadania. No entanto, a Constituição haitiana de 1987 restringe alguns direitos como votar ou se candidatar a certos cargos políticos, por exemplo, aos que supostamente abdicam da nacionalidade haitiana quando se naturalizam em território estrangeiro. Sendo assim, a emenda

constitucional promulgada pelo ex-presidente Michel Martelly, em 2012, que acede o direito à dupla nacionalidade, é considerada um marco histórico para a comunidade haitiana por ampliar a participação da comunidade em diáspora na vida política do país. Ressalta, portanto, que:

A instrumentalização política da diáspora haitiana apresenta certa ambiguidade. Quando os haitianos da diáspora são convidados ou acionados pelo governo a fim de contribuir para o desenvolvimento do seu país, geralmente são considerados atores mobilizadores de recursos econômicos. Por mais que a emenda constitucional permita uma nova reflexão sobre o lugar da diáspora na esfera política do país, as práticas reais continuam sendo antagônicas. A inserção das pessoas diáspora como agentes políticos, notadamente nas eleições, não é de fato incentivada. (HANDERSON, 2015a, p. 58)

A restrição ou a falta de incentivo para a participação política dos cidadãos em diáspora pode ocultar um intento de evitar o aumento da pressão exercida sobre o governo, o que colocaria em risco a manutenção do *status quo*. Por outro lado, quando se trata da dimensão simbólica, a menção feita pelo ex-presidente Jean-Bertrand Aristide a um décimo departamento⁶, do qual os haitianos em diáspora fariam parte, contribuiu para a construção da ideia de que eles eram partícipes da vida nacional, sugerindo uma relação ambígua de pertencimento. Se por um lado há uma necessidade econômica de integrar a comunidade em diáspora, é perceptível a existência de certo temor de que ela se torne demasiado representativa politicamente.

Handerson (2015a; 2015b) explica que as dimensões temporal e espacial são fundamentais para a compreensão do termo no contexto em questão, aplicando-se por abarcar dois universos, um subjetivo e um objetivo, que compõem a identidade daquele povo. A diáspora se relaciona diretamente à outra ideia, a de *chèche lavi*, ou a busca por melhores condições de vida que não são encontradas no país, e pressupõe o retorno temporário ao Haiti, percebido como uma *nova chegada* e tido como um valor moral:

A *nova chegada* ao Haiti caracteriza-se como uma visita viabilizada por meio dos laços afetivos, familiares, de amizade ou laços com as casas construídas no Haiti. As construções de casas e os laços com o Haiti também contribuem para a pessoa diáspora não se isolar do próprio país. Do ponto de vista dos que ficam, a volta da pessoa diáspora constitui um ato e uma demonstração de fidelidade ao Haiti e aos familiares. Glick-Schiller e Fouron (2001) se referem a esses laços familiares e sociais como “laços de sangue com o Haiti”. (HANDERSON, 2015a, p. 60)

Afirma, ainda, que a diáspora se situa na condição constante de mobilidade, sobre o

⁶ O Haiti possuía nessa época nove distritos administrativos, conhecidos como departamentos. O décimo departamento geográfico, denominado Nippes, foi criado em 2003, mas em 1991 o presidente Jean-Bertrand Aristide falou dos haitianos em diáspora como pertencentes a um emblemático décimo departamento (HANDERSON, 2015a).

tripé: ir, voltar e retornar (ao estrangeiro). Em torno dela cria-se a imagem e a expectativa de sucesso econômico, e parte considerável da economia haitiana é mantida por meio do envio de remessas⁷. O sociólogo haitiano Franck Seguy (2014) coloca que, devido a um sentimento de inferioridade, fruto, entre outras coisas, de diferenças salariais entre nacionais e estrangeiros (o que se estende para estrangeiros naturalizados no exterior), a diáspora pode ser vista como prestigiosa, independentemente da origem social. Nesse sentido, há um amplo campo semântico que compõe o universo da diáspora, como *lajan dyaspora* e *kay dyaspora*, que se referem, respectivamente, ao dinheiro que se consegue durante a diáspora e à casa que se compra com o dinheiro da diáspora (HANDERSON, 2015b).

É notável a complexidade da diáspora haitiana, e o Haiti possui um intenso histórico de mobilidade. Handerson (2015b) sustenta que as peculiaridades da luta pela independência e a libertação dos escravos geraram uma cultura de mobilidade, migração e *maronnage*⁸. Segundo Denise Cogo (2014):

A perspectiva de uma constituição multiterritorial da diáspora haitiana supõe o entendimento da diáspora como uma identidade coletiva não limitada a um contexto pós-colonial, mas que pode emergir de toda situação de dispersão dos migrantes haitianos pelo mundo e no interior dos próprios países de migração, sendo tecida por uma multiplicidade de identificações, vínculos e cruzamentos e não apenas pela polarização entre identidade nacional homogênea entre o país de origem e os de migração. As diásporas migratórias desempenham não apenas um papel de suporte das trocas e de facilitadoras das relações entre seus membros, mas são também capazes de favorecer e mesmo ativar processos de elaboração identitária que conduzem à própria existência de uma diáspora. São experiências que podem suscitar, ainda, tomadas de consciência identitárias e desejos de sua própria redefinição como comunidades na dispersão. (Scopsi, 2009). (COGO, 2014, p.27-28).

Handerson (2015b) também divide em quatro os principais fluxos migratórios haitianos a partir do século XX: o primeiro entre 1915-1943, quando ocorre a emigração de haitianos aos países também caribenhos Cuba e República Dominicana; o segundo entre final dos anos 1940 até início dos anos 1980, momento em que se instaura a ditadura dos Duvaliers, e a elite haitiana passa a enviar seus filhos para estudar nos Estados Unidos e os intelectuais e a classe média negra vão ao exílio até a morte do ditador. Ademais, a presença haitiana se alastra para o Canadá e países africanos francófonos - como Benin, Senegal e República do Congo - e caribenhos - como Bahamas, Martinica, Guadalupe, Suriname e Guiana Francesa-, que muitas vezes servia como ponte para chegar à França; o terceiro na primeira metade dos anos 1990, cujos principais destinos foram República Dominicana, Cuba, Estados Unidos,

⁷ Segundo o autor: “Esse valor representa 24% do Produto Interno Bruto (PIB) anual, embora as transferências legais observadas nesses dados não incluam envios informais. A diáspora haitiana possui um papel crucial na vida social e econômica do país.” (HANDERSON, 2015a, p. 62).

⁸ Segundo ele, a expressão se refere ao fenômeno de fuga dos escravos no período colonial, conhecido em espanhol como *cimarronada*. Sua utilização persiste até os dias atuais para designar aqueles haitianos que estão fugindo em âmbito nacional ou transnacional (*marron*).

Guadalupe, Guiana Francesa e Bahamas; e o quarto em 2010, após o terremoto de janeiro, quando o Brasil se torna um destino.

1.2 Fluxos migratórios (1915-2010)

A partir da divisão dos principais fluxos migratórios proposta por Handerson (2015b), este subcapítulo apresentará um panorama de três dos principais fluxos migratórios do século XX (o primeiro, o segundo e o quarto⁹), procurando assinalar que, apesar das especificidades, os haitianos foram geralmente vistos como indesejáveis. Assim, também pretendemos mostrar mais um dos Haitis mencionados na introdução deste capítulo, o “Haiti social”, constituído na esfera pública a partir dos usos e noções de imigração. No entanto, adotaremos o termo “diáspora” ao longo do texto.

1.2.1 Primeiro fluxo migratório: República Dominicana e Cuba (1915-1943)

Abordaremos com mais cuidado o caso da República Dominicana devido ao caráter emblemático que possui a diáspora haitiana naquele país em cuja identidade nacional se construiu, especialmente durante a ditadura de Leonidas Trujillo, atrelada à ideologia anti-haitianista e em oposição à ideia de haitianidade, que passa a ter um eixo definidor pautado na questão racial. Essa ocorrência nos é particularmente relevante uma vez que exemplifica a expressão mais explícita da indesejabilidade da diáspora haitiana dentre os países analisados, enredada, ademais, à raça, aspecto fundamental neste trabalho.

Além disso, a história haitiana e a história dominicana são inextricáveis, não apenas por compartilharem o território geográfico insular, mas também porque os dois países não se desenvolveram de modo isolado, mas sob uma influência sociocultural e até mesmo econômica direta um do outro. Sendo assim, consideramos inevitável falar da República Dominicana ao falar da história haitiana.

Optamos por apresentar uma contextualização histórica que abarque um período mais longínquo por julgarmos o processo de independência haitiana substancial para melhor compreender a atual conjuntura do país.

Falaremos também da diáspora haitiana em Cuba, ainda que brevemente, visando

⁹ Não apresentaremos o terceiro fluxo, pois mostrar as especificidades de tratamento oferecido aos haitianos em cada um dos países demandaria um tempo maior de pesquisa - uma vez que não encontramos estudos gerais sobre o tema-, que ultrapassaria os limites e o objetivo deste trabalho. Ainda assim, pretendemos tratar deste tema em estudos futuros.

elucidar que a presença haitiana, desde esse primeiro momento e mesmo que utilizada para suprir uma carência laboral de baixo custo na ilha, desagradava a ponto de ser marginalizada, por ser predominantemente negra.

1.2.1.1 República Dominicana

Segundo Julissa Peña (2012), a ilha que se divide hoje entre Haiti e República Dominicana foi a primeira colônia espanhola nas Américas. Chamada por Colombo de La Española, em 1492, a ilha de Hispaniola foi inicialmente explorada, como era de costume nas colônias espanholas, na busca por ouro e prata. As populações autóctones Arawak e Taíno foram dizimadas graças à transmissão de doenças trazidas pelos espanhóis e ao trabalho forçado, reduzindo-a, segundo Emir Sader, de entre meio e um milhão de pessoas, aproximadamente, para 60 mil no período de 15 anos (SADER, 2004 apud SOARES e DA SILVA, 2006), o que levou à introdução da escravidão africana, em 1520, voltada para o *plantation*¹⁰.

Ao longo do século XVI a Espanha se focou nas colônias que, como Peru e México, possuíam mais ouro e prata e, ademais, vivia uma situação instável graças às constantes guerras contra França e Inglaterra. Os dois países, por sua vez, não cessavam de enviar corsários para ataca-la e amedronta-la em suas colônias. Diante dos constantes ataques, a Espanha tomou algumas medidas preventivas, como a construção de um muro ao redor da cidade de Santo Domingo e a utilização de rotas marítimas alternativas, o que, aliado à redução do interesse espanhol na ilha, gerou o aumento do comércio ilegal. A alternativa encontrada pelo governo espanhol para acabar com ele foi desocupar a parte noroeste da ilha, deslocando a população para a capital¹¹, o que invés de impedir a invasão, a estimulou, uma vez que o acesso se tornou mais fácil. Unido às constantes invasões de corsários, Holanda, França e Inglaterra tentam novamente invadir a ilha em 1630, utilizando a ilha vizinha de Tortuga como base.

Em 1697 a Espanha se rende abdicando da parte oeste do território insular, que passa a ser a colônia francesa de Saint-Domingue, por meio do Tratado de Ryswick. O tratado, entretanto, não chega a definir uma fronteira fixa entre os dois territórios, e seu afrouxamento

¹⁰ A ilha não dispunha de grandes reservas de ouro e prata, mas possuía condições ideais para o plantio de cana e a criação de gado, o que definirá posteriormente a produção das colônias francesa e espanhola, respectivamente (PEÑA, 2012, p.18).

¹¹ Esse processo de despovoamento ficou conhecido como *devastaciones*.

por parte dos colonos franceses perturbava os colonos espanhóis (PEÑA, 2012). Agregado às supracitadas invasões anteriores ao tratado, esse fator possivelmente contribuiu para germinar certa inimizade advinda, principalmente, do lado espanhol, que supostamente havia saído prejudicado. Essas tensões de natureza territorial, como se verá, perpassam toda a história domínico-haitiana.

Saint-Domingue fica conhecida como a “pérola das Antilhas” uma vez que se torna a mais lucrativa colônia francesa e das Américas de modo geral, *“produzindo metade do café consumido no mundo e quase o equivalente de açúcar exportado por Jamaica, Cuba e Brasil juntos.”* (EL YOUSSEF, 2009, p.2). Para tal, seu território é utilizado extensiva e exaustivamente e sua população passa a ser composta por 90% de africanos escravizados, importados para suprir a demanda de mão de obra (SOARES e DA SILVA, 2006; PEÑA, 2012). Segundo Seguy (2010), a colonização francesa se mostrou ainda mais brutal que a espanhola, destruindo cerca de 45% do território e reduzindo a expectativa média de vida do escravizado para apenas sete anos.

Do lado oriental da ilha, diante da queda do preço do açúcar provocada pela vasta oferta de produto proveniente do Brasil e de Saint-Domingue, Santo Domingo reduz sua produção e volta-se para a pecuária. O tipo de sistema de exploração adotado nas duas colônias interfere no modo como se desenvolvem suas respectivas construções acerca da raça, trazendo para Saint-Domingue grande sincretismo identitário dado o grande número de população escravizada e, para Santo Domingo, onde a escravidão se desenvolveu em números significativamente menores, um tratamento “menos violento” dado que a colônia não possuía capital suficiente para repor constantemente o contingente de escravizados¹² (PEÑA, 2012).

Esses aspectos podem ter interferido, portanto, na maneira como questões necessariamente atreladas à presença e configuração das populações negras escravizadas, como é o caso das noções de raça intrínsecas ao pensamento social nas duas nações, se conformaram. Mais prontamente interferiram em seus processos de independência. Como ressalta Peña (2012), Santo Domingo gozava de relativa liberdade, enquanto Saint-Domingue era mantida sob um controle rígido do governo francês, o que afetava todos os segmentos da sociedade: a elite branca, que aspirava expandir seu poder para além do controle da metrópole; os brancos pobres e negros libertos, que buscavam adquirir o respeito que lhes havia sido

¹² Os diversos tipos de escravidão desenvolvidos nas sociedades coloniais apresentam particularidades, mas não concordamos com estabelecer uma escala para classificá-los como mais ou menos brandos, uma vez que todos foram extremamente violentos. Salientamos que a autora se refere com ressalvas a uma suposta escravidão menos danosa em Santo Domingo para referir-se à expectativa de vida dos escravizados: “Slaves therefore were ‘treated better,’ and their life expectancy was longer.” (PEÑA, 2012, p.21).

negado pelas classes altas; e escravizados que padeciam de tratamento excessivamente violento e estavam cansados dos abusos sofridos.

Nesse contexto, a Revolução Haitiana, liderada por Toussaint Louverture, se instaura como um longo processo de lutas que perdura de 1791 a 1804. Ao tornar-se independente, o Haiti herdou um território devastado e esse estava longe de ser o principal problema da jovem nação. Herdou, também, um embargo econômico por parte da França e dos Estados Unidos e, em 1925, uma dívida que lhe impunha o pagamento de 150 milhões de franco-ouros (aproximadamente 21 bilhões de dólares) à França em troca do reconhecimento de sua independência (MELANI, 2010; PEÑA, 2012; SEGUY, 2010). Esse dinheiro seria conseguido por meio da exploração do campesinato e do meio ambiente, o que deixaria marcas severas. Como afirma Ricardo Melani (2010):

O Haiti como país independente nasceu isolado, com uma dívida impagável, arrasado pela guerra da independência, extenuado pelo trabalho escravo e dilapidado pela metrópole francesa, que transformou as terras haitianas em uma grande plantação de açúcar. Os valorosos negros do Haiti, que ousaram fazer sua própria história, herdaram uma ruína. (MELANI, 2010, p.23).

O caráter emblemático de uma bem-sucedida revolução negra em um momento em que os negros são escravizados e vistos pelo mundo ocidental como incapazes de se organizar enquanto sociedade, uma vez que não se inserem, enquanto indivíduos, no que se entende como civilização, é substancial para compreender suas consequências. Arelado a isso está a estrutura na qual se pauta o sistema mercantilista, que se desenvolverá desembocando no atual sistema capitalista, alicerçada em uma divisão hierárquica racializada do trabalho, como antevê Aníbal Quijano (2005). Nessa divisão, os negros escravizados ocupam o estrato inferior da sociedade e qualquer subversão desse quadro indicaria uma falha nefasta no sistema, ameaçando diretamente os interesses da metrópole, da elite crioula e da população branca de modo geral.

Segundo Ada Ferrer (2012), há dois tipos principais de reação à Revolução Haitiana. Por um lado, buscou-se negligenciar, silenciar ou subestimar o que ela foi e seu verdadeiro impacto. Nesse sentido nota-se nas primeiras reações à Revolução um intento de deslegitimar as ações dos negros delegando as ideias revolucionárias a agentes externos, ora ou outra superestimando a influência que os ideais da Revolução Francesa exerceram no contexto haitiano, ou mesmo culpando os proprietários de escravos por supostamente não saberem controlá-los de forma eficaz, como se não fosse possível que uma revolução germinara, florescera e semeara pela consciência, capacidade e vontade dos próprios negros. Como consequência prática desse ofuscamento, em termos historiográficos, até hoje se sabe muito

pouco sobre a Revolução Haitiana, dado sua importância, e esse conhecimento é frequentemente enviesado por uma perspectiva eurocêntrica.

Por outro lado, sua relevância não pôde passar despercebida e foi inevitável falar sobre ela em qualquer sociedade escravista ou que estivesse minimamente envolvida com o colonialismo. Durante muito tempo a imagem do Haiti foi evocada, fosse para alertar o perigo iminente de que a história se repetisse para além do jovem país, fosse entre escravizados e libertos ao proferirem palavras de liberdade, fosse para justificar escolhas históricas. Essas duas reações antagônicas coexistem e se confundem.

Segundo Alain El Youssef (2009), com a Inglaterra ocupando um papel de hegemonia econômica e política mundial, a indústria demandava matéria-prima em níveis nunca antes vistos. Se ante esse fenômeno em algumas colônias, como as Antilhas inglesas, a escravidão foi suprimida, em outras, como Brasil, Cuba e Estados Unidos, ela foi reconfigurada e expandida para dar conta de produzir contingente suficiente de matéria-prima, dando início ao que se pode chamar “segunda escravidão”. Essas mudanças no sistema escravista se deram em grande medida graças à Revolução Haitiana, já que uma vez independente, a antiga colônia de Saint-Domingue deixou uma lacuna no mercado internacional, que foi rapidamente preenchida pelo aumento emergencial na produção de açúcar, principalmente em Cuba.

Apesar da expansão da escravidão e do endurecimento de algumas práticas de cativeiro para aumentar a produção sem que o aumento do número de escravos criasse um cenário propício para instigar outra revolução, tamanho é o impacto causado pela Revolução Haitiana que os escravos e negros libertos da região atlântica passam a discutir os fatos ocorridos no Haiti, revigorando seus atos de resistência. Os atos políticos e de resistência e as práticas revolucionárias que estivessem de algum modo, atrelados ao ocorrido em Saint-Domingue passaram a ser chamados pela elite branca amedrontada de “haitianismo” (NASCIMENTO, 2008; NASCIMENTO, 2015).

Enquanto Saint-Domingue lutava por sua independência, do outro lado do Atlântico, Napoleão punha em prática seu projeto expansionista na Península Ibérica. Com a Espanha ocupada, a França ganhava controle sobre o lado espanhol da ilha, ocupação essa que, como citado anteriormente, contribuiu para a construção do sentimento anti-haitianista. As classes altas dominicanas se sentiam desamparadas em termos de direitos e temiam que a escravidão fosse abolida, assim como havia sido no território vizinho em um intento de apaziguar a insurreição contra o governo Francês. Ameaçar o sistema escravocrata desestabilizaria as estruturas raciais criadas pelos espanhóis e mantidas pela elite branca, muito embora a sociedade dominicana não fosse tão profundamente dependente da mão de obra escravizada

(PEÑA, 2012). Sendo assim, o conflito de interesses entre o governo francês e a elite dominicana é indicativo da influência direta da última na construção da ideologia anti-haitianista.

Quando as notícias da ocupação francesa no lado oriental da ilha chegaram a Saint-Domingue, Louverture reuniu suas tropas e marchou em vistas de libertar o território vizinho. Louverture conseguiu ocupar legalmente Santo Domingo por meio de um decreto assinado pelo governador, abolindo a escravidão e, nos meses seguintes, promovendo uma ampla reforma agrária que deixaria a elite ainda mais furiosa. A classe alta, segundo a autora, estava ressentida por ser subordinada não apenas à França, mas agora também à antiga população escrava de Saint-Domingue. A segunda invasão a Santo Domingo ocorreu em 1805, agora com o Haiti independente, e foi uma medida para evitar que tropas vindas da Europa pudessem acessar a recém-independente nação através da pouco povoada colônia vizinha. De 1808, quando logrou se libertar, a 1821, Santo Domingo voltou para as mãos da Espanha. Em 1822, o presidente haitiano Jean Pierre Boyer ordenou que suas tropas invadissem novamente a ilha sob a mesma justificativa de temor a uma invasão, permanecendo no controle da região por 22 anos. Nesse período se aboliu novamente a escravidão, que havia sido restaurada, e nacionalizaram-se e redistribuíram-se terras privadas, enfurecendo as classes altas, que se mobilizaram contra o Haiti, alcançando sua independência em 1844 (PEÑA, 2012).

Imigração haitiana para a República Dominicana

Em 1915, os Estados Unidos justificam a primeira invasão ao Haiti (1915-1934) sob o pretexto do endividamento e promovem um verdadeiro arrebatamento de ouro e de camponeses, que serviriam de mão de obra em suas plantações de cana-de-açúcar em Cuba e na própria República Dominicana. Segundo Seguy (2014):

Fieis à tradição da “Doutrina Monroe”, e procurando não permitir que a Europa intervenha nos negócios deste lado do Atlântico, os Estados Unidos se aproveitam da instabilidade estabelecida no Haiti por causa, entre outras, das dificuldades geradas pela dívida colonial para ocuparem militarmente o país. Ainda mais que já haviam ocupado a vizinha República Dominicana desde 1865. (SEGUY, 2014, p.171).

Ainda sobre isso:

O endividamento do Haiti serviu de pretexto para os Estados Unidos justificarem a primeira invasão do país (1915-1934). Os invasores ianques, como primeiro ato, esvaziaram abertamente o Banco Central da República, levando a sua reserva de ouro para Washington. Igualmente, eles roubaram ferozmente os camponeses das suas parcelas de terras. Esses camponeses “foram embarcados”, como na época da escravização, para as plantações de cana-de-açúcar estadunidenses em Cuba e na República Dominicana. Porque, decretou o ocupante: “A mão de obra negra é mais rentável e menos dispendiosa”. Nas terras roubadas, implantaram companhias de

produção açucareira, de banana e borracha. Assim, por exemplo, a Haytian American Sugar Company (HASCO) roubou 7.532 hectares; a Haytian Products Company, 3.166 hectares; a HADC, 4.410 hectares; a Société Haïtienne de Développement Agricole apoderou-se de 12.403 hectares. Boa parte dessas terras foi transformada em deserto. É o caso de Savann Dezole (Gonaïves), onde morreram 3 mil pessoas, em 2004, no momento da passagem do furacão Jeanne. (SEGUY, 2010, p.11).

Esse período marca o início da imigração haitiana para o país com o qual compartilha a ilha, enquanto fenômeno massivo. Uma vez que a escravidão já havia sido abolida em praticamente todo o Caribe¹³, gerou-se grande demanda de mão de obra assalariada em Cuba e na República Dominicana, países em cujo plantio da cana-de-açúcar se consolidou fortemente devido às características geográficas, e, já que os mesmos não possuíam contingente nacional capaz de suprir a carência laboral, buscou-se a alternativa menos nociva economicamente: contratação de imigrantes a salários baixíssimos (WOODING et al., 2004). A imigração, inicialmente proveniente de ilhas caribenhas de colonização britânica, não tarda a se tornar majoritariamente haitiana:

Estima-se que anualmente, entre 1913 e 1931, chegaram à província de Oriente de Cuba entre 30 e 40 mil trabalhadores haitianos. A República Dominicana, cuja indústria açucareira era menor do que a cubana, recebeu um número considerável de trabalhadores até que, em 1919, o governo militar da ocupação estadunidense introduziu o sistema de contratos regulamentados para a importação de trabalhadores. Ainda que não se conheça o número exato de trabalhadores haitianos contratados em cada ano nas décadas posteriores a 1919, a cifra é estimada em torno de 5 mil anuais. Os censos dominicanos registraram 28.258 haitianos em 1920 e 52.657 em 1935. (WOODING et al., 2004, p.26, tradução nossa)¹⁴.

O Haiti forjou com sua própria história uma tangente de resistência à espoliação e à truculência a que eram submetidos territórios e povos e parece pagar o preço até os dias atuais. A alarmante situação socioeconômica do país tem constantemente encabeçado, desde sua supracitada “inauguração” diaspórica, a busca haitiana por melhores condições de vida no estrangeiro. A vizinha República Dominicana apresenta uma realidade diferente e se situa próxima o bastante para atrair enorme interesse enquanto destino de diáspora. De acordo com dados de 2001, Bridget Wooding et al. ressaltam (2004):

O ingresso per capita dos dominicanos é quatro vezes maior que o dos haitianos. A expectativa de vida é significativamente menor no Haiti (53 anos versus 67 anos). A

¹³ Cuba foi o último país do Caribe a abolir a escravidão, no ano de 1880.

¹⁴ Se calcula que cada año entre 1913 y 1931 llegaron a la provincia de Oriente de Cuba entre 30 y 40,000 braceros haitianos. La República Dominicana, cuya industria azucarera era menor que la cubana, recibió un número considerable de trabajadores hasta que en 1919 el gobierno militar de ocupación estadounidense introdujo el sistema de contratos regulados para la importación de braceros. Aunque no se conoce el número exacto de braceros haitianos contratados cada año en las dos décadas posteriores a 1919, la cifra se estima en unos 5,000 anuales. Los censos dominicanos registraron 28,258 haitianos en 1920 y 52,657 en 1935. (WOODING et al., 2004, p.26).

desnutrição e mortalidade infantis no Haiti são o dobro das do país vizinho. A taxa de analfabetismo é de 49% no Haiti, comparada com 15% na República Dominicana. As taxas de crescimento econômico também mostram diferenças importantes nos últimos tempos: entre 1991 e 2001, a economia dominicana teve um crescimento anual médio de 6.3%, o que equivale a 4.5% per capita. As cifras correspondentes para o Haiti são de 0.0% e -2.1%. (WOODING et al., 2004, p.26, tradução nossa)¹⁵.

Desse modo, se por um lado há uma demanda que atrai imigrantes para a República Dominicana, há, por outro, fatores que impulsionam a emigração de haitianos. Nesse primeiro marco migratório se situa um dos acontecimentos históricos mais brutais da região: o massacre no qual, sob as ordens do então ditador dominicano Rafael Leonidas Trujillo, são exterminados milhares de haitianos, e que ficou conhecido como *la masacre de perejil*.

O General Rafael Leonidas Trujillo governou um regime ditatorial na República Dominicana de 1930 a 1961, ano em que foi assassinado. Seu governo foi extremamente sangrento e opressor, de modo que se estimam mais de cinquenta mil assassinatos a seu comando. Com o Estado personificado em sua figura, Trujillo condicionou todos os agentes da vida social aos interesses do governo, alcançando uma subordinação completa da sociedade. Encontrou no país o cenário perfeito para o desenvolvimento de sua ditadura (CASSÁ, 2001):

A ditadura de Trujillo se sustentou em uma sociedade agrária, politicamente passiva e por vezes permissiva das ações do Estado, sempre quando não alterasse certas ordens seculares, o que lhe permitiu operar uma exploração sistemática da sociedade como um todo, cujo eixo se encontrava naturalmente no próprio setor agrário. (CORDERO, 1999 apud CASSÁ, 2001, p.115, tradução nossa)¹⁶.

Em outubro de 1937, o então ditador ordenou que todos os haitianos residentes nas fronteiras que se pudessem encontrar fossem exterminados. A maneira como se operou a tirania de Trujillo indica que o massacre de milhares de haitianos e dominicanos de ascendência haitiana¹⁷, como propõe Richard Lee Turits (2014), não deve ser simplificado como uma mera rivalidade entre dominicanos e haitianos, pautada em um exacerbado

¹⁵ El ingreso per cápita de los dominicanos es cuatro veces mayor que el de los haitianos. La esperanza de vida es significativamente menor en Haití (53 años versus 67 años). La desnutrición y mortalidad infantiles en Haití duplican las tasas del país vecino. La tasa de analfabetismo es del 49% en Haití, comparada con 15% en la República Dominicana. También las tasas de crecimiento económico muestran diferencias importantes en los últimos tiempos: entre 1991 y 2001 la economía dominicana tuvo un crecimiento anual promedio de 6.3 por ciento, lo que equivale a 4.5 por ciento per cápita. Las cifras correspondientes para Haití son de 0.0 por ciento y menos 2.1 por ciento. (WOODING et al., 2004, p.26).

¹⁶ La dictadura de Trujillo se sustentó en una sociedad agraria, políticamente pasiva y por ende permisiva de las acciones del Estado, siempre y cuando no alterara ciertos órdenes seculares, lo que le despejó el terreno para operar una explotación sistemática del conjunto de la sociedad, cuyo eje se encontraba naturalmente en el propio sector agrario. (CORDERO, 1999 apud CASSÁ, 2001, p.115).

¹⁷ Não se sabe ao certo o número de haitianos mortos, mas estima-se que foram entre 5 e 20 mil de assassinados.

nacionalismo dominicano que se fortalecia em um sentimento anti-haitianista, posto que revele também outras questões relativas à própria sociedade dominicana e suas desigualdades. Segundo o autor, as rivalidades entre a elite e o campesinato, o Estado nacional e os residentes das fronteiras, a centralização de forças e os interesses locais, são fundamentais para compreender o anti-haitianismo e seu discurso xenófobo alicerçado em questões raciais, como um projeto identitário do governo trujillista e das elites dominicanas que se opunham ao que seria considerada a identidade haitiana.

A delimitação de uma fronteira rígida, geográfica e cultural, foi forjada como um ataque contra a coletividade fronteiriça bicultural e transnacional que envolvia tanto haitianos quanto dominicanos. Em outras palavras, o massacre reflete um conflito de perspectivas sobre a nação dominicana que se fortifica ao reiterar um suposto anti-haitianismo histórico apegado a certos essencialismos. Nesse sentido, o pensamento racista das elites dominicanas respaldava os interesses do governo pela região.

A questão fronteiriça era um desafio para o governo, já que seu alcance era tênue e havia ali abundância de terras férteis. Desde o final do século XIX o governo dominicano lutava para consolidar um controle político e econômico nessa região onde dominicanos e haitianos viviam de modo conjunto e autônomo. Ao longo de décadas o Estado tentou cobrar impostos e eliminar o contrabando na fronteira visando lucrar e proteger o comerciante e industrial dominicano. Finalmente, uma fronteira débil poderia facilmente servir como refúgio e base estratégica de revolucionários contra o governo, possibilidade particularmente preocupante durante a ditadura. Sobre isso:

Desde una perspectiva militar, la frontera con o Haití era certamente o calcanhar de Aquiles do regime. O interesse estatal, por muitos anos, de vigiar essa fronteira e controlar a região se intensificava também com a determinação de Trujillo de controlar a economia nacional, impor novos impostos e tarifas, no contexto exterior, e promover a indústria local sob programas de substituição de importações através de altas tarifas. (TURITS, 2004, p.17, tradução nossa)¹⁸.

No início do governo, anterior ao massacre, no entanto, Trujillo parecia inclinar-se à aplicação de políticas de assimilação para a nacionalização da fronteira, no intento de integrar haitianos e dominicanos residentes nas fronteiras ao que se consideraria cultura e sociedade dominicanas. Isso se deu mediante o que se chamou “dominicanización de la frontera”, que

¹⁸ Desde una perspectiva militar, la frontera con Haití era ciertamente el talón de Aquiles del régimen. El interés estatal por muchos años de vigilar esta frontera y controlar la región se intensificaba también con la determinación de Trujillo de controlar la economía nacional, imponer nuevos impuestos y tarifas en el comercio exterior y promover la industria local bajo programas de sustitución de importaciones a través de tarifas altas. (TURITS, 2004, p.17).

abarcava, por exemplo: a mudança de nomes em francês ou crioulo haitiano de pequenas cidades, ruas, arroios fronteiriços etc. para o espanhol; o reforço da presença da Igreja Católica; a expansão do número de escolas nas regiões de fronteira, nas quais se implementou um plano de estudos que enfatizava os símbolos nacionais e o idioma espanhol; incentivo à migração europeia e dominicana para as fronteiras etc. (TURITS, 2004; PEÑA, 2012). Peña (2012) explica esse fenômeno:

A fusão das culturas haitiana e dominicana na fronteira também criou um grupo de migrantes transnacionais que cruzavam a fronteira diariamente para trabalhar, estudar e acessar outros serviços. Esses indivíduos falavam tanto espanhol quanto crioulo haitiano. Ademais, uma mescla de culturas também significava uma mistura de religiões; muitos dominicanos residentes nas regiões fronteiriças eram familiarizados e praticavam religiões afro-caribenhas, como o vodu, uma religião de matriz africana comumente praticada no Haiti. Por essas razões, a elite dominicana e o regime trujillista convidavam para a “dominicanização da fronteira”. Os objetivos desse programa eram introduzir a migração de trabalhadores dominicanos de pele clara e europeus, que fariam “clarear a raça” das fronteiras e promover a infusão da dominicanidade, comumente definida pela elite como “branca, hispânica e católica”. O sucesso desse projeto era crucial para a elite dominicana e o regime de Trujillo, por significar a unificação dos dominicanos sob uma agenda específica e racializada, que defendia a branquitude e negava a negritude. (PEÑA, 2012, p.43, tradução nossa)¹⁹.

O que permanece como um mistério são as razões precisas que levaram Trujillo a ordenar o massacre. Nos sete anos anteriores, Trujillo mantinha boas relações com o então presidente haitiano Sténio Joseph Vincent²⁰ e parecia orgulhar-se de possuir ascendência haitiana. Seus discursos se demonstravam mais voltados para a integração do que para a segregação das duas nações. Como ressalta Turits (2014), as tentativas de firmar relações com o Haiti e agradar as elites haitianas ocultavam um interesse em obter controle sobre o Estado haitiano e sua população, tornando seu poder aceitável. Ao ressaltar que as duas nações eram irmãs, Peña (2012) afirma que o ditador logrou simultaneamente criar um vínculo entre as duas nações que possuíam desavenças históricas e rejeitar o anti-haitianismo presente no pensamento de diversos intelectuais de sua própria administração, pensamento esse que, como

¹⁹ The fusion of Haitian and Dominican cultures on the border also created a group of transnational migrants who crossed the border on a daily basis for work, school, and other services. These individuals spoke both Spanish and Haitian Kreyol. Moreover, a mixing of cultures also meant a mixing of religions; many Dominican residents from the border regions were familiar with and practiced Afro-Caribbean religions such as Vodou, an African-based religion commonly practiced in Haiti. For these reasons, the Dominican elite and the Trujillo regime were calling for the “Dominicanization of the frontier.” The objectives of this program were to introduce light-skinned Dominicans and European migrant workers who would “lighten the race” to the borderlands, and to promote the infusion of Dominicanity, commonly defined by the elite as “white, Hispanic and Catholic.” The success of this project was crucial to the Dominican elite and the Trujillo regime because it signified the unification of Dominicans under a specific racialized agenda that defended whiteness, and denied blackness. (PEÑA, 2012, p.43)

²⁰ As relações entre os dois presidentes indicavam um cenário inédito na história das relações entre os dois países, uma vez que pareciam haver entrado em um acordo promissor quanto à questão fronteiriça, firmado em 1936, apenas um ano antes do massacre.

se viu anteriormente, virá a legitimar o massacre. Esse posicionamento contraditório permanece como uma verdadeira incógnita, e apesar de algumas teorias tentarem levantar possíveis justificativas para a transformação de sua estratégia, não encontramos nada conclusivo.

No que concerne ao respaldo intelectual do qual Trujillo se utilizou para legitimar sua política anti-haitianista, Manuel Arturo Peña Batlle y Joaquín Amparo Balaguer Ricardo foram figuras centrais que contribuíram para o desenvolvimento de um discurso identitário voltado para a nação dominicana com as pretensões étnicas e culturais do nacionalismo trujillista, baseando-se nas teorias europeias sobre raça, como o racismo científico (TORRES-SAILLANT, 2012; TURITS, 2004; WOODING et al., 2004):

Com a incorporação dos estadistas de elite e dos principais intelectuais da nação a seu regime, Trujillo adquiriu um grupo excepcional de pensadores anti-haitianos, entre os quais se destacavam Joaquín Balaguer, Julio Ortega Frier e, posteriormente, Manuel Arturo Peña Battle, que desempenhariam importantes funções no governo. Esses homens eram parte de uma pequena elite dominicana da época: identificados com a raça branca, haviam cursado os estudos universitários no exterior e, com a exceção de Balaguer, eram membros da classe alta urbana de Santiago e Santo Domingo. Todos haviam nascido mais ou menos durante a virada do século e sido educados na época em que o discurso científico racista tinha ampla difusão na Europa e nas Américas. Imbuídos de noções profundamente racistas e culturalistas, essa geração de funcionários e pensadores anti-haitianos indubitavelmente promoveu a expulsão, em detrimento da assimilação ou incorporação, dos “haitianos” como solução à suposta ameaça racial, cultural, territorial e política que enfrentava a nação dominicana. (TURITS, 2004, p.19, tradução nossa)²¹.

O anti-haitianismo, muito mais do que a ideologia que fabricou o massacre, parece ter sido a ideologia que serviu como pretexto para justificá-lo. Nesse sentido, o autor afirma que parece pouco provável que, dado o impacto que causaria, o massacre ocorresse sem o aporte da ideologia anti-haitianista, bem como que essa visão preconceituosa não tenha afetado a decisão de Trujillo de assassinar em lugar de expulsar os haitianos. Ademais, a imagem pejorativa que foi atribuída aos haitianos parece ter conferido sentido à matança aos olhos da população dominicana. O fato de a população dominicana ser capaz de perceber o massacre

²¹ Con la incorporación de los estadistas de élite y de los principales intelectuales de la nación a su régimen, Trujillo adquirió un grupo excepcional de pensadores antihaitianos, entre los que se destacaban Joaquín Balaguer, Julio Ortega Frier y, posteriormente, Manuel Arturo Peña Battle, quienes desempeñarían importantes funciones en el Gobierno. Estos hombres eran parte de una pequeña élite dominicana de esa época: identificados con la raza blanca, habían cursado estudios universitarios en el exterior y, con la excepción de Balaguer, eran todos miembros de la clase alta urbana de Santiago y Santo Domingo. Todos habían nacido más o menos durante el cambio de siglo y se habían educado en la época en que el discurso científico racista tenía amplia difusión en Europa y en las Américas. Imbuidos de nociones profundamente racistas y culturalistas, esa generación de funcionarios y pensadores antihaitianos indudablemente promovió la expulsión, en lugar de la asimilación o incorporación, de los “haitianos” como solución a la supuesta amenaza racial, cultural, territorial y política que enfrentaba la nación dominicana. (TURITS, 2004, p.19).

como algo razoável reflete outro aspecto que o autor pontuará:

As ideologias racistas são produtos, não apenas causas, da história; produtos que variam profundamente em significado e importância através do tempo e do espaço, como resultado de condições históricas diferentes que, por sua vez, devem ser elucidadas. O que resulta tão chocante no caso do massacre haitiano é que o discurso anti-haitiano do regime de Trujillo era produto – mais que precursor – do terror estatal. Antes do massacre, a principal preocupação estatal relacionada com a “invasão pacífica” não era a haitianização – ainda que isso também constituísse um motivo de preocupação, principalmente entre a elite dominicana –, mas que a densidade da população etnicamente haitiana em partes da fronteira podia validar reivindicações do Estado vizinho por território considerado dominicano. (TURITS, 2004, p.39)²².

Desse modo, concordamos que o anti-haitianismo pós-massacre se configurou como o aproveitamento de uma ideologia que, enquanto tal, refletia aspectos ligados à formação histórica da sociedade dominicana e um pensamento racializado de origem europeia, aonde o negro representava o estrato mais baixo da sociedade e era inferiorizado por supostamente possuir características fenotípicas e intelectuais que o legitimavam como tal, reproduzido pelas elites intelectuais, bem como, concomitantemente, foi um agente ativo na construção e consolidação de uma identidade que se pautava na constante tentativa de distanciamento do haitianismo.

O anti-haitianismo que justificou e legitimou o massacre se utilizava dos tradicionais preconceitos da elite para criticar o “africanismo” haitiano e foi incorporado por essa elite, que via na ideologia racista uma forma de preservar seus privilégios. Eliminando a circulação fronteiriça entre as duas nações (e os próprios haitianos), predominava a visão tradicional elitista de nação dominicana em oposição ao Haiti, aspecto que pode ser percebido por meio do apoio dado ao ditador diante da reação internacional (TURITS, 2014). Como se pôde perceber, a elite exerce historicamente um papel considerável na formação do anti-haitianismo, pré e pós-massacre.

A consolidação do anti-haitianismo no pensamento social dominicano é fundamental para compreender, até a atualidade, a situação dos haitianos na República Dominicana. Constantemente vítimas de xenofobia, encontram ainda inúmeros entraves, inclusive legais, que dificultam sua permanência no país. A título de exemplo:

²²Las ideologías racistas son productos, no solo causas, de la historia; productos que varían profundamente en significado e importancia a través del tiempo y el espacio, como resultado de condiciones históricas diferentes que a su vez deben ser dilucidadas. Lo que resulta tan chocante en el caso de la masacre haitiana es que el discurso antihaitiano del régimen de Trujillo era producto –más que precursor– del terror estatal. Antes de la masacre, la principal preocupación estatal relacionada con la “invasión pacífica” no era la haitianización –aunque eso también constituía un motivo de preocupación, principalmente entre la élite dominicana–, sino más bien que la densidad de la población étnicamente haitiana en partes de la frontera podían validar reclamos del Estado vecino por territorio considerado dominicano. (TURITS, 2004, p.39).

A decisão No. 168/13 do Tribunal Constitucional (TC) da República Dominicana divulga na quinta-feira, 26 de setembro de 2013, arrebatou a nacionalidade aos dominicanos de ascendência haitiana nascidos no país depois de 1929, ou seja, a quatro gerações de pessoas que, durante 8 décadas, foram devidamente registradas como dominicanos, nos termos da Constituição do país e das leis vigentes. Essa sentença, baseada em critérios aberta, exclusiva e essencialmente raciais – por conseguinte racistas –, e considerada por diversas organizações de defesa de direitos humanos como uma violação de pelo menos cinco artigos da própria constituição dominicana, prejudicaria um número bastante considerável da população da República Dominicana, de acordo com o Ministério da Economia do país. Um censo recente deste Ministério mostra que cerca de 500 mil imigrantes haitianos vivem no território dominicano, sem indicar com precisão o número de dominicanos de ascendência haitiana. O Tribunal Constitucional, cujas decisões são inapeláveis, considera que todos os haitianos que entraram na República Dominicana para trabalhar nos canais depois de 1929 estão “em trânsito” e, conseqüentemente seus filhos nascidos no país não podem reivindicar a nacionalidade dominicana a menos que, excepcionalmente, tivessem regularizado seu estatuto migratório. (SEGUY, 2014, p.61).

Essa característica afeta não apenas os imigrantes haitianos, mas a própria população afrodescendente dominicana, que não reconhece a negritude como aspecto constituinte de sua cultura, uma vez que ao fazê-lo estaria automaticamente se distanciando da ideia de dominicanidade. Peña (2012) explica que muitos dominicanos que poderiam se reconhecer como negros optam por utilizar os termos “índio” ou “mulato”, considerados menos pejorativos, enquanto o termo “negro” é considerado ofensivo e está diretamente associado a *ser* ou *ser como* um haitiano. A autora sintetiza a ideia da seguinte forma:

Na República Dominicana, as definições de raça, etnicidade e nacionalidade são confundidas e rearticuladas através de um entendimento de agrupamento, o qual declara que a nação é racial e etnicamente branca e hispânica. Essa conceituação é uma falácia, considerando as longas histórias de indígenas e africanos tanto em Santo Domingo colonial, quanto na República Dominicana pós-colonial e independente. Além disso, as características fenotípicas da população, acopladas com as tradições e valores culturais, exibem uma clara fusão de raças, etnias e culturas. A criação simultânea de uma ideologia racial, étnica e cultural branca e hispânica e a veemente negação da negritude na República Dominicana deram origem a limitações racistas acerca do que significaria ser dominicano. (PEÑA, 2012, p.10, tradução nossa)²³.

O anti-haitianismo dominicano possui raízes nos conflitos coloniais entre Haiti e República Dominicana, uma vez que as disputas territoriais se apresentaram, desde os prelúdios, como produtoras de tensões entre França e Espanha, Haiti e Espanha, Haiti e

²³ In the Dominican Republic, the definitions of race, ethnicity and nationhood are conflated and rearticulated through a groupism understanding, which declares that the nation is racially and ethnically white, and Spanish. This conceptualization is a fallacy, considering the long histories of indigenous and African peoples both in colonial Santo Domingo and in the post-colonial, independent Dominican Republic. Furthermore, the population's phenotypical characteristics, coupled with cultural values and traditions, display a clear fusion of Spanish, indigenous, and African races, ethnicities, and cultures. The simultaneous creation of a white and Spanish racial, ethnic, and cultural ideology and a vehement denial of blackness in the Dominican Republic gave rise to racist limitations on what being Dominican meant. (PEÑA, 2012, p.10).

França e Haiti e República Dominicana, respectivamente. A porosidade da fronteira domínico-haitiana produziu uma sociedade bicultural que nivelou suas diferenças e se reconfigurou em um novo modelo que transgredia a haitianidade e dominicanidade para além da fronteira geográfica e cultural, apresentando-se como um desafio para os interesses do Estado dominicano e fazendo surgir o temor de que seus limites fossem novamente sobrepujados.

Sob a ditadura trujillista os interesses pela questão territorial se sobressaíram e, como fator central em sua política, passaram a ser considerados de caráter emergencial. Ainda que os intelectuais da época injetassem na sociedade dominicana as noções racializadas de inferioridade e superioridade provenientes da Europa, adaptando-as de modo simplista ao contexto nacional, no qual a branquitude se constituiria como uma característica dominicana em detrimento da negritude haitiana, a motivação de Trujillo para ordenar o massacre de milhares de haitianos parece ter vindo do âmbito territorial. Não obstante, o ditador se apropriou do discurso anti-haitianista produzido a fim de justificar, legitimar e consolidar seu projeto político nacionalista. É o anti-haitianismo posterior ao massacre, entre outras coisas, que sustentará sua ditadura.

Ainda que não seja possível depreender com exatidão o que levou o ditador a contradizer drasticamente o anterior posicionamento amistoso perante o Haiti, ordenando o massacre, e tampouco suas reais motivações para tal, é precisamente essa mudança no curso de sua política que permite vislumbrar que ele não sustentava sistematicamente uma ideologia anti-haitianista até então. É possível observar algumas políticas anteriores que timidamente visavam o branqueamento da população, como o incentivo à imigração europeia, mas esse objetivo só se tornará central após o massacre, quando o anti-haitianismo passa a ser sustentáculo de seu nacionalismo.

Na sociedade dominicana atual, o anti-haitianismo é refletido em uma série de âmbitos, como a não identificação de sua população com a ideia de negritude, associada ao país vizinho e, junto a ele, a inúmeros aspectos socioculturais que supostamente se opõem à dominicanidade. Isso afeta sua população afrodescendente e, evidentemente, a vasta população haitiana que migrou para o país e se vê vítima do preconceito produzido pelo anti-haitianismo, ainda mais complexo do que a xenofobia em si.

1.2.1.2 Cuba

Segundo Yanique Hume (2011), muito embora já fosse constatada uma modesta migração haitiana para Cuba desde a primeira década do século XX, entre 1913 e 1931, mais

de trezentos mil trabalhadores provenientes do Haiti e das Índias Ocidentais britânicas chegaram ao país para trabalhar nas plantações de cana-de-açúcar franqueadas pelos Estados Unidos, no período que se conhece como *boom* açucareiro²⁴. Houve dois fluxos principais de imigração: de 1906 a 1912, cuja presença predominante era de homens mais velhos que mantinham suas casas e trabalhavam nos dois países; e de 1915 a 1934, quando, diante da ocupação militar estadunidense, homens mais jovens e famílias passam a migrar com a intenção de se reestabelecerem em terras cubanas. Esse segundo fluxo se caracteriza pela permanência dos trabalhadores haitianos no país, ainda que a migração fosse organizada sazonalmente, uma vez que eles eram contratados pelo período de oito meses, objetivando dividir o trabalho entre a plantação, em setembro, e a colheita, de dezembro a maio. Esse grupo passa a se estabelecer de acordo com os períodos de safra, trabalhando alternadamente entre as plantações de cana e as plantações de café.

Próximo às lavouras eram organizadas espécies de cidades construídas pelas companhias de cana-de-açúcar, que consistiam em acampamentos improvisados e umas poucas casas onde os trabalhadores se alojavam temporariamente durante a época de plantio e colheita. Essas estruturas, comuns em Cuba e na República Dominicana, eram denominadas *bateyes* e possuíam uma estrutura hierarquizada segundo critérios de raça, etnia, classe e nacionalidade. No estrato mais baixo estavam os trabalhadores caribenhos - com uma subdivisão interna que inseria os haitianos na base da pirâmide-, seguidos pelos *guajiros*²⁵ e alguns poucos migrantes anglófonos afro-antilhanos e, finalmente, por empresários cubanos e estadunidenses brancos. Como explica Yanique Hume (2011), essa classe de trabalhadores majoritariamente negros servia de pilar para o funcionamento dos *bateyes*, porém sem a possibilidade de se envolverem política, social e economicamente na sociedade cubana.

Diante dessa nova configuração migratória, os haitianos passaram a ser vistos como uma ameaça à missão civilizatória designada à imigração branca. A população haitiana se torna, durante esse período, a mais desprovida de direitos nos âmbitos legal, econômico e sociopolítico. Em resposta a essa marginalização e no intento de preservar sua permanência na ilha, os haitianos foram obrigados a se retraírem em uma esfera física e socialmente distante da dominante, fixando-se em comunidades no oriente que permanecem até os dias atuais (HUME, 2011).

²⁴ A diáspora haitiana para esse país também ocorre nos três fluxos migratórios subsequentes, em maior ou menor escala, mas o *boom* açucareiro é considerado seu momento mais emblemático.

²⁵ Cubanos pobres e brancos do meio rural.

1.2.2 Segundo fluxo migratório: Estados Unidos (1940-1980)

A ocupação militar dos Estados Unidos no Haiti, que, como foi dito anteriormente, havia iniciado em 1915, durou até 1934. O próprio secretário de Estado norte-americano, Robert Lansing, “*justificou a longa ocupação militar afirmando que a raça negra seria incapaz de governar-se a si própria e que teria ‘uma tendência inerente à vida selvagem e uma incapacidade física de civilização’*” (COGGIOLA, 2010, p.34). Em sua permanência no país, treinaram um exército nacional semiprofissional que se denominou *Garde d'Haiti* e reforçaram a centralização do poder político em Porto Príncipe. O presidente, durante a desocupação, era Sténio Joseph Vincent (1930-1941), que apesar de ser conhecido como um forte opositor da presença estadunidense se comprometeu publicamente com uma nova era de reformas que se aproximassem do *New Deal* do presidente Roosevelt e estreitassem os laços com Estados Unidos e República Dominicana²⁶ (SMITH, 2009).

Élie Lescot (1941-1946), sucessor de Vincent e membro da tradicional elite mulata haitiana, se esforçou para se aproximar dos Estados Unidos e foi em seu governo que, como explica Handerson (2015b), o inglês se tornou obrigatório nas escolas e o número de igrejas protestantes norte-americanas aumentou significativamente. A presença cultural sugerida pelo autor certamente influenciou a elite haitiana a mandar seus filhos, ao longo da década de 1950, aos Estados Unidos para estudarem, mas não consideramos esse o início do fluxo migratório para o país, uma vez que não ocorre de forma expressiva.

Em 1946, Lescot é obrigado a deixar o poder graças a uma rebelião popular, sendo sucedido pelo negro Dumarsais Estimé. Estimé sofre um golpe militar em 1950, liderado por Raoul Magloire, que, com o apoio do exército e contrariando o recém-adquirido direito constitucional de eleições diretas, decidiu permanecer no poder. Outra rebelião popular foi formada e o então presidente foi obrigado a renunciar ao cargo, deixando o Haiti durante os nove meses seguintes na instabilidade de conhecer sete presidentes distintos. Nesse contexto e graças a eleições fraudulentas, o médico negro François Duvalier, conhecido como Papa Doc, chega ao poder em 1957 (COGGIOLA, 2010). A ditadura duvalierista de Papa Doc e, depois, Baby Doc (1957-1986), apoiada pelos EUA, destruiu pequenas propriedades abastecendo de mão de obra as indústrias multinacionais, além de empobrecer ainda mais a população graças à corrupção e ao aumento da dívida externa e de se pautar em uma violência exacerbada que

²⁶ Lembrando que a República Dominicana estava já sob a ditadura de Leonidas Trujillo, e que Vincent foi o presidente haitiano que firmou um acordo com o ditador referente à questão fronteiriça em 1936.

mantinha a população em estado de terror (MELANI, 2010). Consideramos esse momento da ditadura duvalierista como marco inicial da diáspora haitiana nos Estados Unidos, como se verá a seguir.

Estados Unidos

Estima-se que na década de 1980 havia cerca de 59.000 imigrantes haitianos nos Estados Unidos, número que subiu, em 1990, para 140.200, apenas se tratando de imigrantes regulares (REMY, 1996, p.13). Embora estejamos norteados os principais fluxos migratórios segundo marcos temporais definidos por Handerson (2015b), que para o caso da diáspora haitiana nos Estados Unidos se situaria entre o final dos anos 1940 e início dos anos 1980, adotaremos neste caso, devido à abrangência e complexidade do fenômeno no país, a delimitação de quatro períodos utilizada por Georges Fouron (1989):

(1) 1957-64, quando a maioria dos imigrantes haitianos pertencia à elite política e econômica, pretendendo ficar temporariamente, e eventualmente perdendo seu senso de identificação étnica; (2) 1965-72, quando uma onda de imigrantes politicamente desafeiçoados coincidiu com um reavivamento étnico da cultura haitiana, incentivando a preservação da identidade étnica; (3) 1972-82, caracterizada por menores esforços direcionados à organização étnica, polarização acerca das questões de linguagem, sentimento anti-imigrante causado pelo agravamento da situação econômica, e internamento em campos; e (4) 1982-86, começando com a designação de haitianos como um grupo de risco para a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS), e incluindo a percepção do grupo de que seu futuro estava nos Estados Unidos. (FOURON, 1989, s/p, tradução nossa)²⁷.

Segundo Fouron (1989), o primeiro período abrangia dois grupos principais de haitianos: 1) antigos membros da tradicional classe mulata; e 2) membros da burguesia negra emergente, que dispunha de educação como um instrumento de ascensão social. Exilados por razões primordialmente políticas, esses indivíduos não encararam sua estadia como permanente, uma vez que possivelmente seriam eles a ocupar o papel de sucessores de François Duvalier em sua almejada queda.

Os indivíduos do primeiro grupo foram relegados à categoria de negros, o que lhes parecia absolutamente degradante, uma vez que, enquanto mulatos, ocupavam o topo da hierarquia em seu país de origem. Os do segundo grupo não podiam exercer suas profissões

²⁷ (1) 1957-64, when the majority of Haitian immigrants were from the political and economic elite, intending to stay temporarily, and eventually losing their sense of ethnic identification; (2) 1965-72, when a wave of politically disaffected immigrants coincided with an ethnic revival of Haitian culture, encouraging preservation of ethnic identity; (3) 1972-82, characterized by lessened efforts toward ethnic organization, polarization over language issues, anti-immigrant sentiment caused by a worsening economic situation, and internment in camps; and (4) 1982-86, beginning with the designation of Haitians as a group at risk for Acquired Immune Deficiency Syndrome (AIDS), and including the group's realization that its future was in the United States. (FOURON, 1989, s/p)

no novo território e passaram a viver em situações precárias. Ambos os grupos insistiam em enfatizar uma herança francesa que os diferenciava dos negros estadunidenses, mas em vão, uma vez que: *“A cor da pele, um importante marcador de superioridade no Haiti, deixou de ser relevante na América, uma vez que nesta sociedade as linhas demarcadoras são claras e rígidas.”* (FOURON, 1989, p.22, tradução nossa)²⁸.

Tendo em vista a recuperação de seus respectivos status, redobramos os esforços para derrubar o regime de Duvalier. Porém, com o receio do comunismo, Washington preferiu fazer as pazes com o então ditador, contribuindo com sua permanência no poder por quase três décadas. A maioria desses exilados tentou se afastar da identidade haitiana no novo contexto, alguns preferindo se passar por hispânicos, brancos ou indígenas, sendo absorvidos pela sociedade estadunidense sem vínculo étnico com suas origens haitianas.

Entre 1965 e 1972, desestimulados com a situação política e econômica do Haiti, um novo grupo passa a migrar para os Estados Unidos em números cada vez maiores:

Impulsionada pela onda de terror desencadeada pelo governo Duvalier, por uma revisão mais liberal das leis de imigração dos EUA e com os persistentes esforços de recrutamento de agentes enviados ao Haiti por empresas americanas, que tiveram sua força de trabalho roubada pela guerra do Vietnã, o número de imigrantes deixando o Haiti atingiu proporções alarmantes. Sua entrada nos EUA coincidiu com o renascimento étnico que estava permeando a sociedade americana (Glick-Schiller, 1972). Instituições americanas como o Partido Democrata e a Igreja Católica, organizações benevolentes como a Fundação Ford e o governo federal, procederam a educar os imigrantes haitianos sobre a necessidade de se organizar por linhas étnicas. Como consequência, a maioria dos imigrantes haitianos negros, que haviam seguido os passos do primeiro grupo de imigrantes, começaram a articular as necessidades dos haitianos a partir de considerações étnicas. Como resultado, os haitianos começaram a abraçar e internalizar a noção de pluralismo étnico, tal como era entendida pela sociedade americana. (FOURON, 1989, p.23, tradução nossa)²⁹.

Entre 1972 e 1982, mesmo com o crescimento expressivo da população haitiana no país, os esforços para organizá-los como grupo étnico decaíram concomitantemente com a eliminação progressiva dos programas financiados pelo governo que visavam o pluralismo. A separação que se havia construído, pautada na identidade étnica, entre os haitianos e os negros

²⁸ “Skin color, an important marker of superiority in Haiti, was no longer relevant in America since the demarcating lines are clear cut and rigid in this society.” (FOURON, 1989, p.22).

²⁹ Spurred by the wave of terror unleashed by the Duvalier government, a more liberal revision of the U.S. immigration laws, and the persistent efforts of recruiting agents sent to Haiti by American firms robbed of their labor force by the Vietnam war, the number of immigrants leaving Haiti reached alarming proportions. Their entry into the U.S. coincided with the ethnic revival that was permeating American society (Glick-Schiller, 1972). American institutions such as the Democratic Party and the Catholic Church, benevolent organizations such as the Ford Foundation and the federal government proceeded to educate the Haitian immigrants on the necessity to organize along ethnic lines. As a consequence, the mostly Black Haitian immigrants who had followed on the coattails of the first immigrant group began to articulate the needs of the Haitians along ethnic considerations. As a result, Haitians began to embrace and internalize the notion of ethnic pluralism as understood by American society. (FOURON, 1989, p.23).

nacionais deixava de ser factível e os primeiros agora precisavam aceitar que os segundo falassem por todos. Ao mesmo tempo, havia uma polarização interna entre os antigos imigrantes, que continuavam a pregar o francês como idioma oficial de imigração, e os mais jovens, que adotaram o crioulo haitiano como a língua que contemplava a todos os haitianos. Diante desse quadro, no entanto, os haitianos continuavam a chegar em números cada vez mais significativos, sendo a maioria de baixo nível socioeconômico, analfabeta e de origem camponesa. Esse aspecto estava relacionado à transição do poder de Papa para Baby Doc.

Devido à impossibilidade da maioria em conseguir vistos legais, meios de entrada ilegal passaram a ser amplamente utilizados, fazendo surgir o fenômeno dos *boat people*. Por outro lado, um sentimento anti-imigração começou a se fortalecer em um contexto de agravamento da crise econômica norte-americana, e os haitianos passaram a ser acusados de concorrer com os nacionais pelos mesmos empregos. Os meios de comunicação os retratavam das piores formas possíveis: *"A mídia americana apresentou os imigrantes haitianos como indivíduos ásperos, empobrecidos, analfabetos e lamentáveis, desnecessários e indesejáveis na América"* (FOURON, 1985, p.24, tradução nossa)³⁰. Os haitianos que chegavam ilegalmente eram encarcerados em condições desumanas, recebendo um tratamento abaixo do normal se comparado com outros ilegais, ademais de serem isolados de suas famílias e defensores sociais. Toda hostilidade, não obstante, serviu para reforçar o sentimento de união entre eles e aproximá-los de advogados que os defendessem. No entanto, no início da década de oitenta, o Center for Disease Control (CDC) os qualificou de maneira duvidosa como grupo de risco e portadores do vírus da AIDS, o único grupo de imigrantes a ser distinguido dessa maneira.

As consequências da inclusão dos haitianos nessa categoria tiveram efeitos devastadores, dificultando ainda mais sua identificação como grupo étnico particular, uma vez que, ao passarem a ser vistos como indivíduos que deveriam ser evitados a todo custo, foram obrigados a se afastar de tudo que remetesse à sua nacionalidade. Criou-se uma atmosfera de pânico em torno de sua presença: alguns haitianos foram demitidos, outros ostracizados das comunidades onde viviam e alguns, ainda, agredidos fisicamente. Enquanto isso, o governo haitiano reprimiu com ainda maior severidade o crescente movimento de oposição, eliminando suas já remotas possibilidades de retorno. Com a fuga de Duvalier, em 7 de fevereiro de 1986, os imigrantes haitianos comemoraram e vislumbraram o tão sonhado

³⁰ "The American media presented the Haitian immigrants as ragged, impoverished, illiterate and pitiful individuals, unneeded and unwanted in America." (FOURON, 1985, p.24)

regresso, mas por pouco tempo. Logo se deram conta de que sua estada ali os havia mudado e que o Haiti não poderia fornecer-lhes a qualidade de vida que os Estados Unidos podiam, mesmo com tantas adversidades. De que o duvalierismo ainda remanesca, de que os recursos que possuíam eram insuficientes para sustentá-los de forma viável. Sendo assim, concordamos com a conclusão do autor:

Os imigrantes haitianos vivendo nos Estados Unidos são transnacionais. A lealdade total não é dada a nenhum contexto social (Fouron, 1985; Sutton, 1987; Glick-Schiller et al., 1987). (...) A experiência dolorosa do exílio, por um lado, e sendo vista como um constituinte de uma minoria explorada vivendo sob a égide de uma sociedade dominada pelos brancos, por outro, tem tido um efeito profundamente prejudicial sobre a identidade haitiana nos Estados Unidos. Os esforços da sociedade de acolhimento para re-estratificar e relegar os imigrantes haitianos para as classificações da subclasse, com o menor status na América, têm contribuído para o conflito sobre a sua identidade social. Além disso, os acontecimentos no Haiti também passaram a influenciar as realidades dos imigrantes na sociedade de acolhimento, puxando-os assim em direções opostas e contrastantes. Essa dualidade em sua identidade social não é facilitada pela posição dos líderes da "diáspora". Sua liderança continua fragmentada. Essas divisões profundamente enraizadas dificultam o surgimento de uma força unificadora que poderia trazer suas preocupações para frente. Diferentes grupos defendem diferentes ideologias e procuram estabelecer status e identidades diferentes para a população imigrante haitiana, inibindo assim qualquer unidade que possa, em longo prazo, resolver efetivamente seus problemas nos EUA. O transnacionalismo e a adaptação de uma identidade transnacional representam tentativas dos imigrantes de aceitarem uma realidade dolorosa e frustrante nos Estados Unidos. (FOURON, 1985, p.26, tradução nossa) ³¹.

1.2.3 Terceiro fluxo migratório

Passados 29 anos da ditadura duvalierista, o povo consegue derrubar o regime e eleger Jean-Bertrand Aristide, que representava mudança. Segundo Seguy (2010):

As primeiras eleições pós-ditadura acabaram num banho de sangue, no dia 29 de novembro de 1987, pois o exército não digeriu a ideia de ver eleger alguém que não controlava. O exército sempre fora o instrumento mais eficaz para alcançar o poder e mantê-lo. Novas eleições foram organizadas, em 1988, pelos militares golpistas, mas os partidos e candidatos mais credíveis as boicotaram. Seguiu um período de turbulência política até as chamadas primeiras eleições democráticas de dezembro de

³¹ Haitian immigrants living in the U.S. are transnationalist. Total allegiance is given to neither social context (Fouron, 1985; Sutton, 1987; Glick-Schiller et al., 1987) (...) The painful experience of exile, on the one hand, and being seen as a constituent of an exploited minority living under the aegis of a White-dominated society, on the other, has had a profoundly deleterious effect upon Haitian identity in the U. S. The efforts exerted by the host society to re-stratify and relegate the Haitian immigrants to the ranks of the underclass with the lowest status in America have contributed to the conflict over their social identity. Moreover, events in Haiti have also come to influence the realities of the immigrants in the host society, thus pulling them in opposite and contrasting directions. That duality in their social identity is not rendered easy by the position of the leaders of the "diaspora." Their leadership remains fragmented. These deeply rooted divisions hamper the emergence of a unifying force that could bring their concerns to the fore. Different groups espouse different ideologies and seek to establish different status and identities for the Haitian immigrant population, thus inhibiting any unity that could, in the long run, effectively address their problems in the U. S. Transnationalism and the adaptation of a transnational identity represent attempts of the immigrants to come to terms with a painful and frustrating reality in the United States. (FOURON, 1985, p.26).

1990. Jean-Bertrand Aristide, personagem carismático do período, foi eleito desde o primeiro turno com 63% dos votos. Obviamente, sua eleição carregava grandes expectativas de mudanças. (SEGUY, 2010, p.13, tradução nossa).

O então eleito presidente, em 1991, propôs uma série de reformas de cunho social, e seu discurso nacionalista provocou tanto a parcela conservadora da burguesia local, quanto os interesses norte-americanos. Seu mandato durou alguns meses antes de sofrer um golpe militar sangrento liderado por Raoul Cedras, deixando inúmeros mortos. Em 1994, no entanto, Aristide volta ao poder com o apoio dos EUA em troca da implementação de um programa de reajuste de liberação financeira e comercial que favorecia os interesses imperialistas³², o que ocorre com a invasão militar dos EUA, que destitui a ditadura e o reestabelece no poder (MELANI, 2010; SEGUY 2010).

As consequências da implementação desse programa foram terríveis para a população trabalhadora: privatização das estatais, destruição da agricultura campesina, aumento do desemprego e, como resultado, aumento da migração para as cidades. Posteriormente foram criadas as zonas francas, verdadeiros oásis de exploração de mão de obra barata. Aristide desenvolveu uma política antitrabalhadora e pró-imperialista e a justificou tempos depois como a única fatível: “A única maneira racional de seguir é refletir bem sobre o equilíbrio relativo entre os interesses, compreender o que os americanos querem, lembrar do que queremos e avançar o possível sobre os pontos de convergência existentes.” Para Aristide, “...sem os americanos nós não poderíamos ter restaurado a democracia”. Para quem conhece a história do Haiti, essa afirmação é jocosa e dramática, feita por um líder de um grandioso movimento popular no qual ainda hoje se depositam inúmeras esperanças. Praticamente todos os golpes recentes, os governos militares e os limites dos governos democráticos estiveram sob a liderança dos Estados Unidos, com o propósito sistemático de assegurar os interesses de capitalistas norte-americanos. Aristide tornou-se um aríete ianque em seu próprio país, e é utilizado ou descartado de acordo com a conveniência da potência mais poderosa do mundo. (MELANI, 2010, p.24-25).

Aristide elege antes de sair do poder, em 1996, René Preval, que daria continuidade aos acordos assinados, e é reeleito em 2001 com mais de 92% dos votos. Sua política alternava entre centrista e pró-imperialista, o que diminuiu paulatinamente sua popularidade, tanto entre a direita, formada por adeptos do duvalierismo, quanto entre setores dos movimentos popular e sindical. A polarização atingiu níveis críticos e uma rebelião começava a tomar corpo, o que levou os EUA de George W. Bush, aliado à França e ao Canadá, a invadirem novamente o país retirando o presidente do poder em fevereiro de 2004, e nesse contexto a ONU organizou as tropas de ocupação formando a Missão das Nações Unidas para a Estabilização no Haiti – MINUSTAH, cuja liderança foi designada ao Brasil.

Quanto à MINUSTAH, há bastante controvérsia entre os que acreditam se tratar de

³² Aristide assinou em Monterrey um acordo que estabeleceria 18 zonas francas industriais no Haiti.

uma iniciativa positiva e os que veem sua criação como uma manobra estratégica para desempenhar o trabalho de repressão no país utilizando soldados latino-americanos e de outras regiões para mascarar as intenções da ocupação sob o pretexto de “ajuda humanitária” e “missão de paz”. Tampouco se podem ignorar as críticas positivas que recebe. Segundo Mônica Hirst (2007), por exemplo, ela atende a função de manutenção da ordem local e executa uma ampla gama de responsabilidades vinculadas à assistência eleitoral, segurança pública, proteção ao meio ambiente e incentivo ao desenvolvimento econômico. Após o aprofundamento no tema, concordamos que a MINUSTAH exerce uma clara função de manutenção da ordem, mas visando sempre os interesses estrangeiros, o que em última instância significa subordinação e controle do Haiti, produzindo, não raramente, violência e medo. O que se defende como logro positivo da missão é um apanhado de medidas que, muito longe de visar à melhoria do Haiti e o benefício dos haitianos, serve para garantir os interesses econômicos imperialistas de uma vasta lista de países, o que se demonstrará mais adiante. A respeito disso:

O discurso ufanista e a propaganda de caráter humanitário da Minustah não escondem o principal objetivo e o real motivo da intervenção: manter a ordem social – entenda-se a submissão – e o quadro de superexploração da população trabalhadora haitiana. O método da força de ocupação é a violenta repressão e o terror contra a mobilização, os movimentos populares e os bairros pobres. Aderson Bussiger, conselheiro da Ordem dos Advogados do Brasil no Rio de Janeiro, quando esteve no Haiti, disse ter recebido, dos sindicatos dos operários de Codevi e do Grupo M, da indústria têxtil e da central sindical e popular Batay Ouvriye (Batalha Operária), denúncias de agressões e de repressão por parte da polícia nacional e da Minustah, ocorridas durante as greves e passeatas de 2007. Segundo Bussiger, “é comum escutar a frase: a polícia mata, e os blindados da Minustah carregam os corpos”³³. Há acusações, contra as tropas brasileiras, de estupros, violações de direitos humanos e assassinatos³⁴. No ano passado, esteve no Brasil o líder sindical haitiano Didier Dominique, membro da Batay Ouvrier, para denunciar junto ao Senado Federal o caráter repressor da Minustah. Dominique afirmou que a indústria têxtil é a principal responsável pela “implantação de um projeto de extrema exploração dos trabalhadores, e as forças armadas da Minustah asseguram esse projeto de exploração”³⁵. (MELANI, 2010, p.26-27).

Mais adiante, a ampliação das zonas francas industriais será articulada junto à questão da diáspora no intento de expor que, apesar de ser proposta como uma alternativa para reduzir o nível de desemprego no país segundo o argumento de que a falta de empregabilidade formal é a maior responsável pela precariedade ali presente, ela não gera remuneração significativa, consolidando a busca de oportunidades no estrangeiro como melhor opção para a população.

³³ Ver http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2007/09/070903_haitistockebc.shtml

³⁴ Ver entrevista de Sandra Quintela. Disponível em:

http://www.anovademocracia.com.br/index.php?option=com_content&task=view&id=325&Itemid=105.

³⁵ Ver <http://www.sintufsc.ufsc.br/wordpress/?p=1478>.

Algumas das críticas a respeito da MINUSTAH são que população está desenvolvendo um ódio crescente por ela e a situação só piorou depois do terremoto de 12 de janeiro de 2010 e do surto de cólera que chegou ao país com os capacetes azuis do Nepal, no mesmo ano. Argumenta-se que as armas utilizadas pela MINUSTAH são apropriadas para uma guerra civil e desproporcionais para o suposto objetivo de “manter a ordem” em um país devastado, e que o papel do Brasil na Missão é suspeito, já que parece fazer do Haiti um campo de treinamento. Ao regressarem ao Brasil, são essas as tropas que realizarão ações como, por exemplo, a ocupação no Morro da Providência pela Guarda Nacional em 2008 (COGGIOLA, 2010). Segundo Seguy (2014)³⁶, o Haiti está sofrendo um processo de recolonização, mas em vez de pelas mãos de uma metrópole, pelas mãos do capital transnacional. Seguy (2010) ironiza:

Quem tem vontade de conhecer o bom trabalho desenvolvido pela Minustah no Haiti precisa apenas conversar com alguns estudantes da Université d’État d’Haïti. Será fácil eles explicarem quantas vezes foram bombardeados com gás só porque estavam acompanhando as manifestações de operários por um reajuste do salário mínimo. Poderá conversar também com os pacientes e médicos do Hospital da Université d’État d’Haïti, que contarão quantas vezes tiveram que sair correndo do hospital porque, tratando-se de defender os interesses dos patrões, a Minustah não respeita escola, nem universidade nem hospital. Quem quiser conhecer o verdadeiro papel da Minustah no Haiti é só ir a Site Solèy, a maior e mais pobre favela de Porto Príncipe. Ali, a população contará quantas crianças foram assassinadas pelas balas humanitárias da Minustah e dos soldados brasileiros; quantas mulheres grávidas foram mortas em decorrência da missão de paz de Lula, enquanto dormiam... Em Site Solèy, muitas crianças são órfãs hoje porque um soldado do Brasil recebeu um salário mensal de 6 mil dólares para matar seus pais. Com esse dinheiro, aquele soldado, quando voltar ao Brasil, compra um apartamento para viver com sua própria família. (SEGUY, 2010, p.15).

As consequências das intervenções no Haiti se estendem, portanto, à própria população, afetando suas vidas de modo muitas vezes drástico. Restaria entender o motivo da presença de outros países, até então inéditos no âmbito das intervenções “humanitárias” no país, como é o caso do Brasil.

O trabalhador haitiano hoje é explorado por capitalistas de outras formações sociais que já se encontram na periferia do capitalismo central. Enquanto na primeira experiência de zonas francas no Haiti desde a década de 1960, as empresas norte-americanas mesmas haviam tomado conta do mercado, hoje os EUA têm reduzido seu papel a estabelecerem o quadro jurídico-legal (HOPE I e II, HELP...) para outras empresas de países como Vietnã, Coréia do Sul, República Dominicana etc. atuem em benefício dos produtores – até mesmo dos trabalhadores da América do Norte. Enquanto os EUA ocuparam militarmente o Haiti no início do século XX, hoje, quando surge a necessidade de nova ocupação militar, esta é terceirizada a outros exércitos oriundos de formações sociais capitalistas já periféricos. Os batalhões que compõem a Minustah (orçamento de 1º de julho 2013 a 30 de junho

³⁶ Disponível online em: <http://www.unicamp.br/unicamp/ju/594/ajuda-internacional-ao-haiti-e-grandementira-defende-tese>

de 2014: 576 619 000 dólares) provêm de países asiáticos como Bangladesh, Nepal, Sri Lanka, Filipinas, Tailândia, Indonésia, Jordânia, Kirghizistão, Yemen além de países africanos como Benin, Burkina Faso, Burundi, Camarões, República Centro-africana, Chade, Costa do Marfim, Egito, Guiné, Guiné-Bissau, Madagascar, Mali, Níger, Nigéria, Ruanda, Senegal, Serra Leoa, Togo; e sul-americanos: Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, El Salvador, Peru, Paraguai, Uruguai. (SEGUY, 2014, p.74).

Devido aos aspectos negativos mencionados e às crescentes denúncias dos próprios haitianos, ao longo de seus 13 anos de existência, a MINUSTAH foi tema de uma série de eventos e manifestações na América Latina e no Caribe, que procuraram realizar um balanço dos impactos no país e exigiram a sua retirada imediata.

Após as pressões das diversas frentes e da nova conjuntura internacional - propiciada também pela eleição de Donald Trump nos Estados Unidos -, alguns funcionários da ONU começaram a considerar a retirada gradual das tropas a partir de meados de abril de 2017, uma vez que no Haiti há um *“ambiente mais seguro e estável”*, de acordo com o coronel brasileiro Luis Antonio Ferreira Marques Ramos, segundo em comando do contingente brasileiro na missão de paz³⁷.

Neste interim, outra demanda aparece: a da ONU saldar suas dívidas com o Haiti, provenientes da ocupação militar no país durante estes treze anos. Em carta ao Secretário Geral da ONU, Antònio Guterres, datada de 11 de abril de 2017, Adolfo Pérez Esquivel, Jody Williams, Rigoberta Menchú Tum, Shirin Ebadi y Betty Williams, os cinco prêmios Nobel da Paz, expressaram a sua profunda preocupação ante a falta de justiça e uma resposta reparadora contundente e integral para as pessoas, famílias e comunidades haitianas, que são vítimas diretas do *“balanço catastrófico da MINUSTAH”* no que se refere aos direitos humanos. Nas palavras dos autores³⁸:

São milhares de mulheres, meninos e meninas violentadas ou exploradas sexualmente, muitas delas abandonadas com crianças sem que os soldados da Missão reconheçam sua responsabilidade. O informe da própria ONU, sobre “O novo enfoque diante da cólera”, reconhece que o número de pessoas mortas, devido à introdução dessa doença pelas tropas da MINUSTAH, é muito provavelmente 3 vezes maior que a cifra oficial de 9.483, até janeiro de 2017. A impunidade dessas violações dos direitos humanos, junto à negação de responsabilidade da ONU durante 6 longos anos, seguem provocando estragos ao povo do Haiti. Abominam, ademais, a consciência da humanidade, minam os avanços da comunidade internacional em matéria de proteção humanitária e comprometem gravemente a credibilidade e a capacidade de agir da ONU³⁹. (Tradução nossa)

³⁷ Disponível online em: <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2017/03/1864967-onu-se-prepara-para-retirar-missao-de-paz-do-haiti.shtml>. Acesso em 17 de abril de 2017.

³⁸ Para acessar o documento completo, ver o Anexo 1 deste trabalho.

³⁹ Son miles las mujeres, niños y niñas violadas o explotadas sexualmente, muchas de ellas abandonadas con niños sin que los soldados de la Misión reconozcan su responsabilidad. El informe de la misma ONU, sobre “El nuevo enfoque frente al cólera”, reconoce que el número de personas muertas, tras la introducción de esta

Ainda de acordo com os autores, embora o antigo e o novo Secretário da ONU tenham reconhecido publicamente a responsabilidade da organização e inclusive criaram um programa para a indenização, há uma falta de compromisso para o financiamento do programa. A reversão deste quadro, assim como a retirada das tropas com as devidas indenizações, também é solicitada por eles:

Agora, com o fracasso da MINUSTAH à vista, à luz dos objetivos propostos ano após ano pelo Conselho de Segurança, e retrocessos que levarão anos reverter ao povo haitiano, denunciamos que fechar a Missão sem reparar os danos provocados não é mais que uma antecipação de desastres piores (...). Solicitamos encarecidamente que reveja esta proposta e que sejam tomadas medidas extremas para assegurar que as Nações Unidas, o conjunto de seus países membros e, sobretudo, os que têm impulsionado essa missão e têm se beneficiado de suas ações, reparem ao povo do Haiti, às vítimas diretas, suas famílias e comunidades, os danos e violações dos direitos humanos provocados pela MINUSTAH. Pelo bem deles, assim como de todos os povos que conformamos as Nações Unidas ⁴⁰. (Tradução nossa)

Até o presente momento não encontramos uma resposta formal do Secretário para os autores, tampouco localizamos alguma informação que indique que o programa da indenização se concretizará. Sobre a retirada, conforme resolução da ONU, adotada unanimemente no dia 12 de abril de 2017, ficou determinado que a MINUSTAH deve se retirar gradualmente do país ao longo dos próximos seis meses e, ainda, a criação de uma, pasme, nova missão visando supostamente o fortalecimento do Estado de Direito e o monitoramento dos direitos humanos⁴¹. Para além do tema da MINUSTAH, com a retirada de Aristide, assume seu sucessor interino Boniface Alexandre, e em 2006, René Prevel, que segue a mesma linha de Aristide, vence as eleições. Em 2011 assume Michel Martelly, colocado no poder por uma imposição da OEA e dos EUA (MELANI, 2010).

Para a melhor compreensão da onda de diáspora haitiana no Brasil, buscaremos

enfermedad por las tropas de la MINUSTAH, es muy probablemente 3 veces mayor que la cifra oficial de 9.483 hasta enero 2017. La impunidad de estas violaciones a los derechos humanos, junto a la negación de responsabilidad de la ONU durante 6 largos años, siguen provocando estragos al pueblo de Haití. Repugnan además la conciencia de la humanidad, socavan los avances de la comunidad internacional en materia de protección humanitaria y comprometen gravemente la credibilidad y la capacidad de actuar de la ONU. Disponível em: <http://www.alainet.org/es/articulo/184769>. Acesso em 17 de abril de 2017.

⁴⁰ Ahora, con el fracaso de la MINUSTAH a la vista, a la luz de los objetivos planteados año tras año por el Consejo de Seguridad, y retrocesos que les llevarán años revertir al pueblo haitiano, denunciamos que cerrar la Misión sin reparar los daños provocados no es más que un anticipo de peores desastres (...) Solicitamos encarecidamente que revea esta propuesta y que exteeme las medidas para asegurar que Naciones Unidas, el conjunto de sus países miembros y sobre todo los que han impulsado esta misión y se han beneficiado de sus acciones, reparen al pueblo de Haití, a las víctimas directas, sus familias y comunidades, los daños y violaciones a los derechos humanos provocados por la MINUSTAH. Por el bien de ellos, así como de todos los pueblos que conformamos las Naciones Unidas. Disponível em <http://www.alainet.org/es/articulo/184769>. Acesso em 17 de abril de 2017.

⁴¹ Disponível em: <https://nacoesunidas.org/conselho-de-seguranca-aprova-fim-da-missao-da-onu-no-haiti/>. Acesso em 17 de abril de 2014.

abordar no tópico seguinte como a atual conjuntura se tornou impulsionador da partida para outros países.

Diáspora haitiana no contexto atual

O Haiti tem sido bastante mencionado após o terremoto ocorrido no dia 12 de janeiro de 2010, tanto por suas proporções catastróficas, quanto pelo consequente desencadeamento do mais intenso fluxo diaspórico até hoje observado naquele país. O terremoto que matou cerca de 220.000 pessoas e deixou outro 1,5 milhão desabrigado (OLIVEIRA, 2015) agravou ainda mais a situação de um país que já era empobrecido⁴²:

O Haiti convive com instabilidade nos sistemas políticos e de segurança; com crise de desabastecimento; escassez de água potável e falta de infraestrutura de saneamento básico. Apenas 5% da sua cobertura florestal está intacta e não tem opção de geração de energia, uma vez que a madeira extraída foi utilizada na produção de carvão. Situação que além de ser grave do ponto de vista econômico, deixa o país ainda mais vulnerável a fenômenos naturais como furações e terremotos, como os observados recentemente. Os serviços públicos praticamente não existem, a rede privada detém cerca de 85% dos hospitais e das escolas. Devido a sua geografia, apenas 12% das terras são agricultáveis e a taxa de desemprego beira os 80%. (OLIVEIRA, 2015, p.138).

O fator econômico é sem dúvida fundamental para compreender a partida de haitianos, mas a análise não deve se limitar a ele. Em si mesmo, interfere em diversos âmbitos da vida social de modo que, segundo afirma o sociólogo Seguy (2014), *“Muitos desses imigrantes haitianos teriam se resignado a deixar o país por não aguentarem mais as variadas dimensões da precariedade da vida quotidiana”* (SEGUY, 2014, p.71). Sidney Antonio da Silva (2013, apud OLIVEIRA, 2015), ao ressaltar que na produção de um alto índice de emigrações, se alia a esse quadro socioeconômico e geográfico a própria estrutura capitalista global, responsável por converter o Haiti em um exportador de matérias-primas e mão de obra de baixo custo, tangencia a questão da “recolonização” pela qual Seguy (2014) defende que o país passa atualmente (OLIVEIRA, 2015), processo que será detalhado mais adiante.

Seguy (2014) pondera que a apresentação do desemprego como principal fator que motivaria a emigração, observada em alguns relatórios da comunidade internacional⁴³, é fruto

⁴² Seguy nos alerta para a visão que se tem do Haiti, ou a maneira como falamos dele, em entrevista concedida para a Revista PUCviva em abril de 2010: *“Nestes últimos anos, venho fazendo uma observação interessante: há um acordo tácito entre todas as tendências políticas em nomear o Haiti como “o país mais pobre das Américas, um dos mais pobres do mundo”*. Isso tem chamado minha atenção pelo fato de que as palavras pelas quais designamos nossa realidade expressam também a nossa atitude perante a realidade. “Pobre” não é a melhor maneira de falar do Haiti. Seria mais conveniente falar **empobrecido**. Eu costumo utilizar o título do livro de Eduardo Galeano, quando me refiro ao Haiti, para dizer que a situação atual do país é *“a construção de seis séculos de veias abertas”*. Isto é, só estudando a história do Haiti é que é possível identificar as raízes do que ele é hoje. Exploração e Luta são duas categorias que podem sintetizar essa história.” (SEGUY, 2010, p.10)

⁴³ Seguy (2014) cita o relatório Collier, publicado em janeiro de 2009.

de uma análise que simplifica o movimento de diáspora, não investigando a fundo as motivações por trás do fenômeno. Em sua argumentação, que não pretende isentar a importância do desemprego enquanto fator contribuinte de emigração, mas sobressair outros aspectos relevantes que podem estar associados, sustenta por meio da exemplificação da política migratória canadense (que não oferece praticamente nenhuma possibilidade de visto permanente para uma pessoa desempregada), que o dado está equivocado:

Em primeiro lugar, só os candidatos titulares de diplomas superiores e/ou universitários são elegíveis. Em segundo lugar, – e é o mais importante – o candidato deve, entre tantos outros requisitos, pagar pelo estudo de seu dossiê, uma taxa de no mínimo 1000 dólares (45.000 gurdes), inacessível a um desempregado sem fonte de renda – só para ilustrar, até meados de 2013, o salário de um professor em regime de tempo integral no ensino universitário público era abaixo de 40.000 gurdes, com a dedução de taxas e impostos. Em seguida, o candidato deve comprovar a capacidade econômica de se manter no Canadá durante os primeiros meses antes de conseguir seu primeiro emprego. Isto é, os haitianos alvos da política migratória canadense, por suposto, não podem ser desempregados. (SEGUY, 2014, p.70).

Ademais disso, o sociólogo faz outra ressalva ao relatório Collier: “*a sua compreensão sociológica segunda a qual a falta de emprego na economia formal (...) seria a razão por esses jovens não conseguirem estruturar a sua vida de maneira digna, ou seja, a explicação da sua precariedade.*” (SEGUY, 2014, p.73). A respeito disso, é levantada uma consistente discussão acerca da premissa de que a relação salarial seria capaz de substituir ou dar cabo da precariedade. Segundo observa, o caso haitiano é singular uma vez que a precariedade é a regra e não a exceção, abrangendo a maioria da população⁴⁴. Desse modo:

Todas as observações, até este presente momento, apontam para 3 opções de saídas individuais no Haiti. Para os profissionais diplomados, o emprego mais cobiçado passa pelas ONGs; para a massa dos outros trabalhadores mais precários, a Internacional Comunitária se propõe a impor empregos nas ZFI⁴⁵. Para todos, a terceira opção, alternativa às duas primeiras, é a emigração, mas em direção diferente: o Canadá para os primeiros; as Antilhas (hoje o Brasil) para os segundos. (SEGUY, 2014, p.81).

Fica entendido que a nova onda de diáspora pós-terremoto que alcança alguns países da América do Sul, como é o caso do Brasil, abrange, ainda que não exclusivamente, a população de “*trabalhadores mais precários*”. Admite-se, conseqüentemente, que a situação emergencial provocada pelo sismo pode ter levado uma parcela mais expressiva de haitianos a

⁴⁴ “Com 78% da população em situação de pobreza (menos de 2 dólares por dia) – 54% em pobreza extrema (menos de 1 dólar por dia) – a precariedade não atinge apenas uma parte da sociedade haitiana: ela é a norma cotidiana da existência. O salário mínimo está abaixo de 5 dólares diários. Os grupos mais qualificados e mais bem remunerados (os setores profissionais) não conseguem se garantir uma vida digna e estruturada. Se conseguissem, não deixariam o país com tão grande fluxo, à procura de vida digna e estruturada em outros países, onde são forçados a recomençar novos percursos profissionais a partir de zero – e muitas vezes, em condições ferrenhas que não aceitariam no Haiti de modo algum.” (SEGUY, ANO, p.75)

⁴⁵ Zonas Francas Industriais.

partir em diáspora para essa região, posto que uma tragédia de tamanha proporção, com as consequências que gerou, deve ser considerada como fator impulsionador de sua mobilidade. Por outro lado, Antônio Tadeu Oliveira (2015) associa a guinada geográfica ao enrijecimento das fronteiras de países tradicionalmente visados, como França e Estados Unidos.

Os dois fatores citados no relatório convergem para a urgência da diminuição das taxas de desemprego. A importância da argumentação da comunidade internacional está no uso estratégico dessa informação simplificada para legitimar a implementação de medidas que, apesar de no discurso visarem à suavização desse dado que, segundo se defende, é o cerne dos problemas socioeconômicos do Haiti, parecem ocultar segundas intenções, como a expansão das zonas francas industriais⁴⁶ e as instalações de indústria têxteis, que gozariam de mão de obra de baixíssimo custo, experiente e qualificada. As vantagens na expansão das zonas francas industriais, em detrimento da ampla melhoria das infraestruturas do país, são evidentes: *“a proximidade geográfica com os Estados Unidos e a ‘garantia de acesso ao mercado [norte] americano, isento de taxas e sem constrangimento de quotas’ que a lei HOPE⁴⁷ oferece.”* (SEGUY, 2014, p.83). Paralelamente, a própria precariedade no país, em uma análise mais acurada, parece convergir para os interesses imperialistas, que, ao que tudo indica, contribuíram e seguem contribuindo para a devastação da produção nacional⁴⁸.

Muito embora os interesses imperialistas no Haiti, segundo essa análise, não visem uma efetiva melhoria de seu debilitado quadro socioeconômico, uma vez que, como sugerido acima, ele é fundamental para a manutenção do papel que o país ocupa no mercado mundial, a consequente diáspora haitiana tem se apresentado como um problema para países diretamente

⁴⁶ Essa “solução” é de fato proposta no relatório em questão.

⁴⁷ Foi em dezembro de 2006 que o 109º Congresso norte-americano, de acordo com Hornbeck (2010), especialista em finança e comércio internacional, adotou a Haitian Hemispheric Opportunity through Partnership Encouragement Act (HOPE I)/Lei de Oportunidade Hemisférica para o Haiti através do Incentivo de Parceria, cujas regras oferecem acesso preferencial ao mercado dos EUA à produção industrial de vestuário realizada no Haiti. A intenção declarada era a de promover investimentos na indústria do vestuário enquanto elemento chave de um dito plano de crescimento econômico e desenvolvimento do Haiti. Para tanto, HOPE I permitiu a isenção de direitos de importação para roupas específicas fabricadas no Haiti a partir de inputs mais baratos de países terceiros (por exemplo, fios não regionais, tecidos e componentes). A condição era o Haiti satisfazer as regras de origem e critérios de elegibilidade que exigiam progressos nos quesitos direitos do trabalhador, redução da pobreza e providências anticorrupção. As avaliações iniciais sobre a eficácia de HOPE I, no entanto, foram decepcionantes. Assim, o Haitian Hemispheric Opportunity through Partnership Encouragement Act of 2008 (HOPE II) foi adotado pelo 110º Congresso como respostas devendo corrigir as falhas identificadas na HOPE I. Destarte, a famigerada HOPE II estendeu as preferências acima referidas por 10 anos, ampliou a cobertura da isenção de direitos para mais produtos de vestuário e simplificou as regras, tornando-as mais fáceis.” (SEGUY, 2014, p.67-68).

⁴⁸ Consideramos esses aspectos de grande importância, não obstante não pretendamos nos aprofundar no tema, uma vez que ele é extremamente complexo e, por si só, contemplaria uma dissertação ou tese. Sendo assim, nossa intenção é apenas sugerir que a situação não deve ser simplificada e tangenciar a questão da diáspora. Para uma análise mais aprofundada sugerimos a leitura da tese de doutoramento do sociólogo haitiano Franck Seguy (2014).

beneficiados com as condições de produção, como é o caso dos Estados Unidos.

Consideremos o trecho:

Pode-se dizer que atrás da proposta de Collier existe cientemente ou não uma escolha sem disfarce: continuar-se-á promovendo o *brain drain*, a fuga de cérebros universitários haitianos enquanto se importa “internacionais” e expatriados com altos salários para cumprirem tarefas que o profissional haitiano forçado a emigrar sem dúvida cumpriria com maior qualidade. Sem esquecer-se de que boa parte desses “internacionais” podem ser haitianos que haviam emigrado para outros países, sobretudo a América do Norte, e que doravante se tornam titulares de segundos passaportes. A inquietação parece ser apenas encontrar um meio para diminuir o fluxo de imigrantes pobres e analfabetos indesejáveis para a América do Norte. O nó do problema talvez seja que o salário oferecido não possui nem de longe a virtude esperada para dissuadir os concernentes a não tomarem os rumos da emigração. De sorte que continua com toda sua validez a letra da música cantada por Wooly Saint-Louis Jean em créole haitiano: “Pito reken vale m, tan pousyè kouvri m jouk tan li antere m/Antes ser engolido por um tubarão do que ser embrulhado e sepultado por uma nuvem de poeira”. Isto é, olhando as condições atuais de sobrevivência no Haiti, um salário diário de 5 dólares, em nada pode pretender conferir aos jovens aquela dignidade e estruturação da vida proferidas por Collier como dissuasão à emigração. Entende-se agora por que a emigração se impõe como elemento estruturante da sociedade haitiana. (SEGUY, 2014, p.86).

Tendo sido explanadas as circunstancias que impedem o Haiti de se desenvolver de forma autônoma e abrangente, estagnando a maioria de sua população em um caso singular de precariedade e não lhes deixando grandes alternativas para além da diáspora, nos parece evidente a participação de todos os países envolvidos nas atuais intervenções, como o próprio Brasil, para a manutenção desse *status quo*. Oliveira (2015) observa muito bem para o caso que analisa em seu trabalho que “*os migrantes subsaarianos e haitianos são os resíduos produzidos globalmente por um modelo de acumulação excludente, no qual aqueles que não fazem parte do circuito do consumo ficam de fora, devendo ser descartados.*” (OLIVEIRA, 2015, p.139).

Trataremos a seguir as especificidades dos haitianos que se deslocam para ou já residem no Brasil.

1.3 Haitianos no Brasil

Desde 2008, constata-se presença haitiana no Brasil, entretanto, a partir do final de 2010, o fluxo da diáspora se intensificou expressivamente. Por um lado, a diáspora depois de 2010 está associada a todos os aspectos supracitados, acelerando processos de partida para o estrangeiro. Por outro lado, na tentativa de compreender o que levou o Brasil a ser escolhido como destino, sua liderança na MINUSTAH é comumente tida como fator chave que tornaria a imagem do Brasil mais familiar, incentivando esse novo fluxo. Contudo, segundo

Handerson (2015), o Brasil é há décadas familiar ao universo haitiano por aspectos culturais como a música, o samba, o futebol, as novelas e os carnavais cariocas que são transmitidos pela televisão. Pondera que nenhum de seus interlocutores associava sua vinda ao Brasil com a presença brasileira na MINUSTAH, apesar de admitir que esse aspecto possa ter facilitado o contato com a cultura do país. Menciona, no entanto, seis fatores principais que apresentam relevância na escolha do Brasil:

1. inicialmente, o Brasil representava (e continua representando para alguns) uma porta de entrada para chegar à Guiana Francesa, e também, um “corredor” ou uma etapa para conseguir vistos para outros países como Estados Unidos, Canadá ou França;
2. o fato de o Brasil possuir um papel político e econômico importante no cenário mundial atual e, ao mesmo tempo, comandar as tropas da Missão das Nações Unidas para a Estabilização no Haiti (MINUSTAH);
3. a posição pública e internacional de abertura e de hospitalidade do Governo brasileiro em relação aos haitianos;
4. a difusão entre os haitianos (no Haiti e *aletranje*⁴⁹) de o Governo brasileiro estar incentivando a migração haitiana no país, tendo interesse na mão de obra haitiana nas construções das obras da Copa do Mundo (mesmo não sendo verídico);
5. a propaganda de a imagem do Brasil ser um “paraíso racial”, sem discriminações, particularmente no imaginário daqueles que sofriam tal discriminação na República Dominicana e no Equador;
6. circular a informação de, no Brasil, o migrante ganhar moradia e alimentação gratuita (o que não é fato), além da remuneração do trabalho ser bem significativa, variando entre US\$ 2.000 a US\$ 3.000 mensais. Somando a tudo isso o acontecimento de 12 de janeiro de 2010, o terremoto foi mais um motivo, dentre outros, a impulsionar a mobilidade haitiana para mais um lugar que até então demonstrava, aos olhos internacionais, “estar comprometido” no cenário político, econômico, educacional, da “estabilização” e do “desenvolvimento do Haiti”, do ponto de vista dos representantes dos governos haitiano e brasileiro. (HANDERSON, 2015, p.50).

No ano do terremoto, apenas Argentina, Chile, Equador e Peru, na América do Sul, permitiam a entrada de haitianos em seus territórios sem a necessidade de visto para turismo. A rota feita na maioria das vezes para chegar ao Brasil é através do Peru e do Equador, por terra ou por água, precisamente por essa “facilidade”. Ainda assim, nenhum dos dois países se torna o destino final da maioria dos migrantes, o que indica que a diáspora não é engendrada apenas por facilidades que possam ser encontradas no país, mas demonstra uma intenção efetiva de estabelecimento, ao contrário do que defendem os críticos das medidas implementadas pelo governo brasileiro. Uma vez do lado brasileiro da fronteira, os haitianos em diáspora enfrentam um demorado processo de regularização imigratória solicitando refúgio, o que será analisado pelo Comitê Nacional para os Refugiados – CONARE, e lhes concede uma carteira de trabalho e CPF⁵⁰ provisórios. A solicitação de refúgio não atende aos requisitos definidos em lei e convenções internacionais sendo, portanto, recusada

⁴⁹ “No estrangeiro”.

⁵⁰ Cadastro de Pessoa Física.

(FERNANDES e DE CASTRO, 2014). Diante dessa situação, o governo se posicionou da seguinte forma:

Ante esta situação que levaria à permanência irregular dos haitianos no Brasil, o governo federal tomou medidas para que tal fato não acontecesse e em janeiro de 2012, por meio de Resolução Normativa – RN (nº 97), do Conselho Nacional de Imigração – CNIg, concedeu visto humanitário permanente, pelo prazo de cinco anos, aos imigrantes haitianos que tiveram seu pedido de refúgio negado. Ao mesmo tempo, esta RN abria a possibilidade da concessão deste mesmo tipo de visto pelo Consulado Brasileiro na cidade de Porto Príncipe, no Haiti, sendo, no entanto, o número de vistos restrito a 1.200 por ano. Não incluído neste total os vistos para reunificação familiar. (FERNANDES e DE CASTRO, 2014, p.53).

Entretanto, o número de vistos não atendia a demanda, gerando lista de espera para concessão de visto e filas gigantescas no Consulado Brasileiro em Porto Príncipe. Sendo assim, a RN nº 102 de abril de 2013 acaba com a limitação do número de vistos mensais e permite que esses sejam concedidos também em outros países, que não o Haiti. Essas resoluções, segundo o CNIg, tinham os objetivos de: controlar a atuação dos coiotes na fronteira, simplificar a concessão de vistos, regularizar a situação dos haitianos no território brasileiro (cerca de quatro mil) e envio de auxílio para os imigrantes no estado do Acre e do Amazonas. Devido ao aumento no número de imigrantes, nem todos os objetivos foram atingidos, como a contenção da atividade dos coiotes e o envio de auxílio capaz de suprir a demanda (FERNANDES e DE CASTRO, 2014).

A necessidade de entrar irregularmente no território brasileiro para, só depois, ter acesso ao visto, devido ao complicado e longo processo que têm de enfrentar para fazê-lo desde o Haiti é o primeiro entrave que enfrentam. A rota mais utilizada passa pelas fronteiras do Acre ou Amazonas. De acordo com Oliveira (2015), a viagem agenciada pelos *coyotes* normalmente se inicia do Haiti para a República Dominicana, onde embarcam para o Equador, um dos países que não exigem visto de entrada, e, de lá, seguem de ônibus por até uma semana para o Peru, só depois passando a fronteira. Handerson (2015b) explica que o percurso pode variar, no entanto, segundo alguns fatores:

Do ponto de vista etnográfico, a trajetória de Henri, Yolette e Alexi, entre outros, mostra que os primeiros chegados à Tabatinga saíam do Haiti, passavam na República Dominicana com escala em Panamá. Depois, iam ao Equador, à Lima, no Peru, de Lima a Iquitós, de lá para Santa Rosa até a Tríplice Fronteira. Outros deixavam Haiti, faziam escala em Panamá, iam direto para Peru até a Tríplice Fronteira. Há também vários itinerários e circuitos diferentes: alguns saíam de Port-au-Prince diretamente a Lima, no Peru; de lá para Iquitós; depois, para Santa Rosa até a Tríplice Fronteira. Outros passavam por Peru, Bolívia até a fronteira com o estado do Acre. A rota que utilizavam parecia estar relacionada às condições econômicas, ao nível de instrução, às redes sociais e migratórias e ao local de procedência. (HANDERSON, 2015b, p.91)

A viagem pode apresentar inúmeros problemas como “abusos sexuais, maus tratos

por policiais, tortura, sequestros-relâmpago, roubos, furtos, sobretudo no Peru, que, segundo os migrantes, é o local em que a viagem é mais difícil e arriscada” (OLIVEIRA, 2015, p.142).

Uma vez em território brasileiro, começam a se chocar com uma realidade que não condiz com a imagem construída acerca das condições de vida e de trabalho no país. Restritos a subempregos, não são sequer consultados sobre suas qualificações profissionais ou formação acadêmica e são muitas vezes obrigados a exercerem funções que jamais exerceriam no Haiti⁵¹. Yanick Barrete (2014), escrevendo sobre os haitianos em diáspora no Canadá, explica como tais obstáculos se configuram em um quadro de racismo estrutural, o que serve muito bem para o caso brasileiro:

O racismo estrutural se orchestra, entre outros, pela inacessibilidade no emprego e na moradia. Primeiro, as dificuldades enfrentadas pelos recém-chegados, para arrumarem um emprego decente e em conformidade com suas habilidades e competências, não são anedóticas. Ao contrário, uma maioria de estudos demonstram que os imigrantes sofrem de discriminação profissional. No entanto, embora sejam mais escolarizados que os quebequenses da ‘gema’ (IRIS), os imigrantes não conseguem obter empregos conformes suas áreas de competência. Na verdade, sua escolaridade não constitui em nada um fator de bonificação para a empregabilidade, o que significa que, no momento da contratação, eles sofrem de uma forma de discriminação silenciosa ou até mesmo simbólica. Segundo, o racismo estrutural atinge os imigrantes igualmente na acessibilidade à moradia. Alguns bairros são simplesmente inacessíveis aos recém-chegados. Com efeito, em Montreal, opera-se de diversas maneiras, uma segregação sócio-espacial, segundo a qual alguns bairros concentram uma forte maioria de moradores originários da imigração. (BARRETE, 2014 apud SEGUY, 2014, p.75)

A inacessibilidade nos empregos é notável. Basta observar que a maior parte dos haitianos residentes no Brasil atua profissionalmente ou no comércio informal ou na construção civil, quando homens, e nos serviços domésticos, quando mulheres. Mesmo que o grupo que se deslocou para cá seja constituído, em grande parte, por pessoas que não possuem nível superior completo, essa limitação empregatícia, por assim dizer, revela primeiramente a visão generalizada do brasileiro a respeito desses indivíduos, que vai ao encontro da imagem que se tem do Haiti. Do mesmo modo que *a priori* se constrói uma aura de qualificação em torno de imigrantes provenientes da Europa ou dos Estados Unidos, por exemplo, se constrói uma aura de desqualificação em torno do haitiano em diáspora, baseada na articulação entre nacionalidade e fenótipo.

Quanto à moradia, é fácil evidenciar a presença haitiana em bairros como o Glicério,

⁵¹ Para exemplificar podemos citar uma senhora que Handerson (2015b) conheceu durante a realização de sua pesquisa de campo: “No primeiro dia de contato, numa tarde de domingo em Kay fanm ansent em Manaus, eu estava sentado na cozinha conversando com outros haitianos e ela se dirigiu a mim, dizendo: “Mwen desepcione” (Estou decepcionada). Queria assim expressar sua insatisfação quanto às condições de trabalho e de salário no Brasil. Fora contratada para realizar serviços domésticos, e sua patroa lhe dera a roupa íntima para lavar e passar a ferro. Segundo ela, indignou-se e não voltou mais ao local de trabalho. Disse que, na República Dominicana, onde morara, possuía uma casa na praia, com duas empregadas: uma fazia serviços caseiros: cozinhas, lavava roupa, limpava e a outra era babá, cuidava do seu filho. Nas palavras dela: “Não estudei para hoje trabalhar na casa dos outros como empregada doméstica” (HANDERSON, 2015b, p.136)

na cidade de São Paulo. Esse dado, de senso comum, define as fronteiras geográficas que separam os brasileiros e os estrangeiros residentes na cidade e, ainda, os próprios estrangeiros segundo país de origem. Há de se salientar, entretanto, que a formação de pequenas comunidades de indivíduos em diáspora se configura como ato de resistência à própria marginalização, o que, como no caso dos haitianos em Cuba citado anteriormente, assume uma função de autopreservação em contextos hostis.

Os trabalhadores haitianos no Brasil recebem salários baixíssimos que são insuficientes para manter condições dignas de subsistência e, menos ainda, para enviar remessas ao Haiti. Isso quando não caem na armadilha de serem mantidos em regime de semiescravidão ⁵². Por fim, eles são frequentemente vítimas de preconceito verbal, institucional e até mesmo físico.

A diáspora haitiana no Brasil é uma realidade nova que deve ser estudada na busca de possibilitar que os imigrantes atinjam uma situação de bem-estar social no país. Ao analisar os discursos contidos na mídia brasileira é possível perceber a produção, reprodução ou reforço de determinados estereótipos. Uma análise acurada do tema será feita nos próximos capítulos.

⁵² Ver, por exemplo: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2014/08/haitianos-sao-resgatados-em-condicoes-de-escravidao-em-sp.html>. Acesso em 10 de abril de 2017.

CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

Ao nos aprofundarmos em alguns dos mais emblemáticos exemplos da diáspora haitiana correspondentes a cada um dos três principais fluxos migratórios selecionados, pudemos perceber que a indesejabilidade haitiana se apresentou como um aspecto comum.

Para os casos da República Dominicana e de Cuba, em um período no qual as ideias de racismo científico se destacavam de modo singular na América Latina, a questão racial foi notavelmente central como fator impulsionador de dita indesejabilidade, uma vez que a permeava de maneira mais explícita.

No segundo fluxo migratório analisado, embora houvesse variações na receptividade de haitianos nos Estados Unidos, foi possível concluir que, de modo geral, os haitianos em diáspora não gozavam de uma situação efetiva de acolhimento e inserção na sociedade. O marcador racial, por sua vez, também se apresentou relevante nas relações que se estabeleceram entre nacionais e haitianos, em uma inconstante relação entre os pensamentos racializados dos próprios haitianos em diáspora e da sociedade estadunidense. Em outras palavras, a variação entre um posicionamento identitário étnico-racial mais ou menos exacerbado, se tratando dos haitianos, e a recepção estadunidense, mais ou menos voltada para a mesma questão e traduzida na maior ou menor integração e/ou abertura para representatividade dos primeiros, permeava a chegada e a estadia de haitianos no país, consolidando um forte marcador sócio-racial no manejo da situação.

O terceiro fluxo migratório, que trouxe destinos, como o Brasil, inéditos à diáspora haitiana, se constitui sobre bases de inacessibilidade laboral e de moradia e, em última instância, de ascensão social. As dificuldades encontradas para a retirada do visto, que contribuem para entraves encontrados durante o trânsito para o Brasil, bem como a premissa da falta de qualificação dos haitianos, refletem, novamente, sua indesejabilidade, que será analisada com maior cuidado nos dois capítulos subsequentes.

As intervenções estrangeiras no país permeiam todos os fluxos migratórios e exercem influência direta na conjuntura sociopolítica haitiana. Consequentemente, são responsáveis indiretas pela diáspora haitiana e, embora se beneficiem da situação de precariedade no Haiti, lidam com sua diáspora como um indesejável problema ao qual se deve dar cabo.

O caráter emblemático da Revolução Haitiana e suas consequências e reverberações para o próprio país em relação ao “mundo hegemônico”, é essencial para compreender o que foi feito do Haiti ao longo de anos de, nas palavras do sociólogo Seguy (2014), recolonização.

Esse processo, nos parece, é indissociável da diáspora haitiana e da questão racial.

Os conceitos básicos de diáspora, migração e indesejabilidade permeiam, por conseguinte, as experiências haitianas no estrangeiro e são, portanto, indispensáveis para elucidar sua situação no Brasil. A contextualização histórica do Haiti, complementarmente, serve de base para a compreensão não apenas desses conceitos, em si, como para a compreensão ampla das motivações por trás da indesejabilidade haitiana e das imagens produzidas pela mídia brasileira (e, em um âmbito mais geral, internacional), que, como veremos, se valem da distorção dos acontecimentos no país para sustentar os mais diversos discursos.

CAPÍTULO 2: TRAGÉDIA NATURAL E TRAGÉDIA SOCIAL – O RECORTE DA PRECARIEDADE NO HAITI EM 2010

Em 12 de janeiro de 2010 o Haiti foi assolado por um terremoto que deixou Porto Príncipe e região em situação de emergência. Muito embora nesse momento o Brasil ainda não houvesse se tornado destino da inicialmente tímida diáspora haitiana, o escopo das notícias relacionadas à tragédia é fundamental, pois germina ideias centrais associadas ao país e a seu povo: infortúnio, incompetência, incapacidade, infantilidade etc.

Os impactos produzidos pelo terremoto são frequentemente retratados pelos programas televisivos analisados como parte de um fenômeno mais complexo que, cimentado na evidência de um quadro de instabilidade política haitiana, impediria a reconstrução do país. Nesse sentido, a tragédia natural teria como fator agravante a denominada “tragédia social” haitiana. Essa tragédia social, por sua vez, é caracterizada como sendo consequente de uma série de condutas ou pré-disposições inerentes ao povo do Haiti. Isto é, os haitianos são exaustivamente retratados como dotados de certas características que os impediriam e afastariam do que se entende como civilização nos moldes ocidentais. Nas palavras da haitiana Ulysse (2016):

Logo após o terremoto, a cobertura das notícias sobre o desastre reproduziu narrativas e estereótipos de longa data sobre os haitianos. De fato, as representações do Haiti que dominaram as transmissões no contexto do terremoto de 12 de janeiro poderiam remeter virtualmente àquelas populares no século XIX, especialmente depois da Revolução Haitiana, bem como ao século XX, durante e após a ocupação dos EUA de 1915-34. Compreender as continuidades dessas narrativas e seus significados importa agora mais do que nunca. O dia em que os haitianos, como povo, e o Haiti, como símbolo, não serão mais representantes ou sinônimo de pobreza, atraso e mal ainda está por vir. (ULYSSE, 2016, p.37, tradução nossa)⁵³.

Como demonstraremos ao longo deste capítulo, essas “características” se baseiam, por um lado, na visão simplista da história haitiana, que evidencia golpes de estado e conflitos civis, cujos responsáveis diretos seriam os haitianos, em detrimento do ofuscamento da importância da Revolução Haitiana e dos impactos negativos das intervenções estrangeiras no país desde o início do século XX. Tais intervenções são, em contrapartida, enaltecidas e postas como indispensáveis para a manutenção da ordem e da estabilidade, contribuindo para

⁵³ Soon after the earthquake, mainstream news coverage of the disaster reproduced long-standing narratives and stereotypes about Haitians. Indeed, the representations of Haiti that dominated the airwaves in the aftermath of the January 12 quake could virtually be traced back to those popular in the 19th century, especially after the Haitian Revolution, as well as to the 20th century during and after the U.S. occupation of 1915–34. Understanding the continuities of these narratives and their meaning matter now more than ever. The day when Haitians as a people and Haiti as a symbol are no longer representatives of or synonymous with poverty, backwardness, and evil is still yet to come. (ULYSSE, 2016, p.37).

a infantilização e sugerindo uma incapacidade haitiana de governabilidade. Por outro lado, essa “inaptidão” para a civilização é respaldada pela constante desumanização dos haitianos, alcançada por meio da enfática apresentação da precariedade, aliada à despersonificação gerada pela ausência de representatividade e invisibilização do haitiano enquanto indivíduo dotado de autonomia.

Por fim, a construção da imagem pejorativa do universo haitiano é um processo gradual e multifacetado que se utiliza de símbolos e significações particulares ao contexto brasileiro para estabelecer vínculos que sobrepõem veladamente, como de costume no Brasil, a segmentação entre brancos e negros às fronteiras entre brasileiros e haitianos. Em outras palavras, a suposta discrepância entre indivíduos negros e brancos ultrapassa as fronteiras geográficas, sendo posta no epicentro das interações entre brasileiros e haitianos como aspecto essencial e indissociável à índole. Em última instância, as imagens do Haiti são veladamente associadas à negritude e, portanto, indesejáveis, de forma que a mídia em questão promove, por meio da aproximação simbólica, um distanciamento ideal para uma sociedade “branqueada”.

Se fizermos uma comparação com o que Dennis de Oliveira (2011) ressalta a respeito das mobilizações para o branqueamento da população brasileira, ligado à atribuição de um atraso da nação brasileira devido à sua composição étnico-racial, encontraremos que, tal qual no caso das imagens produzidas sobre o Haiti, *“a ideia da incapacidade do povo brasileiro em se auto-organizar e definir rumos próprios para a sua nação foi fundamentada com base no racismo”* (p.27). No caso do Haiti, a exaltação das intervenções internacionais segue a mesma lógica. Esses artifícios políticos e ideológicos de branqueamento da nação, veementemente introjetados no pensamento social brasileiro, reverberam até os dias atuais, o que pode ser notado nas diversas nuances dos discursos midiáticos sobre o Haiti. Sendo assim, fica patente que o que ocorre na construção discursiva e imagética do Haiti, nada mais é do que a reprodução da tradição racista brasileira.

Dito isso, o objetivo deste capítulo é analisar a construção e a estruturação das imagens pejorativas sobre o Haiti pautadas na ideia de precariedade, o que alicerça a visão estereotipada dos haitianos em diáspora no Brasil e norteia a posterior manutenção das mesmas, sobretudo entre 2012 e 2016. Para lograr o objetivo, analisaremos, nos três subcapítulos a seguir, algumas produções midiáticas da Rede Globo, especificamente os programas *Jornal da Globo*, *Bom dia Brasil* e *Profissão Repórter*, exibidos no ano de 2010. Os subcapítulos serão divididos segundo as visões midiáticas de, respectivamente: história haitiana, contextualizando de forma mais direta a ideia de “tragédia social”; terremoto; e

reconstrução. Nos três casos, a presença, especialmente brasileira, da MINUSTAH estará mais ou menos evidente.

2.1 A tragédia social haitiana segundo Arnaldo Jabor

“A história do Haiti é um monstrengo político”

Um dia após o terremoto, Arnaldo Jabor fala sobre o Haiti no Jornal da Globo⁵⁴. No que se pretende um panorama histórico, Jabor profere um emblemático texto que, para muito além da história haitiana, transparece aspectos fundamentais da sociedade brasileira. *“A história do Haiti é um monstrengo político”* – prenuncia. Essa monstruosidade, segundo dá a entender, se inicia na independência, *“depois do brutal colonialismo francês”*. Colonialismo esse que, diante da construção de seu discurso e apesar do uso meramente formal do adjetivo *“brutal”*, poderia ter salvado o destino do “fracassado” país. A independência, explica, foi conseguida por meio de uma rebelião de escravos chefiada por Dessalines, depois assassinado por Henri Cristophe, *“que se coroou como um Napoleão negro, com todas as pompas do imperador: palácios, escravos, duques”*.

Fica evidente em seu discurso a ideia de que a governança dos negros marca o início do desastroso quadro em que o Haiti se inserirá. O tendencioso destaque dado a alguns aspectos em contrapartida de outros, ocultados, é um instrumento largamente utilizado pela mídia para enviesar o olhar do espectador, e aqui transluz sua intenção de macular a importância da revolução (negra) haitiana. Ao falar de Cristophe, ridiculariza a ideia de um *“Napoleão negro”*, como se ditas *“pompas”* fossem reservadas aos brancos e, quando advindas de um negro, motivo de zombaria, tamanha a inadequação da sentença. Concomitantemente, recorre a um argumento frequentemente utilizado, no Brasil, no intento de deslegitimar, por meio da contradição, protagonismos de resistência negra, como a de Zumbi dos Palmares, ao dizer que Cristophe possuía escravos.

Dá, em seguida, um sintético salto histórico ao afirmar que *“depois, do meio do século XIX até o século XX, houve mais de vinte governantes no poder predando o país”*. A escolha prévia da palavra “predar”, tendo em vista que Jabor está proferindo um texto escrito, animaliza o povo haitiano, que se dividiria entre presa e predador. Segue: *“Em 1915, os*

⁵⁴ Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/1190540/>. Acesso em 8 de março de 2017.

Estados Unidos invadiram e tomaram conta do Haiti até 1934, a pretexto de defender seus interesses". A expressão "tomar conta" infantiliza declaradamente o país, e a falta de informações sobre esse período, em meio à narrativa do caos, sugere estabilidade. O aposto "*a pretexto de defender seus interesses*" apresenta certa ambivalência, uma vez que não fica claro a quem "*seus*" se refere – aos norte-americanos ou aos haitianos –, podendo confundir os espectadores que não estão familiarizados com a história haitiana. Ainda que o espectador não se confunda, a suposta estabilidade calcada pelos Estados Unidos parece uma alternativa desejável em oposição à desordem corriqueira.

Em seguida, fala do "*assassino Duvalier (...) cercado de criminosos chamados Tonton Macoute, que foi sucedido pelo filhinho Baby Doc, que era pior*". Como já foi mencionado, o duvalierismo foi um brutal e sangrento período ditatorial em que Papa e Baby Doc foram responsáveis pelo assassinato de milhares de haitianos, porém a ênfase dada ao fato não busca um resgate da memória histórica dos horrores da ditadura, mas associar o país à criminalidade. A própria designação incoerente dos Tonton Macoute como criminosos, já que apesar das atrocidades essa milícia agia dentro da lei ditatorial vigente, atende estrategicamente ao propósito.

Novamente destacando a intervenção estrangeira como única saída possível para amenização da situação no país, prossegue: "*só em 90 é que começou a tentativa de democratizar (ênfase) o Haiti*". "*Tentativa*" indica e a ênfase em "*democratizar*" reforça a impossibilidade. Em seguida, transborda um discurso que de tão disparatado parece pouco provável:

"E aí está o nó... Como democratizar um país miserável, analfabeto, com raízes tribais africanas bárbaras, dominado por ditaduras corruptas que tiraram tudo do país? O Haiti não é aqui, mas o Haiti é uma espantosa caricatura de contradições que existem em países da América Latina, só que lá tudo se passa como no fundo do inferno. Mas Deus será culpado pela miséria do Haiti? Não. O terremoto humano de 3 séculos foi pior. Existem tragédias de Deus e tragédias dos homens, quando as duas se encontram temos o horror absoluto."

O desfecho abarrotado de estereótipos preconceituosos e racistas, transmitido em rede nacional há apenas sete anos pela maior emissora de televisão do Brasil, mostra mais do mesmo. É de extrema relevância observar a ativa manutenção, retratada de forma tão crua, do que se pretendeu (e pretende-se, ainda) silenciar com a disseminação de um conveniente e ardiloso mito chamado democracia racial. Arnaldo Jabor condensa, em poucas palavras, o que poderia ser simplesmente abreviado para "negro". Fica escancarado aí que, ao longo de todo o discurso, não é do Haiti que ele está falando, mas dos negros, que, brasileiros ou haitianos, são fundamentalmente negros. Analisemos parceladamente e com maior rigor.

A noção de que seria impossível democratizar o Haiti está diretamente atrelada a certas características atribuídas por Jabor: *“miserável, analfabeto, com raízes tribais africanas bárbaras, dominado por ditaduras corruptas que tiraram tudo do país”*. Devido ao passado escravista do Brasil, marcado por uma condição arquetípica de colonialismo que remanesce nas relações sociais contemporâneas, certas conjunturas socioeconômicas são expressivamente conformadas por indivíduos negros⁵⁵. Compartilhando da concepção de racismo velado e da premissa de Florestan Fernandes (2008) de que o brasileiro possui *“preconceito de ter preconceito”*, repudiando a ideia de racismo sem nunca se desatrelar dela, concordamos que o racismo no Brasil é manifestado por meio de outros demarcadores para além da raça. Segundo o sociólogo:

O “preconceito de cor” é condenado sem reservas, como se constituísse um mal em si mesmo, mais degradante para quem o pratique do que para quem seja sua vítima. A liberdade de preservar os antigos ajustamentos discriminatórios e preconceituosos, porém, é tida como intocável, desde que se mantenha o decoro e suas manifestações possam ser encobertas ou dissimuladas (mantendo-se como algo “íntimo”; que subsiste no “recesso do lar”; ou se associa a “imposições decorrentes do modo de ser dos agentes ou do seu estilo de vida, pelos quais eles “têm o dever de zelar”). (FERNANDES, 2008, p.41)

Posto isso e dada à criminalização do racismo, reiteramos a ideia de que, de modo geral, a discriminação racial no Brasil ocorre por vias alternativas, fundamentando-se em marcadores socioeconômicos. A fala de Jabor, no entanto, permite uma percepção ainda mais concreta quando alterna a expressão *“raízes africanas”* com os sinalizadores comumente utilizados (*“miserável”, “analfabeto”, “corrupto”*), acrescida dos adjetivos *“tribal”* e *“bárbara”*, empregados tradicionalmente em oposição à civilização (branca). O fato de ele situar a ascendência africana em uma lista de adjetivos depreciativos a coloca como mais um, e, por extensão, o principal deles.

Em seguida, contesta o significado alegórico da música de Caetano Veloso, “Haiti”, cujo refrão (*“O Haiti é aqui”*) propõe por meio desse símbolo (O Haiti) uma discussão sobre as contradições do Brasil, em cuja questão racial é indissociável do fator socioeconômico. Ao dizer que o Haiti não é aqui, tenta se afastar de todos esses aspectos que se supõem inerentes aos negros e encarnados no Haiti. Séculos depois da revolução haitiana, o Haiti ainda é evocado emblematicamente causando o medo de uns e a admiração de outros⁵⁶. Após o afastamento que dissimula um branqueamento do Brasil, desqualifica ainda mais o Haiti ao chamá-lo de *“caricatura de contradições que existem em países da América Latina”*. Ou seja,

⁵⁵ Como negros entendemos indivíduos pretos e pardos.

⁵⁶ Ver Capítulo 1, p.25-26.

ele é um retrato exagerado e malfeito das contradições, por extensão, do Brasil. Indigno até para se assemelhar ao pior de nosso país, posto que *“lá tudo se passa como no fundo do inferno”*. A despreocupação de Jabor de sequer disfarçar um discurso de ódio, expressa, entre outras coisas, na utilização de sentenças tão degradantes, é notória.

Finalmente, isenta o terremoto (*“Deus”*) da *“culpa”* de haver deixado o país em ruínas, culpabilizando os próprios haitianos pelo resultado (*“terremoto humano de três séculos”*) e sugestionando que o quadro seria outro não fosse a *“tragédia dos homens”*. É interessante que esse discurso deixa claro que a tragicidade constantemente associada ao Haiti não se restringe aos desastres naturais, mas, ao contrário, se trata primariamente de seu povo.

2.2 O Bom Dia Brasil e a cobertura do terremoto

Um dos noticiários que mostrou com maior continuidade a cobertura do terremoto e, posteriormente, da *“reconstrução”* do país, foi o telejornal *Bom Dia Brasil*⁵⁷. No mês de janeiro de 2010, o tema foi abordado em cinco edições que contribuíram para a configuração e estruturação de imagens acerca do Haiti, dos haitianos e das tropas brasileiras, como mostraremos a seguir.

“É um destino terrível deste país”

A primeira menção do tema ocorreu no dia posterior ao terremoto, 13 de janeiro de 2010, e contou com os comentários de Miriam Leitão⁵⁸ e Alexandre Garcia, cuja participação se inicia com a afirmação de que as tropas brasileiras no Haiti terão, agora, ainda mais trabalho, já que, além de cuidar dos assuntos anteriores, também terão de ajudar o país na situação de emergência.

A ideia de *“mais trabalho”* é associada ao cenário de desordem e caos descrito e criticado por Garcia, que recrimina o governo do país por ainda não saber o número exato de mortos e sustenta suas afirmações por meio da transmissão de filmagens que mostram civis ajudando nos resgates, em detrimento da suposta ausência de ajuda *“oficial”*, mesmo que os resgates ainda estivessem ocorrendo. Fica claro, pela narrativa de Alexandre, que as imagens de desordem e de caos não somente decorrem do terremoto, mas fazem parte da própria natureza do país:

⁵⁷ Esse dado se baseia nos vídeos disponíveis no website <https://globoplay.globo.com>.

⁵⁸ A participação de Miriam Leitão será comentada no próximo item.

Alexandre: “O país já é muito desorganizado, tanto é que há pouco se divulgou uma nota que é impossível calcular o número de mortos por causa dessa desorganização. É o país que mais teve golpe de estado nas Américas, talvez no planeta. Nunca tantos presidentes foram assassinados, derrubados, civis, militares. Nunca houve tantas intervenções de países estrangeiros como no Haiti. Hoje há essa força multinacional, são dezesseis países sob o comando do Brasil. E essa força vai ter muito trabalho⁵⁹”.

Partindo de suas percepções sobre o terremoto, o jornalista retoma parte da história do Haiti, utilizando-se de afirmações generalizantes, por vezes deturpadas e espetaculares – como dizer que o Haiti foi o país que mais teve golpes de estado nas Américas e que nunca tantos presidentes foram assassinados, derrubados etc. como ali –, baseadas em convicções que, por um lado, reforçam a imagem negativa do país e, por outro, revelam um conhecimento limitado das histórias haitiana e mundial.

Outro aspecto de seu discurso, que se desdobra da caracterização do Haiti como um país “desordenado” e “caótico”, é a ideia de uma suposta incapacidade de resolver problemas internos sem auxílio estrangeiro. A construção dessa imagem pode ser notada em sua argumentação por meio do emprego de “*inúmeras*” para adjetivar as intervenções no país, combinado com a ênfase na presença das tropas durante o terremoto. Em outras palavras, na “história” haitiana contada pelo jornalista, o país não consegue se sustentar sem a presença estrangeira.

A presença das tropas é vinculada a um otimismo que se consolida em imagens positivas sobre a MINUSTAH, bem como à centralidade e importância dos soldados brasileiros que, segundo ele, contribuíram para “*deixar uma estrutura muito boa*” no país e seriam fundamentais para sua reconstrução. As imagens positivas das tropas, dentre as quais destacamos as que mostram o Brasil como organizador, gestor, defensor, protetor e salvador, apresentam-se em oposição às imagens negativas do Haiti.

O jornalista encerra seus comentários mencionando que “*não à toa*”, ou seja, diante de uma história “trágica”, a padroeira dos católicos haitianos é a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Consideramos que a menção à padroeira não é arbitrária, sobretudo porque reforça o estado desordeiro e caótico “natural” do país e, conseqüentemente, a ideia de os haitianos terem de clamar constantemente por socorro, tal qual indicam o nome e a história da santa. A sugestão no uso da padroeira também revela outra noção da “história” do país, mencionada pelo jornalista e marcada por passado e presente trágicos e futuro e sorte incertos. Nas palavras finais do jornalista: “*Recupera-se um pouco e cai de novo. É um destino terrível deste país*”.

⁵⁹ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/1189811/>. Acesso em 9 de março de 2017.

“O país não tem a menor condição de se reerguer sozinho”

O segundo quadro do programa, do dia 13 de janeiro, conta com comentários da jornalista Miriam Leitão. Observemos seu diálogo inicial com Renato Machado:

Renato: “É, Miriam, o Haiti nós já sabemos que é o país mais pobre do continente americano e agora, depois de todo aquele desastre natural por que passou, a confusão social pelo que passou, agora está diante desta tragédia. O que a gente pode antever do Haiti a partir de agora?”.

Miriam: “Primeiro é o seguinte, Renato, na verdade o Banco Mundial diz que é o país menos desenvolvido do Hemisfério Ocidental, um dos países mais pobres do mundo. 80% da população vive abaixo da linha da pobreza, 50% destes 80% abaixo da linha da extrema pobreza, então o que que acontece, uma tragédia como essa agrava tudo. Todos os relatórios que o Brasil tem mandado para a ONU é dizendo que a pobreza é que provoca os conflitos que a ONU está tentando apaziguar através do Brasil. Num momento como este o país não tem a menor condição de se reerguer sozinho. Ele vai precisar de muita ajuda internacional e o Brasil é o que está no meio disso. Ele não tem condições de se reerguer sozinho por causa dessa base da sua tragédia social, que provoca a tragédia política, todos os conflitos⁶⁰”.

Como é possível observar, Renato contextualiza o Haiti a partir do destaque do aspecto centralmente a ele atribuído no senso comum, o caráter de país mais pobre das Américas, e da retomada do último desastre natural anterior ao terremoto, o furacão de 2008. Respondendo o que se pode antever diante de tamanha tragédia em dito contexto, Miriam descreve um quadro miserável e pessimista. Primeiramente, corrige o dado mencionado por Renato, mostrando que o quadro é ainda mais alarmante, e o complementa com outros indicadores de tragicidade anteriores mesmo ao desastre natural. Mais uma vez, o Haiti é apresentado em uma situação de pobreza congênita que antecede o terremoto e que, segundo a jornalista, desemboca nos demais conflitos que o país enfrenta. Salientamos a importância do emprego da expressão *“tragédia social”*, cujo conceito perpassará pela maioria dos discursos e imagens acerca do país apresentados pelos mais variados produtos analisados neste trabalho.

O quadro miserável e pessimista descrito pela jornalista é acompanhado por algumas imagens que o reforçam:

⁶⁰ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/1189814/>. Acesso em 9 de março de 2017.

Imagem 1: Destroços em Porto Príncipe - 1. Fonte: *Bom Dia Brasil* no Globo Play⁶¹.

Imagem 2: Destroços em Porto Príncipe - 2. Fonte: *Bom Dia Brasil* no Globo Play⁶².

Apesar de serem imagens distintas, há aspectos comuns que podem ser destacados, como a destruição de edifícios oficiais ao fundo, a ausência de autoridades nacionais ostensivas e a presença massiva da população nas ruas. Nas cenas selecionadas pelo programa é possível ouvir os gritos e, por vezes, ver o desespero dos haitianos ao encontrarem corpos de conhecidos. Outros tipos de imagens selecionadas mostram haitianos perplexos com a destruição (Imagem 2) e recolhendo restos de comida nas ruas, evocando a precariedade.

Após o uso dos indicadores econômicos, a jornalista enfatiza a grande dificuldade que o país enfrentará para se recompor devido a um fator constituinte da sua base social, a pobreza. Concomitantemente com os comentários a respeito da pobreza, são exibidas cenas que respaldam tal discurso: haitianos recolhendo comida nas ruas. A combinação das imagens

⁶¹ Disponível em: <http://globoplay.globo.com/v/1189814/>. Acesso em 9 de março de 2017.

⁶² Disponível em: <http://globoplay.globo.com/v/1189814/>. Acesso em 9 de março de 2017.

e dos sons (gritos), simultaneamente, reforça as imagens de miséria e desamparo mencionadas por Miriam e reproduz as noções de desordem e de caos, mencionadas anteriormente por Alexandre.

Imagem 3: Caos em Porto Príncipe. Fonte: *Bom Dia Brasil* no Globo Play⁶³.

Imagem 4: Porto Príncipe pós-terremoto 2. Fonte: *Bom Dia Brasil* no Globo Play⁶⁴.

A combinação de discurso e imagem visa perfilar uma análise mais acurada. Concordamos com Charaudeau (2013) ao afirmar que a televisão é imagem e fala, fala e imagem, conformando uma interdependência que produz a significação da mensagem que se quer passar. Segundo o autor:

Não somente a imagem, como se diz algumas vezes quando se trata de denunciar seus efeitos manipuladores, mas imagem e fala numa solidariedade tal, que não se saberia dizer de qual das duas depende a estruturação do sentido. É claro que cada uma dessas matérias significantes tem sua própria organização interna, construindo um sistema semiológico próprio, cujo funcionamento discursivo constrói universos de

⁶³ Disponível em: <http://globoplay.globo.com/v/1189814/>. Acesso em 9 de março de 2017.

⁶⁴ Disponível em: <http://globoplay.globo.com/v/1189814/>. Acesso em 9 de março de 2017.

sentidos particulares, podendo a imagem jogar mais com a representação do sensível, enquanto a palavra usa da evocação que passa pelo conceitual, cada uma gozando de autonomia em relação a outra (CHARAUDEAU, 2013, p.109-110).

Consideramos que as imagens selecionadas pela emissora passam a mensagem de um país que já era miserável, caótico e desordenado e, após ser devastado pelo terremoto, tem a sua população desamparada e sua situação agravada, sendo incapaz de se recuperar sem ajuda externa. A partir dessas noções, a comunidade internacional e, em especial o Brasil, são conclamados pela mídia a colaborar na reconstrução do país.

O Brasil é situado não apenas como o responsável pela missão de paz, mas principalmente como mediador entre a comunidade internacional e o Haiti. Este aspecto é um dos que consagram o Haiti, considerando governantes e governados, como incapaz, sem representatividade ou sem voz. Em outras palavras, é preciso que outro país “diga ao mundo” que a ajuda internacional é fundamental, porque ele mesmo não consegue, seja por incapacidade, infantilidade, desordem, ausência de legitimidade ou qualquer outra razão. Nas palavras da jornalista: *“A ajuda internacional tem que ser de grandes proporções e o papel do Brasil tem é de dizer isso para o mundo, porque o Haiti já não tem condições naturais de sobrevivência e agora, com uma tragédia como essa...”*.

As edições seguintes abordaram ainda mais fortemente o papel do Brasil no Haiti, assim como a relação entre brasileiros e haitianos.

“O Haiti é um país sem sorte”

O segundo programa analisado foi exibido no dia 14 de janeiro de 2010, contando novamente com os comentários de Miriam Leitão, e teve como objetivo tratar do trabalho do exército no Haiti. A jornalista, inicialmente, assinala o papel das forças armadas brasileiras e classifica a missão como nobre, uma vez que *“levou a paz para o Haiti”*. A ideia de “levar a paz” está amparada em outras imagens produzidas sobre o país, como a de país caótico, miserável e desordenado, mencionadas nos tópicos anteriores. O diferencial, com respeito aos programas já analisados, é que a partir desse momento fica mais explícito o enaltecimento e orgulho das tropas brasileiras. Nas palavras da jornalista:

Miriam: *“(...) É uma missão de paz e o Brasil é o comandante desta missão de paz que até agora foi muito bem-sucedida. O Brasil foi com uma estratégia muito bem organizada. Quando eles chegaram lá o Haiti era tomado por gangues, principalmente por ex-militares. As forças armadas haitianas tinham sido extintas em 1994 e esses ex-militares formaram gangues. Isso era a principal preocupação da ONU. Ontem quem me contou isso foi o general Augusto Heleno, que foi o primeiro comandante das Forças Brasileiras lá. Aí o Brasil chegou, conseguiu desarmar e desfazer essas gangues, conseguiu ocupar as áreas mais perigosas, as favelas, e*

conseguiu estabelecer uma relação com a população. E foi reconstruindo hospitais, escolas e assim foi ganhando cada vez mais a confiança da população⁶⁵”.

O comentário da jornalista reforça não apenas a imagem heroica do Brasil, omitindo a resistência haitiana à missão de paz, mas, sobretudo, o fosso que separa Haiti e Brasil e, por conseguinte, haitianos e brasileiros. Os substantivos e adjetivos que estão associados ao Brasil são sempre positivos e o país e seus soldados são sempre os agentes, os sujeitos ativos. A missão é muito bem-sucedida, o país foi com uma estratégia muito bem organizada, o país desarmou e desfez as gangues, ocupou as áreas perigosas, estabeleceu a relação com a população e está reconstruindo o país. Ou seja, o Brasil, conforme as imagens mencionadas, é aquele que, por “solidariedade” e “nobreza”, salva, organiza e protege os haitianos, ocupando o papel que deveria ser do governo haitiano.

Em contraposição, os verbos e adjetivos que se referem ao Haiti são negativos e o país e os haitianos são os que recebem a ação, são os sujeitos passivos. O quadro do Haiti é descrito como caótico, desordenado e anárquico, sem lei nem autoridade, e o Brasil tenta “construir” ou “reconstruir” uma ordem e uma estabilidade em todos os âmbitos. Em outro momento, a jornalista procura argumentar sobre a importância da ajuda internacional e acaba por comentar novamente sobre a “história” do país, o que também permite constatar a contraposição mencionada:

Miriam: “O Haiti é um país sem sorte. Começou com a grande esperança. Foram escravos que assumiram o poder e conseguiram construir a primeira república independente, mas, enfim, sua história vem vindo de tragédias em tragédias e essa é mais uma, mas o mundo tá reagindo de forma muito importante, unido, com solidariedade e ajuda forte⁶⁶”.

É importante ressaltar que em quase todas as matérias analisadas perpassam noções de sorte e de destino, como se o “acaso” e o “predeterminado” marcassem e definissem sua história, muito mais do que a ação e a atuação dos haitianos. Deste modo, as imagens do Haiti e dos haitianos vão sendo amparadas na noção de agente passivo, pois nem mesmo conseguem assumir o controle e construir uma história diferente, especialmente porque existe algo mais forte, como a sorte e o destino, impedindo-os de progredir. Sobre uma base de passividade, alguns momentos da história haitiana são mencionados, como é o caso da Revolução de 1804, que embora tenha marcado a história da América Latina por ter sido a primeira república a proclamar a independência na região e por essa revolução ter sido negra,

⁶⁵ Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/1190595/>. Acesso em 9 de março de 2017.

⁶⁶ Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/1190595/>. Acesso em 9 de março de 2017.

é reduzida a uma frase que se encerra com tragédia, azar e ajuda internacional. Ou seja, mesmo nesse fato histórico, marcado por lutas intensas constantemente omitidas ou ignoradas nos comentários dos jornalistas, os haitianos continuam ocupando um papel de sujeitos e não de agentes. Similarmente, podemos observar nas análises feitas no presente trabalho o frequente salto histórico entre a independência e o século XXI, como se os acontecimentos dos séculos XIX e XX não houvessem contribuído para a situação atual do Haiti, ou como se os países “solidários”, que muito exploraram os haitianos em diversos momentos dessa mesma história (e continuam explorando), sempre tivessem estado filantropicamente presentes.

A partir de imagens positivas do Brasil e negativas do Haiti são produzidas outras imagens, das relações entre eles. Para tratar dessa relação, a jornalista resgata a chegada das tropas brasileiras no país, mencionando a reconstrução e os “benefícios” que o Brasil está levando para o Haiti. Acompanhemos o diálogo entre Miriam e o Renato Machado:

Miriam: “Trabalho de reconstrução foi todo destruído por essa tragédia mundial, mas os brasileiros devem ter orgulho dos militares que estão levando a paz e o conforto para uma população tão sofrida”.

Jornalista 2: “O trabalho de reconstrução vai depender muito dos brasileiros”.

Renato: “Exatamente porque os brasileiros têm a confiança da população, a população confia nos brasileiros ⁶⁷”.

Nota-se que por meio do reconhecimento do trabalho dos brasileiros no Haiti e da suposta gratidão atribuída aos haitianos, obtém-se a confiança da população. Ou seja, novamente a partir da oposição entre imagens positivas do Brasil e negativas do Haiti, a relação é estabelecida em um movimento que parte de brasileiros para haitianos. Outro instrumento usado para conquistar a confiança, muito mencionado nesse programa, foi o futebol.

Lições da democracia: a democracia resiste até aos terremotos

Neste tópico trataremos dos próximos dois exemplares selecionados no telejornal em questão, também do mês de janeiro (18 e 20), uma vez que ambos são comentados por Alexandre Garcia e usam a questão haitiana para falar da situação política brasileira e de outras partes da América Latina. No dia 18 de janeiro, uma declaração do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, na qual cobra maior participação dos países na reconstrução do Haiti,

⁶⁷ Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/1190595/>. Acesso em 9 de março de 2017.

introduz o tema. Em seguida é estabelecido um breve diálogo entre a jornalista Zileide Silva e Alexandre Garcia:

Zileide Silva: “Parece óbvio, mas o importante agora é que esta ajuda, o auxílio, chegue mesmo aos haitianos sem uma discussão sobre quem vai mandar, controlar isso tudo.”

Alexandre Garcia: “A gente tem notado nos bastidores que há uma certa discussão. Estão perdendo energias com supremacias e solidariedade rima, mas não combina com vaidade. Então é preciso se organizar sim, mas nem dinheiro agora vai ser útil, pode ser até um perigo, aparecer dinheiro lá. O que é preciso é a logística da sobrevivência... É o resgate, a comida, a água, o hospital, a segurança”⁶⁸.

Os comentários iniciais de Zileide reforçam os aspectos já mencionados, sobretudo no que se refere à incapacidade do país em se organizar e reestabelecer sozinho, bem como cuidar de sua reconstrução, organizando as tropas e gerenciando o dinheiro enviado para a ajuda humanitária. Novamente alguns verbos como “*mandar*” e “*controlar*” aparecem para reforçar a noção de um país sem autoridade local, que pode despertar a disputa da “solidariedade internacional” por um protagonismo nesse sentido.

Em seguida, em seu mais longo comentário, enfatiza que mais do que saber quem vai controlar e comandar o país, é preciso se organizar e estabelecer uma “lógica de sobrevivência”. Mais uma vez, a justaposição de controle e caos fica evidente, principalmente ao afirmar que é até perigoso que apareça dinheiro no Haiti, deixando no ar uma insinuação de desconfiança que coloca em cheque o uso que as autoridades haitianas poderiam dar ao dinheiro. Tal como nas análises anteriores, o jornalista assinala o papel fundamental da ajuda internacional e responsabiliza o que já foi denominado anteriormente como “tragédia social” em detrimento da tragédia natural. Continua:

“O Haiti nos últimos 200 anos tem oscilado entre um equilíbrio frágil e nenhum equilíbrio. Nesse momento as coisas se complicam porque vem o desespero, a fome, mais mortes, feridos que estão com gangrena, tétano e tem essas gangues que saíram do presídio que desabou e voltaram a controlar alguns bairros, tem o êxodo para a República Dominicana e a gente fica se perguntando: será que o vizinho não vai acabar fechando a fronteira assustado, tem mais cidades fora de Porto Príncipe que foram muito atingidas (...)”⁶⁹.

Novamente, a história haitiana é reduzida e limitada a enquadramentos e categorias arbitrárias. A menção à ausência de equilíbrio sustentada em uma percepção enviesada também é utilizada para assinalar estado de emergência, necessidade de ajuda internacional e agravamento da situação vivida pelos haitianos. Seus comentários sobre a política se estendem a elogios de algumas ajudas “*inesperadas*”, como a de Cuba, e para o que chama de “*lições da democracia*”. Em suas palavras:

⁶⁸ Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/1192982/>. Acesso em 9 de março de 2017.

⁶⁹ Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/1192982/>. Acesso em 9 de março de 2017.

“(...) também vê as lições da democracia. Há 500 quilômetros do Haiti, no istmo da América Central está a Costa Rica, que tem vulcões, terremotos, mas tem democracia. É o sistema político mais estável da América Latina e o mais instável é o Haiti. Aí a gente compara e vê que a democracia resiste até a terremotos. Está é a lição no momento em que parece que voltam os populismos autoritários na América Latina. Ainda bem que o Brasil está lá nesta aula, neste laboratório, do Haiti⁷⁰”.

Alexandre estabelece uma comparação simplista entre Haiti e Costa Rica baseada puramente em parâmetros como proximidade geográfica, propensão a desastres naturais e formas de governo, a fim de instituir uma hierarquia entre os dois, desconsiderando aspectos fundamentais como as particularidades históricas ou características socioeconômicas de cada um. Ademais, estabelece arbitrariamente categorias e classificações para os países ao afirmar que Costa Rica é o mais estável e Haiti o mais instável das Américas.

O jornalista aproveita a comparação para estabelecer outra “máxima” e apresentar a lição oferecida pelo Haiti: as democracias resistem ao terremoto. Ao fazê-lo, demonstra um raso conhecimento sobre política do Haiti, que já possuía nesse momento um regime democrático, e mesmo sobre fenômenos naturais, já que acredita que a natureza política da sociedade, por si só, alteraria significativamente os impactos sobre ela e seu restabelecimento. Finalmente, Alexandre encerra sua fala chamando a atenção para os “*populismos autoritários*”, não definidos ou esclarecidos, que supostamente estariam se instaurando na América Latina. O jornalista possivelmente se referia aos então governantes progressistas, eleitos pelo voto popular, como os Kirchner na Argentina, Evo Morales na Bolívia, Hugo Chávez na Venezuela, Rafael Correa no Equador, José Mujica no Uruguai e o próprio Luiz Inácio Lula da Silva no Brasil. Fica claro que a situação do Haiti pós-terremoto é estrategicamente utilizada para atacar alguns países e governos latino-americanos e alertar a população brasileira para os perigos e desdobramentos desses supostos governos autoritários, o que se evidencia pelo subsequente uso do termo “*aula*”. Já a ideia de “*laboratório*” revela o Haiti como um lugar propício para a realização de testes e experimentos dos mais variados tipos⁷¹.

O programa do dia 20 de janeiro se inicia com diálogo entre Renato Machado e Alexandre Garcia sobre a presença dos soldados brasileiros e, em especial, sobre o caso específico de um deles, que teria resgatado uma mulher:

Renato Machado: “São soldados que deram a vida pelo Haiti”

⁷⁰ Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/1192982/>. Acesso em 9 de março de 2017.

⁷¹ Como mencionamos no primeiro capítulo, é sabido que as tropas brasileiras usaram a pacificação de Cité Soleil como treinamento para estabelecer as Unidades de Polícia Pacificadora – UPPs no Rio de Janeiro.

Alexandre Garcia: “Soldados que deram a vida pelos outros. Não há como não comparar e tomar as lições para o Brasil⁷²”.

Após o diálogo, são exibidas imagens do resgate e parte de seu depoimento em que afirma: “*graças a Deus que a gente tava aqui*”. A câmera retorna para Alexandre, que comenta: “*Quer dizer, o soldado dá graças a Deus por estar lá no terremoto arriscando a vida e poder salvar vidas. Agora vejam essas imagens aqui da capital do Brasil*”.

O enobrecimento dos soldados tratado exaustivamente neste trabalho, ao produzir orgulho por parte do telespectador, estabelece um vínculo por meio de um sentimento nacionalista que o faz identificar-se com o conterrâneo que, em terras estrangeiras, representa seu país. Em contrapartida, são mostradas imagens de suborno e corrupção que vinham à tona na época. Alexandre comenta:

“Não há como a gente não comparar entre aqueles que estão doando tudo, inclusive a própria vida, como a doutora a Zilda Arns, como os militares brasileiros, aqueles que estão doando aqui no Brasil, como os fabricantes de remédios que se unem em Goiás para mandar material hospital para o Haiti. Não há como não comparar com estes egoístas, que estão usando o dinheiro do povo, dos impostos de todos, do Brasil inteiro, que vem pra Brasília e que no superfaturamento de obras públicas sobra este dinheiro. Não há como não comparar, não há como não fazer esse tipo de comparação⁷³”.

As dicotomias estabelecidas (bem e mau, herói e vilão, dentro e fora [do Brasil]) sutilmente sustentam, para além da crítica às práticas corruptas de certos políticos ou à própria tradição de corrupção no país, uma crítica ao governo vigente. Os soldados são associados às noções de doação, solidariedade e união por uma causa maior, coletiva e internacional, enquanto os políticos são associados às noções de uso e de desvio do dinheiro público por uma causa hedionda, própria e nacional⁷⁴.

“A gente vivia num oásis perto de toda a tragédia que o restante da cidade passava”

O último exemplar do telejornal que analisamos foi do dia 25 de janeiro de 2010. Seu diferencial é o relato da correspondente internacional Lília Teles sobre sua ida ao país, conferindo um tom mais comovente, sensibilizador e “verossímil”, quando comparado aos

⁷² Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/1194560/>. Acesso em 9 de março de 2017.

⁷³ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/1194560/>. Acesso em 9 de março de 2017.

⁷⁴ É notório como o discurso político enviesado é introjetado paulatinamente com o avassalador respaldo midiático. Nos anos posteriores, quando a diáspora haitiana começa a ser noticiada alarmantemente como uma grande “invasão”, o mal-estar forjado em torno do tema se volverá frequentemente uma questão de disputa partidária na qual os governos estaduais petistas e tucanos (por exemplo, Acre e São Paulo) trocam ofensas e, com os recém-chegados haitianos sendo empurrados de um lado para o outro, se tornam pauta frequente na imprensa e na mídia graças ao seu uso estratégico como ataque político

comentários anteriores. Foram combinadas imagens de resgates e destroços com o testemunho da correspondente.

O diálogo entre Renata Vasconcellos e Lília Teles se inicia com imagens de soldados brasileiros resgatando uma mulher:

Imagem 5: Mulher sendo resgatada por soldados brasileiros. Fonte: *Bom Dia Brasil* no Globo Play⁷⁵.

Renata Vasconcellos: “A gente tá vendo, né Lília, os bombeiros resgatando uma mulher”.

Lília: “É a Jean Baptiste. Este momento a gente não conseguiu acompanhar essa retirada”.

Renata Vasconcellos: “Mas primeiro eu queria te perguntar o seguinte: Por que você decidiu parar o caminhão naquele momento em que você estava seguindo com os soldados brasileiros para ajudar aquela mulher?”.

Lília: “Olha, por todo lado que a gente passava, a gente escutava este grito de socorro, das pessoas, dos moradores. As equipes de resgate não são suficientes para tantos escombros então os moradores ficavam ali tentando encontrar seus parentes e escutavam vozes debaixo daqueles escombros. Quando eles viam a gente ficavam tão apavorados e pediam desesperados socorro, para aqui, tem gente viva ali”⁷⁶.

A combinação das gravações no Haiti com os comentários das jornalistas contribui para a construção de imagens já mencionadas, relacionadas aos soldados, aos haitianos e ao Haiti. Com relação aos soldados brasileiros, notamos o reforço das imagens de heróis e de redentores. Também vemos que a correspondente ocupa um lugar de heroína, sobretudo pela ênfase que é dada ao momento em que ela pediu para parar o caminhão, para ajudar a Jean Baptiste. Já com relação aos haitianos e ao Haiti, é possível observar a descrição de um quadro caótico, que é pautado pela destruição, pela ajuda insuficiente, pelo desespero e desamparo dos haitianos.

⁷⁵ Disponível em: <http://globoplay.globo.com/v/1189814/>. Acesso em 9 de março de 2017.

⁷⁶ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/1197705/>. Acesso em 9 de março de 2017.

Diferentemente dos comentaristas anteriores, Lilia não atribui este quadro a um momento anterior da história haitiana, mas à situação adversa que o país passava por conta do terremoto. Não obstante, a continuidade do diálogo entre as duas revela algumas das imagens negativas:

Renata Vasconcellos: “Você não pode acompanhar o resgate até o fim. Era muito perigoso ficar lá à noite?”.

Lilia: “Não era essa a questão, não era o perigo. Na verdade o resgate durou mais de 6 horas, era extremamente complicado para retirá-la dali, tinham várias lajes em cima dela e a gente precisou sair para mostrar a matéria (...). Se a gente ficasse lá a gente não conseguiria mostrar isso.”⁷⁷.

A primeira delas é a de perigo, amparada pelas noções de desordem, caos e ausência de autoridade. Essa imagem foi rebatida pela correspondente, mas as outras não seriam e a espetacularização seria (re) criada, combinando cenas das gravações com o diálogo:

Renata Vasconcellos: “As imagens são muito fortes. Essas dos resgates que nós vimos, nós acompanhamos, mas também essas imagens que mostram a destruição e o caos em que se transformou o país inteiro, principalmente a capital, Porto Príncipe”.

Renata Vasconcellos: “A cidade realmente está mergulhada em um caos ou é exagero o que vemos nas imagens?”.

Lilia: “Porto Príncipe, naquele momento, pelo menos nos primeiros dias e hoje ainda, é a melhor definição de caos. Não existe nada que se compare a uma cidade como aquela. As pessoas passam muita fome, para todos os lugares que você passa as pessoas pedem comida, pedem água. Eu dei água, tudo o que eu tinha dentro da minha bolsa eu dava. As pessoas pediam água, mas eu sabia que em algum momento eu teria água”⁷⁸.

A segunda delas é a de desordem e caos, enfatizada por ambas as jornalistas. Para a correspondente, Porto Príncipe é sinônimo de caos. Neste momento os haitianos são o tema principal, e não mais o Haiti, como nos programas anteriores. As imagens de miséria atribuídas à situação socioeconômica do país são ampliadas para a situação pós-terremoto, somadas ao desamparo, ao desespero, à fome e assim por diante. Como mencionamos anteriormente, a combinação de fala e imagem, isto é, de depoimento e filmagens, contribui para reforçar essas ideias e para sensibilizar o telespectador.

Nas imagens abaixo é possível ver a disputa por comida, sem a presença de autoridade oficial para regular e controlar sua distribuição entre a população:

⁷⁷ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/1197705/>. Acesso em 9 de março de 2017.

⁷⁸ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/1197705/>. Acesso em 9 de março de 2017.

Imagem 6: Haitianos competem por comida. Fonte: *Bom Dia Brasil* no Globo Play⁷⁹.

Imagem 7: Haitianos competem por comida 2. Fonte: *Bom Dia Brasil* no Globo Play⁸⁰.

Essas cenas têm a função de consagrar as imagens negativas sobre o Haiti e sobre os haitianos mencionadas até agora, sobretudo no que se refere à miséria, à desordem, ao caos, à anarquia, à incapacidade do país se reerguer sozinho e à necessidade da ajuda internacional para controlar e ordenar a situação. Ademais, o desespero por comida pode ser visto como um comportamento instintivo que animaliza os haitianos.

O depoimento da correspondente termina com uma menção ao relacionamento entre os soldados brasileiros e os haitianos:

⁷⁹ Disponível em: <http://globoplay.globo.com/v/1189814/>. Acesso em 9 de março de 2017.

⁸⁰ Disponível em: <http://globoplay.globo.com/v/1189814/>. Acesso em 9 de março de 2017.

Renata Vasconcellos: “Como é que é a relação do soldado brasileiro com os haitianos, ela te pareceu diferente da relação com os demais militares?”.

Lilia: “É extremamente carinhosa. O Brasil já está no Haiti há muito tempo. Eles fazem um trabalho de resgate daquela cidade, daquele país e daquela população já há muito tempo então eles têm uma forma de tratamento desse pessoal que é uma forma muito carinhosa e o haitiano sabe que pode contar com o brasileiro. Em muitos lugares onde a gente chega as pessoas falam português e isso graças ao pessoal do exército brasileiro. As crianças que frequentam a base militar, todas elas falam português⁸¹”.

Enquanto ocorre o diálogo, são exibidas imagens de mais um resgate. O diálogo e as imagens reforçam os aspectos já salientados, como os brasileiros como sujeitos da ação, isto é, eles “salvam” e “resgatam” a cidade, o país e a população, enquanto os haitianos são os sujeitos da não ação, da passividade, isto é, eles recebem a ajuda. Também é enfatizada a relação especial, diferenciada, entre os brasileiros e os haitianos, que é baseada na história dos brasileiros no Haiti e na “gratidão” do povo haitiano. Outro aspecto importante é o uso das crianças para demonstrar a relação amistosa entre os povos, tal como a questão cultural e do idioma. Ou seja, os haitianos “admiram os brasileiros” (como na questão do futebol anteriormente mencionada) e tentam se aproximar por meio da aprendizagem do idioma, e não o contrário, sugerindo uma relação desigual entre eles.

Finalmente, gostaríamos de frisar três aspectos. O primeiro é a ausência de depoimentos ou comentários de haitianos, fornecendo assim apenas um ponto de vista sobre a situação: o dos brasileiros (as). O segundo é a omissão ou mesmo o apagamento das tensões e resistências dos haitianos às tropas brasileiras e de outras nacionalidades, bem como os desdobramentos negativos dessa presença. Após ver os programas, o telespectador acredita que as tensões e resistências não existem e que a presença estrangeira é apenas benéfica. O terceiro é com relação às ideias que foram vendidas para os haitianos, como “*o haitiano sabe que pode contar com o brasileiro*”. A ideia de camaradagem e parceria dos brasileiros com os haitianos, como se sabe, está limitada a um espaço político e geográfico bem determinado: o Haiti. Quando eles ultrapassam a “linha imaginária”, a ideia é relativizada, o discurso é alterado e a camaradagem também. Esse tema será tratado no próximo capítulo.

⁸¹ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/1197705/>. Acesso em 9 de março de 2017.

2.3. *Profissão Repórter* e o fracasso da reconstrução

O programa jornalístico *Profissão Repórter* possui um formato diferenciado por contar com uma equipe de jovens repórteres que, ao lado de Caco Barcellos, fazem a cobertura dos mais diversos temas ou acontecimentos. Essa característica o diferencia dos tradicionais programas jornalísticos da emissora, como *Globo Repórter* e *Fantástico*, e pode apresentar uma perspectiva mais diversificada do tema, já que esses jovens jornalistas possuem relativa liberdade para escolherem o tipo de abordagem que farão nas matérias (evidentemente a edição e a montagem selecionarão o que considerarem de maior relevância). O interesse na escolha do produto a ser analisado adveio da possibilidade de que essa liberdade pudesse conferir uma visão mais aberta ou menos pejorativa do Haiti, visão essa que, se realmente averiguada, nos parece indispensável.

Efetivamente, constatamos alguns aspectos diferenciais no programa, quando comparado com outros, no que tange uma maior possibilidade de representatividade dos haitianos, já que em uma das três reportagens (a de Mariane Salerno e Thiago Jock), um haitiano é pela primeira vez entrevistado⁸². Não obstante, consideramos que essa “voz” haitiana ainda é extremamente reduzida e enviesada e que, na maioria esmagadora do programa, predomina a tradicional reprodução de estereótipos e depreciação do país e de seus cidadãos em contraposição ao protagonismo dos brasileiros entrevistados. Buscaremos elucidar essas, dentre outras questões, neste subcapítulo.

Para o presente trabalho nos restringiremos a analisar o primeiro bloco do programa, único disponível no website Globo Play. Optamos por dividir o subcapítulo, respectivamente, pelas reportagens de: Caco Barcellos; Júlia Bandeira e Caio Cavechini; e Mariane Salerno e Thiago Jock. Ainda que essa divisão não obedeça à ordem sequencial do programa, visa categorizar as abordagens de cada equipe na busca por uma análise pormenorizada.

Caco Barcellos

O *Profissão Repórter* exibido no dia 6 de abril de 2010 mostrava um Haiti que, três meses após a tragédia, ainda engatinhava na reconstrução. A equipe que acompanha Caco Barcellos chega ao Haiti através da fronteira, “*pelo caminho da ajuda humanitária*.”. Caco

⁸² O que podemos observar na maior parte dos programas da emissora foi que o diálogo com os haitianos, quando ocorre, fica quase sempre restrito a perguntas genéricas que pouco dizem sobre sua real perspectiva.

descreve a fronteira que divide Haiti e República Dominicana (Imagem 8) como caótica: “Os guardas têm dificuldade em pôr uma ordem aqui na fronteira. O Haiti precisa de ajuda urgente, mas parece que os guardas da fronteira não se importam com isso.” (Imagem 9). O discurso do caos se repete, mas agora com um agravante: a retratação de uma polícia incompetente, negligente e, como se tentará demonstrar no programa, corrupta.

Imagem 8: Caos na fronteira entre Haiti e República Dominicana. Fonte: *Profissão Repórter* no Globo Play⁸³.

⁸³ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/1243101/>. Acesso em 15 de março de 2017.

Imagem 9: Policial haitiano na fronteira entre Haiti e República Dominicana. Fonte: *Profissão Repórter* no Globo Play⁸⁴.

É mostrado um grande movimento de entrada de caminhões carregados de suprimentos destinados à ajuda humanitária, o que fortalece a ideia de que há uma mobilização global para contribuir com a reconstrução do Haiti. Como a reportagem é realizada alguns meses após o terremoto, apresenta a intencionalidade de expor a evolução dessa reconstrução, que como se verá, é mostrada como um verdadeiro fracasso. A exibição prévia de um grande contingente de entrada de provimentos aporta uma insinuada má gestão de recursos por parte do governo, e, aliada às insufladas incompetência e práticas corruptas dos policiais, justificam a estagnação no cenário pós-terremoto, direcionando a culpa aos próprios haitianos que, embora recebam uma multiplicidade de ajudas, não sabem o que fazer com elas graças à sua “natureza” constantemente inferiorizada. No programa em questão fica mais evidente que a inferiorização dos haitianos que temos observado se aproxima de uma ideia de selvageria que percebemos como um resquício latente das teorias do racismo científico do século XIX, como se verá mais adiante.

O repórter explica que durante os tramites de entrada no Haiti, os guardas haitianos exigiram que as câmeras fossem desligadas, além de cobrarem uma taxa de entrada no valor de cinquenta dólares, sem emissão de recibo. A maneira como essa informação é construída insinua claramente que a taxa se tratava de propina. Não obstante, feita uma breve pesquisa na internet constatamos que de fato é cobrada taxa de entrada no país, prática comum em muitas fronteiras. O impedimento da gravação no posto de fiscalização tampouco nos parece algo

⁸⁴ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/1243101/>. Acesso em 15 de março de 2017.

extraordinário, mas todos esses elementos são manipulados para fazer crer que existe uma prática ilegal induzida pela polícia haitiana⁸⁵.

Uma vez no Haiti, “*um país menor que o estado de São Paulo*”, inúmeras imagens retratando situações precárias de moradia e destroços (Imagem 10) são passadas. A menção do tamanho do Haiti agrava a visão pejorativa do mesmo, uma vez que é comum pensar que um território menor é mais fácil de ser administrado. “*Faz quase três meses, mas parece que foi hoje*”, diz Barcellos, reforçando o que afirmamos anteriormente sobre a estagnação apesar da “ajuda humanitária”.

Imagem 10: Situação precária em Porto Príncipe. Fonte: *Profissão Repórter* no Globo Play⁸⁶.

O repórter segue, dizendo que “*impressionado, Emílio Mansur, nosso repórter cinematográfico, grava sem parar*”, enquanto são mostradas imagens feitas pelo cinegrafista. Em uma delas, se escuta o áudio “*isso aqui é nojento, o piso aqui... (corte)*”. Apesar de não se entender com exatidão o que ele diz (se o “piso” é nojento ou se “isso” é nojento), a

⁸⁵ Não podemos afirmar categoricamente que não houve nenhum tipo de atividade ilegal. Nossa intenção não é essa, mas mostrar como se constrói o discurso da ilegalidade a partir da manipulação dos fatos, discurso e imagens.

⁸⁶ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/1243101/>. Acesso em 15 de março de 2017.

palavra “*nojento*” se escuta em alto e bom som. A opção de manter o comentário, que poderia ter sido facilmente cortado pela equipe de edição, é emblemática. A repulsa que a expressão carrega confere um forte sentimento de depreciação diante de um país fragilizado por um desastre natural e leva o telespectador a imaginar sujeira, maus odores e condições gerais de insalubridade que desumanizam as pessoas que vivem ali.

Em outra cena, Caco Barcellos aparece novamente em meio à “caótica” cidade de Porto Príncipe, caos esse que é destacado nos mais variados âmbitos: trânsito, destroços, sujeira, insalubridade etc. Novamente o programa recorre ao asco para descrever o ambiente: “*os comerciantes trabalham aqui, no meio da sujeira, e o pior: com água de esgoto correndo a céu aberto.*”.

Imagem 11: Trânsito caótico em Porto Príncipe. Fonte: *Profissão Repórter* no Globo Play⁸⁷.

Imagem 12: Comércio caótico em Porto Príncipe. Fonte: *Profissão Repórter* no Globo Play⁸⁸.

⁸⁷ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/1243101/>. Acesso em 15 de março de 2017.

Imagem 13: Esgoto a céu aberto em Porto Príncipe. Fonte: *Profissão Repórter* no Globo Play⁸⁹.

Sobre uma senhora, Caco explica: “*Essa senhora tá explicando que ela se obriga a trabalhar aqui no meio do esgoto porque ela tem cinco filhos pra criar, diz que está com fome, como todas as pessoas sempre se queixam aqui*”. O tom empregado pelo repórter ao dizer que “*todas as pessoas sempre se queixam aqui*” é algo impaciente, e aliado ao uso da expressão “queixar-se” pode dar a ideia de que as reclamações pela falta de comida são arbitrárias. Cenas dos principais edifícios do governo em ruínas são mostradas. Incessantes retratos de precariedade também.

Imagem 14: Palácio Presidencial em ruínas. Fonte: *Profissão Repórter* no Globo Play⁹⁰.

⁸⁸ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/1243101/>. Acesso em 15 de março de 2017.

⁸⁹ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/1243101/>. Acesso em 15 de março de 2017.

⁹⁰ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/1243101/>. Acesso em 15 de março de 2017.

Imagem 15: Panorama da precariedade - 1. Fonte: *Profissão Repórter* no Globo Play⁹¹.

Caco prossegue com sua narração, junto com o bombardeio de imagens: “*Um milhão e trezentas mil pessoas perderam suas casas no Haiti.*”.

Imagem 16: Panorama da precariedade - 2. Fonte: *Profissão Repórter* no Globo Play⁹².

Ao ver algumas pessoas se lavando na rua: “*Eles não têm o menor constrangimento pra, nem mesmo as mulheres, pra se banharem assim de forma... pública.*”.

⁹¹ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/1243101/>. Acesso em 15 de março de 2017.

⁹² Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/1243101/>. Acesso em 15 de março de 2017.

Imagem 17: Rapaz se lavando na rua. Fonte: *Profissão Repórter* no Globo Play⁹³.

Imagem 18: Mulher se lavando na rua. Fonte: *Profissão Repórter* no Globo Play⁹⁴.

Após mostrar o córrego tomado por lixo, Barcellos novamente aponta os haitianos se banhando em público: “*Olha só... Impressionante, né?*”. O fato de o repórter demonstrar tamanho espanto com tal ato é um, dentre muitos aspectos, que associam aos haitianos uma ideia de selvageria, salientados especialmente na seção de Caco, que, não à toa, exerce a função de contextualização.

⁹³ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/1243101/>. Acesso em 15 de março de 2017.

⁹⁴ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/1243101/>. Acesso em 15 de março de 2017.

Os estragos causados pelo terremoto deixaram a cidade de Porto Príncipe, que, por ser a capital, acaba simbolicamente representando o país como um todo, em condições de emergência. A destruição de prédios governamentais e da maior parte das moradias acrescidas da consequente falta de condições básicas de saneamento e falta de mantimentos, realça a precariedade e desemboca na necessidade de adaptação da população para viver nessas condições. Como já foi exemplificado por meio do comentário de Alexandre Garcia no subcapítulo anterior, essa tragédia natural é comumente associada pelos meios de comunicação a uma “tragédia social” que supostamente perpassa a história haitiana e justificaria, portanto, o maior impacto produzido quando comparada com desastres naturais ocorridos em países mais “estáveis”. Já explicitamos que essa é uma percepção simplista que desconsidera aspectos fundamentais para a compreensão da intensidade das consequências geradas pelo desastre. Não obstante, a construção dessa ideia permite que a mídia, ao reproduzir um recorte da situação na qual os haitianos são vistos em condições de vida fragilizadas pelo terremoto, os reatrate como “selvagens”.

Essa aproximação do universo haitiano à selvageria oculta motivações raciais e busca, em última instância, promover um distanciamento do Brasil, que se vê e se coloca como mais branco do que o país caribenho e, consequentemente, como mais civilizado. Essa auto-visão brasileira é fruto da ideia de mestiçagem tão influente no pensamento político latino-americano. Segundo Hernández (2013):

A mestiçagem se refere literalmente ao ato de miscigenação e produção de uma identidade nacional ‘mestiça’, ou seja, de uma raça mista, mas também inclui a prática discursiva mais ampla de preferir uma hierarquia específica de raça, gênero e classe para a mescla racial. (HERNÁNDEZ, 2013, p.26, tradução nossa).

Nesse sentido, uma linha marcante do pensamento racial latino-americano do final do século XIX e começo do XX adaptava as teorias eugênicas baseando-se nas teorias lamarckistas e via na mestiçagem uma possibilidade de branqueamento da população, levando os governos a lançar políticas públicas que possuíam essa finalidade. Tendo sido o Brasil proeminente na implementação bem-sucedida de políticas públicas e na construção da ideologia do branqueamento (ou branqueamento ideológico, por assim dizer), o pensamento social brasileiro carrega ainda inúmeros resquícios latentes das associações entre branquitude e civilização e negritude e barbárie. Sendo assim, o Haiti, enquanto país predominantemente negro, desperta alegoricamente esse introjetado arquétipo de herança colonial por duas vias, a do transmissor (repórteres e equipe do programa) e a do receptor (telespectador), em uma retroalimentação silenciosa na qual nada se diz, mas tudo se entende.

Caco, ocupando seu papel no programa, segue até o fim da reportagem contextualizando o telespectador com base em dados estatísticos às vezes exagerados ou desatualizados e informações muitas vezes equivocadas, todos com a comum intencionalidade de simbolicamente agravar e depreciar a situação do país.

Júlia Bandeira e Caio Cavechini

Os repórteres Júlia Bandeira e Caio Cavechini entram em cena ao chegarem no aeroporto de Porto Príncipe. Sua parte do programa consiste em encontrar os voluntários brasileiros envolvidos na reconstrução do país. Nas cenas iniciais, no aeroporto, Júlia parece bastante preocupada e nervosa, o que contribui para a criação de uma atmosfera de tensão em torno dessa chegada. A repórter explica: “A gente chegou aí já, esse moço aqui - *Thank you, thank you, thank you (Imagem 19)* – pegou nossas *(Imagem 20)*, nosso carrinho, tá levando *(Imagem 21)*... Aí esse outro que tá aqui *(Imagem 22)* ao seu lado já se aproximou... *(corte)* Olha ali, ó... As pessoas *(se referindo às pessoas do lado de fora do aeroporto)*...”. Corte de áudio para narração: “Do lado de fora, uma multidão de haitianos nos observa *(Imagem 23)*”. Em seguida há, novamente, um corte para a fala tensa da repórter: “Caio... Vamos combinar uma estratégia antes de sair na rua *(Imagem 24)*”. Fica entendido que a “estratégia” é tomar um taxi.

Imagem 19: “*Thank you, thank you, thank you*”. Fonte: *Profissão Repórter* no Globo Play⁹⁵.

⁹⁵ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/1243101/>. Acesso em 15 de março de 2017.

Imagem 20: Homem ajudando com as bagagens. Fonte: *Profissão Repórter* no Globo Play⁹⁶.

Imagem 21: Repórter proteje sua bagagem. Fonte: *Profissão Repórter* no Globo Play⁹⁷.

⁹⁶ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/1243101/>. Acesso em 15 de março de 2017.

⁹⁷ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/1243101/>. Acesso em 15 de março de 2017.

Imagem 22: Segundo homem se aproxima. Fonte: *Profissão Repórter* no Globo Play⁹⁸.

Imagem 23: “Do lado de fora, uma multidão de haitianos nos observa”. Fonte: *Profissão Repórter* no Globo Play⁹⁹.

⁹⁸ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/1243101/>. Acesso em 15 de março de 2017.

⁹⁹ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/1243101/>. Acesso em 15 de março de 2017.

Imagem 24: Júlia sugere que pensem em uma estratégia para sair. Fonte: *Profissão Repórter* no Globo Play¹⁰⁰.

A tensão de Júlia é evidente, e a decisão de dedicar 40 segundos do programa para retratar uma simples chegada ao aeroporto não é gratuita. É possível perceber a aflição dos repórteres, que se demonstravam tensos com algum aspecto da chegada. Caso o programa não fosse transmitido para um público espectador brasileiro ou os repórteres fossem de outra nacionalidade cujo contexto desconhecemos, não nos arriscariamos a dizer que possivelmente essa tensão estava associada a dois aspectos diretamente relacionados - pobreza e negritude - que desembocam em um terceiro - criminalidade. Independentemente do que motivou a tensão dos reportéres (a viagem pode ter sido difícil, a multidão pode gerar estrésses etc.), essa análise não deve ser desconsiderada, uma vez que há grande probabilidade de que essa chegada tenha sido significada por grande parte dos espectadores como tensa devido à presença de um número expressivo de indivíduos negros lidos, provavelmente, como pobres (dadas as informações previamente disseminadas sobre a situação socioeconômica haitiana, principalmente pós-terremoto) e, logo, como criminosos em potencial.

Para além da tensão propriamente dita, alguns outros elementos constituintes da cena podem ser salientados como contribuintes da ideia de periculosidade que, segundo defendemos, o programa tem intenção de passar. Primeiramente, consideramos a Imagem 21 bastante emblemática, e isso fica mais perceptível no vídeo, uma vez que Júlia parece preocupada com o fato de o senhor ter se aproximado para ajudar a carregar seus pertences,

¹⁰⁰ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/1243101/>. Acesso em 15 de março de 2017.

esperando uma gorjeta ao final, e faz um gesto típico de quem tenta, discretamente, proteger sua posse: coloca a mão sobre ela. Na verdade, notamos que em diversos momentos ela mantém a mão sobre seus objetos. Não temos intenção de julgá-la por tal atitude, nem de insinuar que ela não deva se preocupar com suas coisas, e sim de, novamente, apontar o significado simbólico da escolha desse tipo de cena para compor o programa. Ademais, a seleção das falas que remetem a isso é bem pontual. Finalmente, a narração, afirmando que a “*multidão de haitianos*” os “*observa*”, serve tranquilamente ao propósito de confirmar algum tipo de suspeita que possa ter surgido acerca da supracitada periculosidade.

Os repórteres seguem viagem para um hospital de campo onde encontrarão uma equipe brasileira. Falam um pouco sobre os voluntários brasileiros e se instalam em uma tenda. Ao longo dessa parte do programa há um enobrecimento do trabalho realizado pelos voluntários, similar ao que é feito com as tropas brasileiras, inclusive no uso de imagens infantis que funcionam como um mecanismo de sensibilização do telespectador (Imagem 25).

Imagem 25: Criança desnutrida. Fonte: *Profissão Repórter* no Globo Play¹⁰¹.

Na manhã seguinte, a dupla sai para mostrar o trabalho dos militares brasileiros na distribuição de alimentos. É mostrada grande desordem, muito embora haja teoricamente um esforço para manter a ordem por parte dos militares (Imagem 26). Caio explica, reforçando as ideias de caos explicadas principalmente no subcapítulo anterior: “*e uma pessoa que tentou furar já dá um tumulto e o soldado brasileiro tem que, né, mesmo sem falar [o idioma] tem que botar uma ordem no impossível*”. As imagens de pessoas desesperadas na distribuição de

¹⁰¹ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/1243101/>. Acesso em 15 de março de 2017.

alimentos as desumanizam, quando fazem ver aflorado seu instinto de sobrevivência em cenas de brigas ou nas quais se veem recolhendo comida do chão, ou mesmo bastante irritadas (Imagens 27 e 28).

Imagem 26: Desordem na distribuição de alimentos. Fonte: *Profissão Repórter* no Globo Play¹⁰².

Imagem 27: Haitianos recolhem alimento caído. Fonte: *Profissão Repórter* no Globo Play¹⁰³.

¹⁰² Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/1243101/>. Acesso em 15 de março de 2017.

¹⁰³ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/1243101/>. Acesso em 15 de março de 2017.

Imagem 28: Mulheres ficam bravas quando a repórter pergunta se têm fome. Fonte: *Profissão Repórter* no Globo Play¹⁰⁴.

Já no final do primeiro bloco, o tema permeia entre o trabalho realizado pela equipe médica brasileira e a presença de sete corpos nos escombros de uma escola, mencionado por Júlia como o momento mais marcante da reportagem. A participação da dupla objetivava mostrar o trabalho desenvolvido pelos voluntários brasileiros e serviu ao propósito, sempre partindo da exaltação dos brasileiros.

Mariane Salerno e Thiago Jock

Como já ficou evidente neste ponto, parece de praxe que os repórteres entrem em cena com a apresentação de um cenário adverso. Mariane Salerno e Thiago Jock são apresentados ao telespectador no contexto de uma briga entre alguns rapazes haitianos, um deles munido com uma pedra. Assim, juntamente com a introdução dos companheiros, está formada a tríade caos-periculosidade-violência.

A tarefa da dupla é “*seguir a rotina dos desabrigados*”. Mostram um acampamento no qual 1800 pessoas vivem “*praticamente coladas*”. Os repórteres montam sua barraca no acampamento e às 4h30 da manhã acordam com uma música que, segundo Mariane Salerno, “*parece um ritual*”. Embora o significado da palavra abarque um amplo conjunto de práticas cerimoniais, a expressão “*ritual*” é comumente associada a práticas religiosas não cristãs, o

¹⁰⁴ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/1243101/>. Acesso em 15 de março de 2017.

que confere ao seu uso uma carga simbólica particular. É evidente que a associação da música a um ritual possui um sentido alegórico específico do contexto em questão, já que achamos pouco provável que em um país europeu, por exemplo, visto como “civilizado” e, portanto, isento de práticas “selvagens” ritualísticas, uma música pudesse provocar tal suposição. Descubrem que a música é proveniente de uma oração coletiva. A escolha de algumas imagens, ademais, contribui para essa ideia, como já foi falado no tópico referente à reportagem de Caco Barcellos. A nudez “pública” é novamente mostrada com o objetivo de chocar, como vemos na Imagem 29. Em outras cenas, os indivíduos são desumanizados quando retratados ao lado de animais (Imagem 30).

Imagem 29: Mulher seminua dormindo. Fonte: *Profissão Repórter* no Globo Play¹⁰⁵.

Imagem 30: Pessoas dormem ao lado de cachorro. Fonte: *Profissão Repórter* no Globo Play¹⁰⁶.

¹⁰⁵ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/1243101/>. Acesso em 15 de março de 2017.

Em outro momento, a dupla de repórteres aparece perguntando ao tradutor haitiano, Espera Edwig, sobre o nível de periculosidade de uma favela. A partir daí, o rapaz, fluente em português por ter sido faxineiro de militares brasileiros, desponta na reportagem e passa a acompanhá-los como guia.

Espera mostra o estádio nacional, que naquele momento funcionava como acampamento, além de um dos bairros mais pobres de Porto Príncipe, *Bel Air*, e de outro acampamento nos arredores da capital. As imagens exibidas e os comentários dos repórteres se somam às noções já mencionadas do Haiti como um lugar miserável, perigoso e com uma população submetida a precárias condições de vida. Durante as filmagens em *Bel Air*, são flagradas três crianças despidas, brincando e tomando banho na rua (Imagem 31). Mariane pede para Espera perguntar se “*não tem lugar para eles tomarem banho na casa deles*”. Consideramos a interferência da jornalista emblemática, uma vez que revela não apenas o incômodo, mas o posicionamento dos brasileiros diante dos haitianos, enquanto “civilizados”.

Imagem 31: Meninos se banham na rua. Fonte: *Profissão Repórter* no Globo Play¹⁰⁷.

Consideramos significativo, também, o deslocamento de Espera da função de tradutor para personagem central. A dupla explica para Caco Barcellos a escolha de sua nova abordagem:

Mariane: A gente percebeu assim, que ele além de traduzir, ele fazia colocações assim, sabe? Ele queria opinar, ele participava um pouco ali da situação.
Thiago: E foi isso, assim, a gente meio que foi... Ficou um pouco encantado com a história dele com o passar do tempo, assim, e foi descobrindo ele como uma possível história para o programa. (...) E ele perdeu a mãe com 10 anos, então é bem, assim...

¹⁰⁶ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/1243101/>. Acesso em 15 de março de 2017.

¹⁰⁷ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/1243101/>. Acesso em 15 de março de 2017.

A história de um haitiano, daquela história de tentar mudar de situação num país de desemprego, num país em que não se tem nada, né¹⁰⁸.

O primeiro aspecto que chama a atenção é a surpresa, há de se salientar que positiva, de Mariane, ao se dar conta de que Espera, um haitiano que enquanto tal se enquadraria nas ideias de sujeito passivo, opina e participa como sujeito ativo. Essa curiosidade, expressada em meio aos sorrisos de Mariane e ao “encantamento” de Thiago, parece ser, antes de tudo, o cair em conta do haitiano como sujeito, como indivíduo, em contrapartida da assídua coisificação que reduz toda sua complexidade e subjetividade à estatística da precariedade. Visivelmente um dos fatores que permitem nesse caso a aproximação e o rompimento da barreira entre o indivíduo brasileiro e a estatística haitiana, por assim dizer, é a fluência de Espera no português. Ao mesmo tempo em que o conhecimento do idioma lhe permite se colocar mais enfaticamente na construção da narrativa sobre o Haiti, buscando uma retratação mais verossímil do mesmo, lhe concede uma voz perante os jornalistas. Essa voz é fundamental, uma vez que, paulatinamente, dissolve a desumanização haitiana por meio da identificação que produz e, tendo isso em conta, é com muito mais frequência abafada do que propagada pelos meios de comunicação.

Em segundo lugar, analisemos a fala de Thiago. Ficam nela implícitas, por um lado, a sutil insinuação de que a história de Espera possa vir a comover os espectadores, sendo sua inserção, portanto, uma boa ideia, e, por outro, a tipicidade da mesma, situada precisamente em seu caráter trágico. Esses dois aspectos demonstram que mesmo quando começa a emergir timidamente alguma representatividade haitiana, ela é manipulada para alcançar e sustentar os objetivos da exibição do país.

Após a explicação da escolha a Caco, os jornalistas passam a acompanhar Espera em seu dia a dia. É importante lembrar que a reportagem dessa dupla visa mostrar o cotidiano dos desabrigados, conferindo maior flexibilidade para a apresentação de uma abordagem mais voltada para o indivíduo haitiano, muito embora acreditemos que, considerando o tema, esse potencial foi bastante restrito.

Espera mostra a casa da mãe adotiva e a sua antiga casa, destruída pelo terremoto, entre outras coisas. Dentre as conversas exibidas, vale destacar a crítica que Espera faz às autoridades haitianas, que, segundo ele, estavam naquele momento mais preocupadas com as eleições do que com a situação do país e dos haitianos.

¹⁰⁸ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/1243101/>. Acesso em 15 de março de 2017.

O último local que os jornalistas mostram é o acampamento dos haitianos. No acampamento, os jornalistas e Espera conhecem dois meninos gêmeos, que os levam, na fala de Mariane, “*até o que chamam de casa*”. As imagens da casa são acompanhadas pela fala da mãe, que diz “*não ter nada pra comer hoje*”, e do pai, que afirma que “*não recebeu nenhuma ajuda desde o terremoto*”, o que revela não apenas a crítica às autoridades haitianas e aos responsáveis pela ajuda humanitária, como, também, os limites da “solidariedade internacional”, que não chega efetivamente aos acampamentos.

Em seguida, Espera traduz a pergunta do pai aos jornalistas: “*O que você pode fazer para ele porque ele quer sair daqui*” e há um corte para a conversa entre os jornalistas e Caco:

Mariane: “Isso é a coisa mais comum, assim, que a gente encontrou. Durante a entrevista as pessoas querendo saber o que que a gente, além de entrevistas, vai fazer”.

Caco: “Eu particularmente fiquei muito impressionado com a cobrança deles. Eles não só querem a ajuda, como exigem a ajuda e a qualidade da ajuda”¹⁰⁹.

A indignação dos jornalistas é o último aspecto que gostaríamos de tratar. As ideias dos brasileiros e dos haitianos acerca do que deveria ser um programa televisivo sobre o Haiti é bem distinta. Os brasileiros parecem ter ido ao país, entre outras coisas, com a intenção de retratar um lugar devastado por um terremoto e que, por esse e outros motivos já mencionados, despertaria a curiosidade de outros brasileiros, prováveis telespectadores do programa. Em contrapartida, como percebemos pelos comentários ao longo das três reportagens, os haitianos veem no programa a possibilidade de abertura para um espaço de fala que seria fundamental para denunciarem as difíceis condições nas quais estão vivendo após o desastre e, concomitantemente, cobrarem e fazem um apelo, sobretudo às autoridades responsáveis, nacionais e internacionais. Em outras palavras, idealmente o programa não apenas mostraria a “tragédia” do povo haitiano, mas buscaria contribuir para a transformação desse quadro.

Ao indignar-se com a “cobrança” e a “qualidade da ajuda” requerida, Caco Barcellos escancara a outra face do discurso inicial de comoção e solidariedade internacional, que é pautada principalmente nos interesses dos países envolvidos. A fala do jornalista ainda revela e reforça as imagens pejorativas sobre o Haiti e os haitianos e a relação desigual existente entre haitianos e brasileiros ou mesmo entre haitianos e o resto do mundo, na qual os

¹⁰⁹ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/1243101/>. Acesso em 15 de março de 2017.

primeiros são sempre inferiorizados e infantilizados, devendo, então, conformar-se com uma ajuda que depende da arbitrariedade internacional.

CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

Embora os limites deste trabalho não nos permitam estendermo-nos em mais análises de outros programas, existem atualmente no website Globo Play, 178 vídeos disponíveis que fazem em seu conteúdo alguma menção à palavra “Haiti”. Dentre eles, 15 são do ano de 2010 e fazem alguma menção ao terremoto, dedicando-se inteira ou parcialmente ao tema e/ou a algum de seus desdobramentos. Eles se distribuem da seguinte forma: 7 vídeos do telejornal *Bom Dia Brasil*; 3 vídeos do programa jornalístico *Fantástico*; 2 vídeos de comentários de Arnaldo Jabor no *Jornal da Globo*; 1 vídeo do *Jornal Nacional*; 1 vídeo com breve comentário da atriz Maitê Proença sobre sua fala sobre o Haiti no *Domingão do Faustão*; e 1 vídeo com o primeiro bloco do *Profissão Repórter*. Exposto isto, justificamos a escolha dos programas analisados em primeiro lugar pela acessibilidade. Em segundo lugar e dentre a totalidade de vídeos disponíveis, justificamos nossas escolhas específicas, de modo geral, por considerarmos seus conteúdos os mais emblemáticos.

A dissertação contaria idealmente com a subdivisão deste capítulo entre os anos de 2010 e 2011, no entanto não foi encontrado nenhum vídeo de 2011. Esse aspecto, contudo, nos parece passível de uma breve análise. Embora a imprensa tenha começado a divulgar alarmantemente a chegada de haitianos no Brasil no início de 2011 e esse período seja considerado o marco desse novo fluxo migratório, curiosamente, há um silenciamento da Rede Globo diante do mesmo. Não poderíamos afirmar com precisão o que teria levado a emissora a se abster de noticiar ou mesmo mencionar o fenômeno de forma mais ampla, mas constatamos um número significativo de exibições relacionadas ao Haiti em 2010 e, após o limbo de 2011, a volta abrupta do tema, mas agora reconfigurado e com um enfoque bem delineado para os “imigrantes” (em 2012 houve 18 aparições da palavra “Haiti”). Cogo e Terezinha Silva (2016), no entanto, sobre o recorte dado ao tema pelas mídias brasileiras no ano de 2011, afirmam que a chegada dos haitianos ao país é colocada como uma “fuga”. Segundo as autoras:

Ao tematizarem o movimento inicial mais significativo da chegada dos haitianos, ocorrido entre 2010 e meados de 2011, as narrativas vão constituindo e cristalizando uma descrição deles como “vítimas da miséria” e da devastação, a quem “a pobreza ronda a vida”. Os haitianos são aqueles que “fogem” do “terremoto, pobreza, epidemia de cólera, fome e violência” (Trezzi, 2011a). São “esperançosos”, buscam no aliado Brasil “refúgio, sobrevivência, oportunidades de trabalho”, “melhores condições de vida”, e “dinheiro para mandar aos familiares que ficaram para trás” (Rocha e Aranha, 2011; Camargos e Prates, 2011; Sabadini, 2011; Estado de Minas, 2011b). Mas “chegam com fome, sede, sem dinheiro e pedindo de tudo”, em “um êxodo que atormenta as autoridades e comove entidades humanitárias” (Trezzi, 2011a). Na dimensão da alteridade de um Outro (Haiti) frente a um Nós (Brasil), as narrativas vitimam os haitianos como indivíduos e povo, associando-os a uma

realidade de pobreza e catástrofe. Ao chegar ao Brasil, eles enfrentam dificuldades, mas encontram uma situação “melhor do que no Haiti”. (COGO, SILVA, 2016, s/p.)

A mudança da perspectiva adotada pela Rede Globo – agora voltada para a diáspora – é perceptível não apenas nos programas que abordam especificamente a questão da chegada dos haitianos ao Brasil, mas se faz presente, também, quando o assunto é o Haiti em si. Nota-se, desse modo, para além da construção da nova imagem do “imigrante haitiano”, a periódica manutenção e exacerbação das imagens negativas sobre o Haiti, que servem à função de legitimar a indesejabilidade dos primeiros. Um caso em que se pode perceber com bastante objetividade a mudança de perspectiva de “Haiti” para “haitiano” é no programa *Profissão Repórter* do dia 16 de julho de 2013, no qual, devido à comemoração de cinco anos no ar, o repórter Thiago Jock volta a entrevistar Espera, que nesse momento estava vivendo no Brasil.

Finalmente, o que pudemos perceber nas análises referentes ao ano de 2010 foi que elas estavam direcionadas ao Haiti e ofuscavam os haitianos enquanto indivíduos. A visão do Haiti era, no entanto, enviesada na evidenciação da precariedade de modo a moldar uma imagem pejorativa que se utiliza, por vezes, de referências simbólicas particulares ao contexto brasileiro e revelam, assim, estigmas de uma sociedade racialmente segmentada e veladamente racista. Sendo assim, a imagem negativa do Haiti serve para engrandecer ou melhorar a imagem do Brasil com base em uma hierarquização cimentada discursiva e imagetivamente.

CAPÍTULO 3 - ESTEREOTIPAGEM DOS HAITIANOS EM DIÁSPORA E A CONSOLIDAÇÃO/MANUTENÇÃO DA IMAGEM PEJORATIVA DO HAITI (2012-2016)

A diáspora haitiana no Brasil, como fenômeno expressivo, teve início no ano de 2011. A partir de 2012, no entanto, começou a ganhar maior destaque pela mídia brasileira. Devido ao fato de essa diáspora estar diretamente relacionada ao terremoto de 2010, as notícias acerca do cismo e as contextualizações acerca do Haiti, que a embasavam, cimentaram as projeções e recepções de imagens sobre o fenômeno e sobre os indivíduos que o protagonizaram. Posto isso, é fundamental ressaltar que os aspectos salientados nas análises feitas no segundo capítulo deste trabalho servem à função de amparar os novos discursos produzidos pelos meios de comunicação.

Não obstante, serão acrescentados alguns elementos que tratam a até então inédita penetração do componente haitiano no cotidiano nacional. Tais elementos se utilizarão de uma retórica da indesejabilidade associada aos naturais do Haiti e da atribuição da “tragédia social” haitiana como epicentro da mesma. Há, contudo, um viés racial que permeia as relações que se estabelecem entre brasileiros e haitianos e, por extensão, produção e recepção de imagens pela mídia. Em outras palavras, o Brasil é um país que está longe de poder se considerar livre do racismo, muito embora ainda perdure aqui o mito da democracia racial, e desconsiderar sua composição socioeconômica racializada ao pensar a relação com os haitianos, nos pareceria simplista. Sendo assim, consideramos imprescindível que nossas análises tangenciem tal aspecto.

A indesejabilidade haitiana observada pressupõe justificativas por vezes arbitrárias e/ou superficiais, no sentido de que não condizem com a realidade, mas partem de discursos precipitados e rotulados que categorizam os “*imigrantes*” haitianos como pouco qualificados, passivos e infantilizados. De modo geral, a ideia de tragicidade social haitiana é endemicamente associada aos haitianos em diáspora e, conseqüentemente, essa diáspora é recorrentemente mostrada e percebida como um problema que ameaça o país. Além disso, ela é noticiada em proporções exageradas, em detrimento, por exemplo, de outros fluxos migratórios que desembocam no mesmo território.

Com relação à mídia, mais especificamente, notamos que a Rede Globo abordou amplamente a diáspora haitiana a partir de 2012. O tema não se restringiu aos telejornais, mas transbordou para outros gêneros televisivos que, devido às suas características específicas,

deram outros tratamentos ao assunto. Ainda que com uma roupagem distinta, as ideias centrais são preponderantemente as mesmas. O que é notável, no entanto, é a ampliação do alcance dessas imagens quando realocadas em tantos produtos midiáticos, direcionados a diferentes públicos. Esse aspecto revela a multiplicidade da influência exercida pela mídia no tratamento dos haitianos e corrobora para a obstacularização de sua integração na sociedade brasileira e do provimento de condições de bem-estar.

Trataremos neste capítulo dos seguintes produtos midiáticos: a) no ano de 2012, os telejornais *Bom Dia Brasil* e *Jornal Nacional*; b) no ano de 2013, a série/telenovela *Malhação*; c) no ano de 2014, a série *O Caçador*; d) no ano de 2015, uma matéria exibida no programa jornalístico *Fantástico*; e e) no ano de 2016, uma matéria exibida no programa de auditório *Caldeirão do Huck*.

3.1 Telejornais: “É a tragédia do Haiti entrando no Brasil”

O ano de 2012 foi marcado, com relação à diáspora haitiana no Brasil, pela RN nº 97, que concedia até cem vistos mensais no Consulado Brasileiro em Porto Príncipe e visava, assim, reduzir a entrada e permanência ilegais de haitianos no país. Devido ao fato de esse contingente de vistos, somado à restrição geográfica de sua possível obtenção, não ser suficiente para contemplar a maioria dos haitianos com interesse ou em processo de trânsito para o Brasil, foi criada a RN nº 102, como mencionamos no primeiro capítulo deste trabalho. Esse dado que reflete o crescente aumento da chegada de haitianos no Brasil no período foi repetidamente noticiado pelos telejornais. Não obstante o Brasil ter sido inserido como destino de diáspora haitiana fundamentalmente no ano de 2011, em 2012 a mídia televisiva começa a construir mais fortemente a ideia da “invasão haitiana”.

Segundo Cogo e Silva (2016), há um deslocamento do enquadramento das notícias sobre a chegada de haitianos no país, que deixa de ser retratada preponderantemente como “fuga” e passa a compor uma visão alarmista de “invasão” em um contexto de aumento da entrada pelos estados do Amazonas e do Acre, principalmente em 2012. Cogo (2014) esmiúça o alarme da mídia afirmando que:

Parte da cobertura midiática sobre a entrada de haitianos no país têm estado marcada por um tom alarmista evidenciado em um campo semântico e de imagens que sugerem “chegada massiva”, “invasão”, “descontrole por parte das autoridades” e “ilegalidade por parte dos imigrantes”, etc., segundo tem sido possível observar a partir de um conjunto de materiais midiáticos coletados desde janeiro de 2011 em espaços de portais, jornais e de redes sociais da internet (como Facebook, Twitter, etc.). Os riscos de (des) controle que marca a visibilidade midiática e pública em torno da chegada de haitianos é geradora de uma ambiência securitária e criminalizadora em torno dessa nova imigração ao mesmo tempo em que contribui para expor as repercussões da

intervenção geopolítica do Brasil no Haiti e gerar uma indagação pública sobre a responsabilidade e atuação do Estado e governo brasileiros nos processos de recepção e permanência desses imigrantes no país. (COGO, 2014, p.29)

Esse aspecto fica patente, para além dos discursos, pelas chamadas de alguns vídeos disponíveis no website Globo Play (Imagens 32, 33, 34, 35 e 37), que utilizam expressões que contribuem para a construção do que as autoras chamam de “semântica do pânico”, “*um recurso que privilegia um enquadramento objetivo e conclusivo das migrações em detrimento da compreensão do seu caráter sociocultural e cidadão*” (COGO, SILVA, 2016, s/p.). Dentre elas destacamos os verbos “controlar”, “prender” e “barrar” e o uso acentuado do adjetivo “ilegal”.

Imagem 32: Chamada 1. Fonte: Bom Dia Brasil no website Globo Play¹¹⁰.

Imagem 33: Chamada 2. Fonte: Jornal Nacional no website Globo Play¹¹¹.

Imagem 34: Chamada 3. Fonte: Jornal Nacional no website Globo Play¹¹².

Imagem 35: Chamada 4. Fonte: Jornal Nacional no website Globo Play¹¹³.

¹¹⁰ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/1763116/>. Acesso em 10 de abril de 2017.

¹¹¹ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/1774291/>. Acesso em 10 de abril de 2017.

¹¹² Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/1775939/>. Acesso em 10 de abril de 2017.

¹¹³ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/1840868/>. Acesso em 10 de abril de 2017.

Imagem 36: Chamada 5. Fonte: Jornal Nacional no website Globo Play¹¹⁴.

Imagem 37: Chamada 6. Fonte: Jornal Nacional no website Globo Play¹¹⁵.

A primeira aparição do tema “imigração haitiana” no website em questão foi no dia 9 de janeiro de 2012, no Jornal Nacional¹¹⁶. Embora o jornalista Heraldo Pereira anuncie o *JN no ar* acentuando a clandestinidade da entrada de haitianos pela fronteira, ainda se percebe para esse momento traços de um enquadramento, segundo a categorização das autoras, de fuga. Nas palavras do repórter Ari Peixoto: “*Segundo o Ministério da Justiça, só em 2011, 4 mil haitianos chegaram ao Brasil fugindo da fome, da cólera e de um país arrasado pelo terremoto, que este mês está completando dois anos.*”.

Na segunda menção ao tema, no dia 11 de janeiro de 2012, no telejornal *Bom Dia Brasil*, algumas mudanças são perceptíveis¹¹⁷. Emblematicamente exibido às vésperas do aniversário de dois anos do terremoto, o programa não apresenta a diáspora como uma fuga, mas como uma situação problemática de difícil solução e geradora de grandes preocupações. Renata Vasconcellos introduz o assunto explicando a existência de um “*problema*” nas fronteiras do Acre e do Amazonas, respaldada pelo discurso da ilegalidade, mas chama Alexandre Garcia para esclarecer. Analisemos a fala do jornalista:

Alexandre Garcia: “Eles tão chegando desde setembro de 2010, depois do terremoto, principalmente ao Acre e Amazonas, entrando pela fronteira oeste. Mas o terremoto continua na vida deles. Numa diáspora desorganizada (exibição de imagens de haitianos), eles não têm documentos e já foram vítimas de violência e extorsão, segundo eles contam, em outros países. No Acre, no ano passado, eles foram alvos de campanhas pra alimentá-los e abrigá-los, porque no caminho foram tendo que entregar tudo. Tudo era o pouco que tinham, inclusive um teclado, segundo relata um haitiano, né, pra poder seguir viagem, pra abrir as fronteiras. O Brasil é um destino bem secundário porque eles preferem países mais próximos já que não têm recurso pra viajar. Eles estão desnutridos, estão doentes, em Tabatinga, no Amazonas, fronteira com o Peru, e no Acre, que faz fronteira com Bolívia e Peru. O governo faz alguma coisa, mas não é o suficiente. Poucos encontraram trabalho, mas com um rendimento irrisório. O governo brasileiro preocupado em não conseguir dar abrigo nem trabalho

¹¹⁴ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/2145935/>. Acesso em 10 de abril de 2017.

¹¹⁵ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/2145608/>. Acesso em 10 de abril de 2017.

¹¹⁶ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/1761370/>. Acesso em 29 de março de 2017.

¹¹⁷ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/1763116/>. Acesso em 29 de março de 2017.

a esses migrantes ou refugiados, agora vai limitar a concessão de vistos a cem por mês, talvez para desencorajar, porque nas mãos dos coíotes que os exploram eles vão encontrar alguma forma de entrar no Brasil e vão aumentar o número de ilegais. É a tragédia do Haiti entrando no Brasil.”

Quando Garcia afirma que mesmo em diáspora “*o terremoto continua na vida deles*”, demonstra o que vínhamos explicando no capítulo anterior: uma suposta incapacidade inerente aos haitianos que vem acompanhada pela tragédia social e pelas noções de caos e desordem. A metáfora do terremoto é a mesma da tragédia, que, mais do que natural, é colocada como social. Mas há, agora, um deslocamento geográfico que pede uma extensão argumentativa: a tragédia social se demonstra não apenas pela história de “instabilidade” no Haiti, mas também por sua diáspora, que passa a ser caracterizada pejorativamente, como neste caso em que é chamada arbitrariamente de “*desorganizada*”. Já vimos que a entrada ilegal ocorre pela deficiência das políticas migratórias brasileiras. O fato de serem vítimas de violência e extorsão, informação situada estruturalmente em um local de argumentação, demonstra muito mais desorganização dos Estados envolvidos, que carecem de um controle efetivo por parte das autoridades fronteiriças, do que dos haitianos.

A enfatizada insuficiência das ações governamentais indica que o Brasil não teria meios de ajudá-los, o que acabaria por gerar criminalidade, insinuada nas entrelinhas da palavra “*ilegais*”¹¹⁸. Encerra sua fala com a alegórica e taxativa frase “*É a tragédia do Haiti entrando no Brasil*”, sintetizando e adaptando para um novo contexto toda a construção pejorativa em torno do Haiti e dos haitianos. O caos, a desordem, a miséria, a selvageria e as demais imagens negativas sobre o país e seus nacionais, amplamente mencionados no capítulo anterior, estariam entrando no país.

A informação infundamentada de que estão desnutridos reforça essa ideia, ao mesmo tempo em que, ao dizer, sem explicitar um embasamento concreto, que estão doentes, projeta uma preocupação higienista no contexto de um recente surto de cólera no Haiti, buscando alarmar a população e podendo gerar uma segregação similar à que ocorreu nos Estados Unidos na década de 1980¹¹⁹.

A fala do jornalista ilustra a ampliação do enquadramento das notícias que, a partir de meados de 2012, passariam a tratar do período posterior à “*invasão*”, isto é, da permanência haitiana no Brasil e de seus impactos. Dentro da noção mais ampla de “permanência”, os jornais tratam de temas como: condições de vida dos haitianos no Brasil, concessão de vistos,

¹¹⁸ Isso fica claro quando se diz que “*nas mãos dos coíotes que os exploram eles vão encontrar alguma forma de entrar no Brasil e vão aumentar o número de ilegais*”.

¹¹⁹ Ver p.40 do primeiro capítulo.

emissão de carteira de trabalho e empregabilidade.

No que se refere às condições de vida, as notícias combinam a já conhecida imagem de precariedade nos alojamentos e abrigos provisórios dos haitianos com os custos da permanência dos imigrantes para o Brasil e, conseqüentemente, para os brasileiros. Para além do alarde a respeito da quantidade de haitianos ingressando no país e das costumeiras contextualizações, gostaríamos de ressaltar algumas das imagens apresentadas paralelamente aos discursos, munidos de expressões como “*amontoados*”, com o intuito de ressaltar a ideia de invasão e de selvageria. Segundo as autoras, “*A interpretação de ‘invasão’ é sustentada por descrições referenciando a ‘superlotação de refugiados’ e a ‘situação dramática’ de haitianos, particularmente no Acre*” (COGO, SILVA, 2016, s/p.).

Imagem 38: Abrigo em Tabatinga. Fonte: Jornal Nacional no website Globo Play¹²⁰.

Outros aspectos apresentados são a convivência com os brasileiros e os custos demandados para a manutenção de sua estadia. A Imagem 38 foi utilizada em um *Jornal Nacional* de setembro de 2012, que falava sobre imigrantes vivendo em Tabatinga, no Amazonas. Após tratar das condições de vida, adaptação e empregabilidade dos haitianos, o jornalista abordou o contato entre haitianos e brasileiros que vivem próximos à hospedaria que abriga os primeiros. Em uma verbalização de sua indesejabilidade, o jornalista explica que “*os vizinhos da hospedaria se sentem incomodados com a presença dos haitianos*”, e, complementarmente, um deles afirma que ela “*tira um pouco a privacidade*” da população local.

Após mencionar os entraves da convivência e a resistência dos brasileiros à integração

¹²⁰ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/1762828/>. Acesso em 10 de abril de 2017.

com os estrangeiros, a matéria aborda a falta de ajuda governamental. Contrapõe a fala de uma representante de Pastoral, que se queixa da falta de ajuda, à do prefeito da cidade de Tabatinga, que afirma que “20% da população de Tabatinga está abaixo da linha da pobreza, então se eu tenho que priorizar aqui, eu vou priorizar as pessoas nativas de Tabatinga.”.

Esse tipo de discurso, advindo das autoridades locais e de parte dos moradores dos municípios, é recorrente nos jornais analisados e em seus comentários, que se respaldam em dados estatísticos para justificar a falta de ajuda e a indesejabilidade haitiana. Também, nesses momentos, a imagem problemática associada à presença haitiana começa a ficar mais nítida, uma vez que essa presença modificaria as realidades locais e geraria custos financeiros e sociais para os governos estadual, municipal e nacional.

A associação dos haitianos com a ideia de problema aparece implícita e explicitamente nos telejornais. Falas de autoridades, moradores locais e jornalistas, bem como a exibição de imagens que retratam espaços públicos ocupados por haitianos (como praças, igrejas, entre outros), corroboram para o que se conhece como “*problema haitiano*”.

Imagem 39: Haitianos em uma praça em Iñampari, cidade na fronteira do Peru com o Brasil. Fonte: Jornal Nacional no website Globo Play¹²¹.

No que se refere aos depoimentos das autoridades locais, em um jornal que tratava dos imigrantes haitianos que foram barrados na fronteira entre Peru e Brasil em janeiro de 2012, Jorge Barra, representante da prefeitura de Iñampari, no Peru, foi entrevistado para falar da situação e utilizou o termo “*problema*” para defini-la. Em suas palavras: “*cada dia se torna*

¹²¹ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/1775939/>. Acesso em 2 de abril de 2016.

*mais problemático porque eles vão chegando mais e já não podemos mais sustentar”*¹²².

Após o entendimento da chegada e permanência dos haitianos como um problema, a matéria procura identificar quem lidará com a questão. O jornal menciona que os haitianos receberão auxílios de alimentação e água pelo governo do Acre, manifestando, nesse e em outros momentos, a dificuldade e o incômodo gerados por essa indesejável presença, que demandará recursos e esforços, dos quais não dispomos, sem nada aportar ao país. Como mencionamos, tais afirmações são endossadas por imagens, dados estatísticos, manchetes alarmistas e depoimentos de autoridades e moradores locais.

Outra temática amplamente tratada nas notícias analisadas diz respeito à concessão de vistos, emissão de carteiras de trabalho e empregabilidade. Esse tema recebeu abordagens mais brandas, que mostravam a possibilidade da regularização da permanência dos haitianos e a demanda por mão-de-obra, e mais negativas, que retratavam a dificuldade de adaptação no Brasil e justificavam e apoiavam o controle para concessão de vistos e emissão de carteiras de trabalho. A argumentação utilizada no último caso expressava quase sempre a indesejabilidade da diáspora haitiana e a atribuição de problemas à sua presença, conforme mencionamos anteriormente.

Com relação às abordagens mais brandas, as notícias mostram a retirada de vistos e recepção de carteiras de trabalho (Imagem 40).

Imagem 40: Haitianos aguardando a emissão de vistos e de carteira de trabalho no Acre. Fonte: Jornal Nacional¹²³.

¹²² *Idem.*

¹²³ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/1761370/>. Acesso em 2 de abril de 2016.

Nessa abordagem, os haitianos também são procurados para contar parte de sua história no Haiti e dizer o que esperam do Brasil, e os depoimentos terminam majoritariamente com um tom esperançoso. Ademais, tratam dos processos de busca e contratação profissionais, destacando os mediadores e a “solidariedade” dos empresários. Desse modo, os telejornais retomam algumas das imagens produzidas em 2010, como solidariedade brasileira em detrimento da incapacidade haitiana, uma vez que requerem mediação para alcançar objetivos simples sem que haja exploração de sua força de trabalho. Dentre os mediadores destacam-se o consulado haitiano e as instituições religiosas.

Um programa de março de 2012 apresenta o papel do consulado haitiano, que se “transformou em uma agência de empregos informal”, e o da igreja Nossa Senhora da Paz, que intermedia as propostas de emprego para os imigrantes. De acordo com a jornalista: “Além da solidariedade, existe também a exploração e é para separar as ofertas de trabalho digno do interesse apenas na mão-de-obra barata que os imigrantes haitianos precisam da ajuda de intermediadores, como o pessoal da igreja Nossa Senhora da Paz”. Infere-se que os haitianos não têm capacidade de distinção e que, portanto, demandam mediadores. Além disso, a fala explicita a restrição (sub) empregatícia à que são submetidos. Em diversos momentos é possível depreender essa limitação que independe de suas qualificações profissionais e educacionais, queixa frequente entre eles.

Dentre os empregos aos quais são reservados, a construção civil e o carregamento de cargas são os mais comuns de serem retratados. Paralelamente, a solidariedade das empresas que os contratam é sempre salientada, bem como a perspectiva de que tais contratações se tratam de grandes oportunidades. Essa perspectiva é endossada pela sugestão de reconhecimento e gratidão por parte dos haitianos. Em um dos programas, que tratava dos haitianos que estavam pavimentando as ruas de Brasileia em 2012, a jornalista assinala que “Jocelyn é jornalista, mas o cargo de operário não é menos gratificante¹²⁴” e acrescenta a informação de que o soldo diário é de 25 reais. Por um lado, a sentença inculca um sentimento de gratidão em Jocelyn e, por extensão, nos haitianos em diáspora de modo geral. Por outro, negligencia a inacessibilidade no mercado de trabalho que traz como consequências a impossibilidade de mobilidade social, condições laborais insatisfatórias e baixíssimos salários aos quais têm de se contentar.

Expressões que elogiam o desempenho de haitianos no trabalho (como “*pegam pesado*”) são amplamente utilizadas pelos jornalistas e empregadores entrevistados. As

¹²⁴ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/2145935/>. Acesso em 2 de abril de 2016.

expressões são combinadas com imagens de haitianos trabalhando, como na imagem abaixo, da reforma do estádio de futebol Mineirão, também em 2012:

Imagem 41: Imigrantes haitianos trabalhando na reforma do Mineirão. Fonte: Bom dia Brasil¹²⁵.

Essas matérias de abordagem mais branda apresentam a relação entre brasileiros e haitianos como amistosa. A título de exemplo, o programa de agosto de 2012, sobre a reforma do *Mineirão* que contava com vinte operários haitianos, mostra integração e amizade entre brasileiros e haitianos por meio da aprendizagem dos dois idiomas, português e crioulo haitiano (Imagem 42). Complementarmente, a ideia de que os haitianos estão ajudando a construir um sonho brasileiro, expresso simbolicamente nesse caso pela Copa do Mundo, e o uso do samba como elemento que sela um elo entre os dois povos e manifesta o entrosamento haitiano à cultura brasileira, fortalecem essa imagem.

¹²⁵ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/2078968/>. Acesso em 2 de abril de 2016.

Imagem 42: Haitiano chama brasileiro de amigo em crioulo haitiano. Fonte: Bom dia Brasil¹²⁶ ..

Já as matérias que apresentam uma perspectiva mais negativa são caracterizadas pela evidenciação da dificuldade de adaptação dos haitianos. Essa dificuldade, no entanto, nunca é atribuída às condições de inacessibilidade encontradas no Brasil, mas ao idioma e à suposta falta de experiência profissional, que responsabilizam apenas os próprios haitianos pelas dificuldades de inserção no mercado de trabalho. A reportagem de César Menezes, que trata da fixação dos haitianos no Brasil e em especial sobre a chegada dos imigrantes a São Paulo, de janeiro de 2012¹²⁷, ilustra o tom dessas notícias:

César Menezes: “Quando chegam aqui, os haitianos já têm a dificuldade natural com a língua portuguesa, além disso, muitos vêm sem qualquer experiência profissional e assim conseguir um emprego é muito difícil. Os que dão sorte recebem um salário pequeno, outros nem isso, e acabam caindo em situação de mendicância. Mesmo assim eles acham que viver no Brasil é melhor do que voltar pro Haiti.”

O início da fala do jornalista é emblemático pela atribuição da “*dificuldade natural com a língua portuguesa*” apenas a imigrantes indesejáveis, que carregam imagens negativas produzidas e (re) alimentadas pela mídia. Após a crise econômica mundial de 2008, o Brasil recebeu um contingente significativo de imigrantes europeus que não era associado a nenhum tipo de dificuldade idiomático quando apresentado como tema central de matérias e notícias. Ademais, sua adaptação era vista como um processo simples e natural, suas chegada e estadia

¹²⁶ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/2078968/>. Acesso em 2 de abril de 2017.

¹²⁷ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/1767898/>. Acesso em 29 de março de 2017.

como positivas e enriquecedoras e a relação com os brasileiros como harmoniosa e horizontal. Em outras palavras, sua presença, em detrimento da presença haitiana, era construída como desejável.

Como mencionamos anteriormente, as falas dos haitianos demonstram que parte significativa deles apresentam algum tipo de formação educacional e qualificação profissional. Sendo assim, “*a falta de experiência profissional*”, referida pelo jornalista, pode ser atribuída à ocupação de haitianos em subempregos que exigem práticas laborais desconhecidas por eles.

Além disso, a afirmação de que os indivíduos que não conseguem trabalho caem em situação de mendicância aponta para a abertura da possibilidade de que sejam envolvidos pela criminalidade. Outra forma de associá-los à ilegalidade e criminalidade é por meio dos depoimentos de autoridades locais, quando procuram barrar ou controlar a entrada dos imigrantes, colocada como uma ameaça. Esse é o caso de Damião Borges, secretário de Direitos Humanos do Acre, entrevistado em setembro de 2012, que afirma: “*10% deles fica me ameaçando, dizendo que se até essa semana não sair o documento eles vão me amarrar em uma árvore e fazer pressão até o governo liberar o documento deles*”. Sem julgar a veracidade da afirmação, é importante salientar que os elementos utilizados na ameaça condizem e sustentam as imagens construídas sobre o Haiti e os haitianos, como as de selvageria e violência.

Tais argumentos estruturam a indesejabilidade haitiana de modo concreto e passível de decodificação, isto é, elas materializam para o espectador, em um sucinto argumento, o complexo fenômeno de *não desejar* a imigração haitiana. Por fim, a ideia de que, mesmo diante de todas as adversidades, eles ainda preferem viver no Brasil, inferioriza o Haiti e, concomitantemente, sugere que eles se contentam com qualquer coisa. Concluimos, portanto, com Cogo e Silva (2016), ao afirmarem que:

A mídia vai atuar na produção e proposição de modos de vivenciar a alteridade nas interações entre esses novos imigrantes e a sociedade brasileira, se entendemos a noção de alteridade como um processo de constituição de subjetividades e identidades sociais que assume uma perspectiva classificatória e relacional. É na dinâmica de relação com o outro, na sua condição de “diferente”, que se tecem as experiências de alteridade migratória. Estas são impactadas ao mesmo tempo em que impactam os discursos sobre os imigrantes e as políticas migratórias produzidos por diferentes instituições como as midiáticas, estatais, etc. (COGO, SILVA, 2016, s/p.)

A seguir analisaremos outro gênero televisivo, buscando identificar possíveis repetições desses discursos. Veremos que as imagens às quais os haitianos são associados parecem estar solidificadas, embora sejam apresentadas nos mais variados formatos e narrativas.

3.2 Malhação: “*Haiti, Angola, é tudo África!*”

A 21ª temporada da série televisiva *Malhação*, exibida no ano de 2013, contou, pela primeira vez, com uma personagem haitiana. Apesar de não ser classificada como telenovela, a série é construída praticamente sobre os mesmos moldes, e será, portanto, analisada como tal. O principal fator que a diferencia das tradicionais telenovelas é que é voltada para o público adolescente. Enquanto telenovela, concordamos que a mesma:

Sem deixar de lado o conteúdo melodramático que garante o fascínio e a adesão do público aos heróis e heroínas e às tramas românticas, busca mesclar nessas histórias temáticas da realidade social e cultural brasileiras questões candentes e atuais que fazem parte do mundo real que, assim, dialoga e interage constantemente com a ficção. (COUCEIRO DE LIMA, 2000-2001, p.90)

A presença estratégica de temas atuais da sociedade brasileira no gênero televisivo em pauta fundamenta a inserção da personagem haitiana precisamente no ano subsequente à inauguração do alarme da mídia em torno da denominada “*invasão haitiana*” (característica de 2012). Enquanto produto voltado para o público adolescente, demonstra o contágio midiático do tema por todas as vias.

Frédéric, um rapaz haitiano que migrou para o Brasil (Imagem 43), como tantos outros, após o terremoto de 2010, ganhou vida na atuação de Blaise Musipere, que, curiosamente, é congolês. A escolha de um ator natural da República Democrática do Congo para interpretar um haitiano levanta algumas questões.

Imagem 43: Frédéric. Fonte: *Malhação* no Globo Show¹²⁸.

¹²⁸ Disponível em: <http://gshow.globo.com/novelas/malhacao/2013/personagem/frederic.html>. Acesso em 2 de

Em primeiro lugar, como temos proposto ao longo de todo o texto, a transposição da nacionalidade perante a negritude, especificamente, é notória. Falamos especificamente da negritude por não se tratar de um critério que torna quaisquer nacionalidades dispensáveis quando justapostas com a raça ou o fenótipo do indivíduo (um estadunidense normalmente é diferenciado de um alemão, por exemplo, no sentido de que suas características culturais se sobrepõem às raciais)¹²⁹. Em outras palavras, a falta de preocupação com selecionar um ator haitiano para representar uma personagem haitiana pode estar diretamente ligada à crença de que mais importante do que sua origem é a sua negritude e que ser negro e apresentar sotaque estrangeiro é suficiente para sustentar o papel.

Em segundo lugar, pensemos inicialmente, dentre vários, em um emblemático caso em que uma personagem da telenovela brasileira foi representada por uma atriz cujos atributos físicos não condiziam com sua descrição original: *Gabriela*, que estreou na Rede Globo no ano de 1975, cuja protagonista foi interpretada por Sônia Braga. Baseada no romance de Jorge Amado, a Gabriela do escritor baiano era descrita como mulata, muito embora tenha sido adaptada, graças ao contexto discriminatório brasileiro, para a interpretação de uma atriz “quase branca, de tipo caboclo” (fala retirada de narração no documentário *A negação do Brasil*). Walter Avancini, ao explicar a escolha de Sônia Braga, no documentário *A Negação do Brasil* de Joel Zito Araújo, afirma:

Joel Zito Araújo: “Nós tivemos um acontecimento na história da novela *Gabriela*, do Jorge Amado, onde em princípio deveria ser uma atriz negra, né, ou uma mulata mais autêntica interpretando a personagem. Aí aconteceu aquele fenômeno, não havia no mercado realmente ninguém preparado, nenhuma atriz preparada para isso. Eu, eu fiz teste pessoalmente com aproximadamente oitenta atrizes negras com alguma possibilidade dentro do biotipo, que tinha o biotipo do Jorge Amado, que era descrito. E dei de frente com essa impossibilidade. Seria realmente levar ao desastre se eu insistisse em colocar uma atriz negra não preparada, quer dizer, seria o desastre da própria atriz negra, do próprio conceito, das possibilidades do ator negro, seria a reafirmação dos reacionários de que o ator negro não tem talento, quando na verdade ele não teve foi possibilidade cultural de preparação pra enfrentar esse mercado de trabalho artístico (...).”.

Sem que nos estendamos muito na questão racial ligada ao acontecimento, já que os limites deste trabalho não nos permitem, gostaríamos de destacar o contrassenso presente na fala de Avancini: parece pouco crível que em um país majoritariamente negro não houvesse nenhuma atriz negra qualificada para interpretar a personagem¹³⁰. Traçando um paralelo e

abril de 2017.

¹²⁹ Esse aspecto pode também abranger os latino-americanos e orientais, por exemplo, o que indica que o critério central para diferenciação baseada na nacionalidade é que sejam indivíduos do grupo racial hegemônico: brancos.

¹³⁰ Esse argumento foi também utilizado no documentário em questão por Milton Gonçalves a respeito da

apesar de nosso produto de análise selecionar um ator negro, consideramos a escolha de um congolês em detrimento de um haitiano injustificável dada a existência de um número significativo de haitianos no Brasil que são, inclusive, atores¹³¹. Posto isso, a explicação que pudemos presumir para tal escolha seria a maior maleabilidade que um ator de outra nacionalidade pudesse vir a apresentar na interpretação de uma imagem estigmatizada do Haiti e dos haitianos.

A 21ª temporada da série gira em torno da história de Vera e Ronaldo que, após nove anos juntos, resolvem se casar e morar juntos em um casarão no bairro do Grajaú, no subúrbio do Rio de Janeiro. Vera, com o seu ex-marido Caetano teve duas meninas: Anita e Sofia, enquanto Ronaldo é pai de Giovana, Vitor e Ben, este último está regressando ao Brasil após ir morar com a mãe e o padrasto nos Estados Unidos quando ainda era pequeno. Além de Anita, Sofia, Giovana, Ben e Vitor, ainda tem Pedro, o único filho de Vera com Ronaldo¹³².

No capítulo exibido no dia 22 de julho de 2013, Frédéric aparece pela primeira vez. Ingressa em uma lanchonete no Grajaú e pergunta o que consegue comprar com algumas moedas que tira do bolso. Nesse episódio não fica clara sua procedência, mas diz estar procurando basicamente qualquer tipo de emprego. O garçom o chama de “*pau pra toda obra*” e indica um trabalho na casa da família protagonista da novela. Em outro episódio¹³³, está sentado à mesa com essa família, e fala que é do Haiti. Pedro, uma criança caracterizada por sua perspicácia e inteligência, é a única personagem que possui algum conhecimento sobre o país. Ronaldo, o pai, pergunta sobre sua busca por trabalho e a filha, Giovana, desata a falar que ele consertou sua caixinha de música e que, portanto, deve saber consertar muitas coisas. Pedro afirma com obviedade: “*Claro, viver no Haiti é difícil. Golpes de poder, grupos de (...)*¹³⁴ *armados pelas ruas... Um cenário caótico. Muitos haitianos vêm pra cá.*”. Frédéric concorda: “*É, o povo, o povo brasileiro já ajudou muito o meu povo.*”. Pedro imediatamente cita as tropas de paz e o jogo da paz de 2004, entusiasmando Frédéric: “*É, eu vi Ronaldo Fenômeno e a cidade ficou verde e amarelo (...), o povo sorriu nesse dia.*”.

Julgamos que a função ideológica central da personagem, no contexto específico da recente diáspora haitiana para o Brasil e no contexto geral do racismo à brasileira, é

escolha do ator Sérgio Cardoso para atuar como protagonista em *A Cabana do Pai Tomás*.

¹³¹ Ver, por exemplo: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2016/03/1748090-haitianos-encenam-a-sua-propria-diaspora-na-peca-cidade-vodu.shtml> e <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2016/08/1798892-com-imigrantes-haitianos-em-cena-grupo-os-satyros-discute-alteridade.shtml>. Acesso em 2 de abril de 2017.

¹³² Sinopse disponível em: <http://resumo-das-novelas.com/atores-personagens/malhacao-2013-personagens-atores-malhacao/>. Acesso em 4 de abril de 2017.

¹³³ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/2713310/>. Acesso em 11 de março de 2017.

¹³⁴ Não é possível compreender a palavra que o menino fala, mas podemos inferir pelo restante da frase.

simbolicamente sintetizada por esse diálogo introdutório e, portanto, sugerimos que os aspectos que mencionaremos a seguir sejam observados pelo leitor ao longo de toda esta análise.

Pedro possui a função de apontar ou desvelar a inferioridade haitiana/negra, pois, apesar de criança, age ora como tutor ora como *sinhozinho* de Frédéric. O fato de ser uma criança esperta e demonstrar conhecimento, ainda que equivocado, sobre o Haiti, passa a ideia de que a “tragédia social” haitiana é patente ou óbvia. Frédéric, por sua vez, legitima todo e qualquer discurso pejorativo acerca do Haiti ao mesmo tempo em que parece determinado em exaltar o Brasil e sua presença na MINUSTAH. Essa exaltação, no entanto, não se restringe ao papel das tropas brasileiras no país caribenho, mas recorre ao maior ícone nacional: o futebol¹³⁵.

Frédéric se envolve na trama ao ser contratado para fazer reparos na casa, apelidada de casarão¹³⁶. Os moradores da casa se demonstram compadecidos pela personagem, e frequentemente ressaltam a importância do haitiano que “*parece ter caído do céu*”, bem como o próprio Frédéric, que expressa grande carinho pela família que o empregou. Há um exagero de sentimentalismo que parece gratuito, muito embora alicerce a relação que se estabelecerá entre o haitiano e a família: uma retroalimentação de comoção, mais ou menos exacerbada dependendo do momento, por parte da família, e gratidão, por parte de Frédéric, ao longo de toda a trama. Na mesma cena, após sua partida, Pedro fala: “*Dá até dó... Saber que ele vai dormir na tal pensão onde ele mora. Dormir amontoado com um monte de gente, num lugar úmido, tipo prisão, só que tem que pagar.*”. Esse retrato de condições precárias em que vivem alguns dos haitianos em diáspora está bastante presente em noticiários televisivos, como vimos no subcapítulo anterior, bem como na imprensa, e cria um tom alarmante em torno do fenômeno migratório, ademais de projetar a esses indivíduos uma permanente e indissolúvel precariedade para além do próprio Haiti (que é sempre retratado sobre essa regra, como demonstramos em inúmeros momentos).

O jeito dócil e otimista de Frédéric¹³⁷, que ficará evidente ao longo de toda a temporada, aliado à perseverança que lhe trará resultados positivos e à constante associação a um Haiti desgraçado, consiste em uma mescla, resguardadas suas devidas adaptações, de pelo menos dois estereótipos, tradicionalmente utilizados no cinema e na literatura brasileiras, para caracterizar personagens negras, como o “bom crioulo” e o “escravo nobre”:

¹³⁵ Aspecto ainda mais alegórico devido à proximidade com a Copa do Mundo de 2014, sediada no Brasil.

¹³⁶ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/2715532/>. Acesso em 11 de março de 2017.

¹³⁷ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/2724953/>. Acesso em 11 de março de 2017.

As principais características [do “bom crioulo”] são a subserviência e fidelidade aos senhores/patrões, aliadas à capacidade para o trabalho árduo e para a dependência do paternalismo do branco, comum também no cinema (Rodrigues, 1988). (...) O “escravo nobre”, que vence por sua persistência após muita humilhação e sacrifício, por vezes agrega características anteriormente citadas (Proença Filho, 1997). A nobreza de caráter identifica-se com a aceitação da submissão, associando-se a outra característica estereotipada, a do “negro vítima”. (DIJK, 2008, p.84-85).

Comovidos com a situação e conquistados pelas supracitadas características do haitiano, os filhos do casal se reúnem para convencer os pais a o deixarem viver ali, em um espaço que antes servia para guardar “*tralhas*”. Quando Ronaldo duvida que o haitiano queira viver “*naquele cubículo*”, Ben retruca: “*Quê? Aposto que ele vai adorar! É muito melhor do que onde ele mora hoje em dia, um cubículo superpopulado.*”. Um dos irmãos, Vitor, completa que ele “*vai se sentir num palacete*”, e Giovana que “*vai ser muito bom ter ele aqui em casa, né?*”, referindo-se à manutenção do espaço.

Se extrapolarmos esse discurso para o âmbito prático, é possível estabelecer uma relação com a ideia geral que se tem das oportunidades (ou ausência delas), especialmente laborais, que se apresentam aos haitianos em diáspora no Brasil, bem como das condições de moradia. Diante das notícias analisadas no subcapítulo anterior, fica evidente a manutenção dessa ideia para além do gênero jornalístico. Devido à imagem fatalista e pejorativa das condições de vida no Haiti, ademais, muitos brasileiros tendem a pensar que qualquer situação vivida por eles aqui, por pior que seja, é melhor do que sua condição de origem. Esse distanciamento de realidades é sustentado pela insistente e orientada retratação da precariedade no Haiti como uma anomalia social que em nada se parece às circunstâncias brasileiras e se converte, na prática, em um estratégico tolhimento fundamentado de suas possibilidades de mobilidade socioeconômica. É muito comum constatar, por exemplo, a reprodução dessas ideias por empregadores de haitianos que justificam com esses argumentos os baixos salários pagos.

Ronaldo concorda em deixar Frédéric morar no casarão e, ainda que não tenhamos constatado um acordo explícito durante as cenas televisionadas, fica claro que a moradia e a comida serão pagas com trabalho, o que se pode confirmar na descrição da personagem no site oficial do programa:

Imigrante haitiano que perdeu sua família no terremoto. Mora na casa de Vera e Ronaldo. Generoso e do bem. Troca casa e comida por trabalho nos finais de semana. É muito bem tratado por todos da família. Tem uma relação mais próxima com Pedro e Anita¹³⁸.

¹³⁸ Disponível em: <http://gshow.globo.com/novelas/malhacao/2013/personagem/frederic.html#perfil>. Acesso em 11 de março de 2017.

O que vemos ao combinar a descrição e o desenvolvimento da trama é uma relação que remete à estrutura cunhada por Gilberto Freyre em *Casa-Grande & Senzala*, na qual existiria uma suposta relação harmoniosa entre senhor e escravo, característica de uma democracia racial, mas que, como é sabido, conserva uma hierarquia bem delineada pautada na raça. Esse papel que Frédéric desempenha é perceptível em diversos momentos, não obstante possa passar despercebido pelo público médio do programa.

Observemos, por exemplo, em certa ocasião em que ele concerta o carro de um senhor que compra objetos usados¹³⁹, como essa relação se dá: o senhor como forma de agradecimento e devido à sua falta de dinheiro, lhe diz que escolha qualquer coisa do bagageiro. Imediatamente depois, o mesmo senhor grita para Pedro “*Pode escolher aí, menino*”. É Pedro quem escolhe o objeto que remunera o trabalho de Frédéric (uma caixa de taças de cristal) e, ao chegarem a casa, mostram para Vera (mãe) a nova aquisição, afirmando que ela será boa para a venda de garagem, cujos lucros serão destinados à família. Todas as personagens envolvidas na cena, inclusive Frédéric, encaram com naturalidade o fato de o trabalho do haitiano ser pago para o menino, uma espécie de tutor do primeiro, o que o infantiliza, e de ser convertido em dinheiro para a família em detrimento dessa personagem constantemente retratada como carente de recursos financeiros, ainda que posteriormente os lucros sejam divididos com ele também.

Essa cena terá, ademais, um importante desdobramento. Na venda de garagem propriamente dita¹⁴⁰, um homem decide comprar as taças quando a vilã, Maura, parte do núcleo cômico da novela, insiste que os objetos lhe pertencem e foram roubados de sua casa. Frédéric diz que deve haver um engano, e a discussão segue:

Maura: “Engano, sim, das nossas autoridades que deixam ladrões feito você entrar no nosso país.”

Pedro: “Não chama o Frédéric de ladrão, a gente pegou essas taças aí no carro do ferro velho.”

Maura: “Cala a boca que a conversa não chegou na creche do crime.”

Frédéric, calmamente: “O que meu amigo ia dizer é que o motorista do carro do ferro velho deu essas taças para nós.”

Maura: “Ah, é? O motorista do carro do ferro velho tinha umas taças que valem mil reais e deu pra você? (ri) Conta essa pro delegado, que eu vou chamar a polícia (...).”

Ronaldo: “Mas o que é que tá acontecendo aqui, gente?”

Maura: “O que tá acontecendo é que eu fui roubada por esse angolano ladrão que você botou pra dentro da sua casa.”

Giovana: “Ele não é angolano, ele é haitiano, e muito menos ladrão.”

Maura: “Haiti, Angola, é tudo África!”

Pedro: “Não. Haiti fica na América Central e Angola fica na África.”

Maura: “Pode ficar no raio que o parta. O importante é que essas taças que vocês estão vendendo ilegalmente pertencem a mim!”

¹³⁹ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/2742444/>. Acesso em 11 de março de 2017.

¹⁴⁰ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/2755405/>. Acesso em 11 de março de 2017.

Ronaldo: “Maura, calma, calma, por favor. Você tem certeza que essas taças são mesmo suas?”

(...)

Ronaldo diz: “A gente precisa mesmo envolver a polícia nisso? (...) O que eu quero dizer é que eu confio no que você tá falando. Se as taças são suas pode levar”¹⁴¹.

A escolha da vilã para proferir um discurso estigmatizado e de teor indiretamente racista, apresenta várias nuances. A priori leva a crer que a intenção da associação desse discurso a uma personagem malvista pelo público é precisamente a de condenar esse tipo de posicionamento. Não obstante, a utilização do tom cômico é um aspecto cujos efeitos produzidos não devem ser ignorados.

Em primeiro lugar, uma vilã cômica, ainda que produza raiva nos espectadores, produz também tolerância e até mesmo simpatia, uma vez que os faz rir. O humor, por sua vez, recorre frequentemente a estereótipos para produzir graça a partir de exageros e representações caricatas rapidamente decodificáveis pelo público. No caso, a representação caricata não é do haitiano, mas da invejosa e ambiciosa vilã que constantemente desvaloriza as personagens “pobres”, bem como todo o campo simbólico que as permeia. Nesse sentido, a construção satírica da personagem Maura denuncia uma postura malquista associada aos ricos, em contraposição à família cujos atributos morais, como senso de justiça, união frente às adversidades, altruísmo, perseverança etc., são enaltecidos. Assim, a atitude desejável, ou o exemplo que se espera que seja seguido, é a da família.

No entanto, é sabido que inúmeros vilões de telenovelas caíram nas graças da população devido às suas características cômicas e que suas frases de efeito e bordões, majoritariamente de teor preconceituoso e/ou estereotipado (Quadro 1), perduram no imaginário e discurso populares¹⁴². Os discursos que estigmatizam pobres, mulheres, homossexuais, nordestinos etc. são vistos como hilariantes e são reproduzidos para além das telas da TV.

¹⁴¹ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/2758154/>. Acesso em 11 de março de 2017.

¹⁴² Nota-se, por exemplo, um grande número de memes disponíveis na internet que reproduzem falas e/ou imagens dessas personagens.

Quadro 1: Frases e bordões de vilões da telenovela

Odete Roitman (Beatriz Segall)	<i>"Nordeste antes da hora do jantar vai me tirar o apetite.";</i> <i>"O Brasil tem as melhores universidades? Só se você estiver falando de escola de samba!"</i>
Nazaré Tedesco (Renata Sorrah)	<i>"Sapatonas! Eu sinto longe o cheiro de couro".</i> <i>"A cara já é de pedreiro. Emburrado então, fica parecendo uma parede mal feita!"</i> <i>"Anta nordestina!"</i>
Carminha (Adriana Esteves)	<i>"Até cachorro de pobre tem mania de falar alto. Credo!"</i> <i>"Prefiro ser assassinada pelos bandidos do que botar meus pés nesse chão imundo. Eu não lutei tanto nessa vida para terminar pegando lepra em esgoto de favela"</i>
Félix Khoury (Mateus Solano)	<i>"Pior é a mulher quando é pobre, gorda e feia. Ai é uma lastima."</i> <i>"A lei da gravidade é um crime contra a mulher!"</i>

Fonte: Desenvolvido pela autora, mas as informações foram retiradas do site da emissora, do Uol e do Terra¹⁴³.

Vários autores nacionais e internacionais vêm analisando o uso do humor depreciativo ou degradante como um artifício que reproduz e reforça preconceitos já presentes nas sociedades nas quais se insere. Thomas E. Ford e Mark A. Ferguson (2004), por exemplo, explicam que:

Os teóricos do humor argumentaram que o humor depreciativo tem consequências negativas tanto a nível individual ou psicológico quanto a nível macrosociológico. A nível individual, pensa-se que o humor de desprezo cria e reforça estereótipos e preconceitos negativos em relação ao grupo-alvo (eg Berger, 1993, Freud, 1905/1960, La Fave & Mannell, 1976, Meyer, 2001, Ruscher, 2001, Stephenson, 1951, Zenner, 1970). Martineau (1972), por exemplo, sugeriu que o início do humor depreciativo serve a uma função divisória: cria e reforça a hostilidade em relação ao grupo-alvo. Ao reforçar estereótipos negativos e preconceitos a nível individual, o humor depreciativo é pensado para manter o preconceito cultural ou societal no nível macrosociológico. Husband (1977), por sua vez, propôs que o humor racista retratado na televisão reforça estereótipos e preconceitos de indivíduos racistas e, assim, funciona para perpetuar uma sociedade racista. Da mesma forma, Sev'er e Ungar (1997) sugeriram que o humor depreciativo funciona como um meio de controle social, permitindo que os membros do grupo dominante na sociedade mantenham sua posição privilegiada. (FORD e FERGUSON, 2004, p.79¹⁴⁴).

¹⁴³ Disponível em: http://gshow.globo.com/programas/video-show/v2011/VideoShow/Noticias;http://ego.globo.com/televisao/noticia/2016/11/13-falas-de-nazare-que-queremos-ver-na-reprise-de-senhora-do-destino.html;http://www.terra.com.br/diversao/infograficos/frases-carminha/;http://caras.uol.com.br/tv/amor-a-vida-30-melhores-frases-do-vilao-felix-mateus-solano#.WMXnuW_yvIU. Acesso em 2 de abril de 2017.

¹⁴⁴ Humor theorists have argued that disparagement humor has negative consequences at both the individual or psychological level and at the macrosociological level. At the individual level, disparagement humor is thought to create and reinforce negative stereotypes and prejudice toward the targeted group (e.g., Berger, 1993; Freud,

Esse tipo de humor, como é possível constatar nos exemplos citados, não se limita a reproduções caricaturescas de tipos estereotipados, muito presente em programas de humor, mas se estende aos discursos articulados nesse fenômeno presente na telenovela brasileira: vilões que, por ocuparem locais de privilégio na sociedade em questão (nota-se, por exemplo, que todos os vilões citados são ou estão ricos, além de serem brancos e naturais do eixo Rio-São Paulo), depreciam constantemente as minorias valendo-se de sua má índole e do tom humorístico para legitimar manifestações explícitas de preconceito. Em outras palavras, os preconceitos são admissíveis, sempre quando expressados por indivíduos de má índole, e reproduzíveis, graças ao tom cômico que lhes é empregado, além de, por serem provenientes de indivíduos pertencentes de grupos hegemônicos, funcionarem como marcos reguladores das categorias sociais.

Um fato observado no produto em análise e que defendemos ser um possível indício da aceitação e simpatia do público espectador é o final feliz de Maura¹⁴⁵. Como notado em outros exemplares da telenovela brasileira, a aprovação ou não do público ante as personagens exerce grande influência em seus destinos. Citemos, em nível de contextualização, dois emblemáticos exemplos: a) A morte do casal de lésbicas em *Torre de Babel* devido à rejeição do público¹⁴⁶ e b) A possibilidade de redenção de Félix em *Amor à Vida* graças à aceitação do público¹⁴⁷.

O discurso de Maura se pauta em demarcadores sociais que servem ao propósito de discriminar veladamente os negros, como temos salientado em tantos casos. Há um fio condutor, no entanto, que deixa clara a associação entre tais demarcadores e a questão racial: a relação Haiti-África. A generalização que leva a personagem a enredar africanos e haitianos,

1905/1960; La Fave & Mannell, 1976; Meyer, 2001; Ruscher, 2001; Stephenson, 1951; Zenner, 1970). Martineau (1972), for instance, suggested that the initiation of disparagement humor serves a divisive function: It creates and reinforces hostility toward the targeted group. By reinforcing negative stereotypes and prejudice at the individual level, disparagement humor is thought to maintain cultural or societal prejudice at the macrosociological level. Husband (1977), for instance, proposed that racist humor depicted on television reinforces stereotypes and prejudice among racist people and thus functions to perpetuate a racist society. Similarly, Sev'er and Ungar (1997) suggested that disparagement humor functions as a means of social control, allowing members of the dominant group in society to maintain their privileged position. (FORD e FERGUSON, 2004, p.79)

¹⁴⁵ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/3409830/>. Acesso em 13 de março de 2017.

¹⁴⁶ “Já em “Torre de Babel”, também de Sílvio de Abreu (1998), a temática lésbica retorna de uma forma polêmica. Vários assuntos desagradavam à audiência, entre eles, a relação íntima de Rafaela (Christiane Torloni) e Leila (Silvia Pfeifer). Era um casal de empresárias, donas de uma loja em um shopping. Foram retratadas em uma abordagem bastante direta, sem subterfúgios ou artifícios, despertando intensas reações no público; disto resultou um desfecho trágico, com a morte de ambas na explosão do shopping center” (FERNANDES, 2011, p.3).

¹⁴⁷ Disponível em: <http://televisao.uol.com.br/noticias/redacao/2014/04/11/mateus-solano-diz-que-felix-de-amor-a-vida-o-deixou-com-o-cabelo-branco.htm>. Acesso em 24 de março de 2017.

em um primeiro momento, e africanos de modo geral, posteriormente, possui uma motivação notoriamente fenotípica, demonstrando que a diferenciação é, em última instância, irrelevante, pois a negritude transpõe a nacionalidade, como já vimos. Essa irrelevância explica a acusação de Maura direcionada especificamente à Frédéric (nada indicava sequer que era ele quem havia sido remunerado com as taças, portanto, qualquer pessoa envolvida na venda de garagem poderia ter sido acusada), já que a criminalidade no Brasil é comumente associada aos negros, independentemente da nacionalidade.

Por último, consideramos relevante acentuar o fato de Frédéric não falar por si mesmo, sendo defendido por terceiros, bem como a postura de Ronaldo diante do acuso de Maura. Em primeiro lugar, o ofuscamento da fala da personagem, ainda que aparentemente objetive passar uma ideia imediata de pacificidade, o infantiliza, por um lado, e remete à passividade característica e intencional nas representações do negro na ficção brasileira, por outro. Finalmente, a postura de Ronaldo ao dizer que acredita em Maura, sob o subentendido pretexto de encerrar a discussão, pode indicar despreocupação do mesmo em zelar pela honra do haitiano, além de certo descrédito ou insignificância de sua reputação, ou conformidade/normalidade da ideia preconceituosa de Maura.

Até mesmo entre os “mocinhos” decorrem desconfianças acerca de Frédéric. Durante aproximadamente cinco meses, grande parte das poucas aparições e menções da personagem giram em torno de uma caixa misteriosa que guarda com cuidado e cujo conteúdo ninguém conhece. As personagens envolvidas em seu círculo social se demonstram exacerbadamente curiosas e frequentemente insinuem desconfiar do haitiano. Quando “acidentalmente” abrem a caixa e descobrem nela um diploma universitário, suas suspeitas não cessam, já que o mistério passa a pairar em torno do motivo que o leva a esconder sua formação em engenharia civil e matemática. De fato não conseguimos apreender o propósito do encobrimento dessa informação na trama, mas alguns diálogos, aliados ao conhecimento prévio sobre as condições laborais enfrentadas pelos haitianos em diáspora no Brasil, revelam uma intencionalidade de justificar simbolicamente e responsabilizá-los pelo rol de subempregos à que são restringidos¹⁴⁸.

Ante a descoberta da qualificação profissional da personagem e devido ao simbólico auxílio das personagens brasileiras, Frédéric passa a atuar como professor no colégio. Em sua primeira aula, é recebido com deboches que explicitam a ideia de senso comum de que ele, enquadrado em três estereótipos (negro, imigrante “terceiro-mundista” e subempregado), não

¹⁴⁸ Ver, por exemplo: <https://globoplay.globo.com/v/3159775/>. Acesso em 13 de março de 2017.

teria qualificação para o magistério: “Fred? Uê, como assim? Quebrou alguma coisa na escola?”; “Professor? Não, e você vai dar aula de quê? Como desentupir privada?”; e “Ah, foi mal a zoeira, é que não dá pra adivinhar que você (ênfase) é um professor, né... Ó só, nem livro você trouxe.”. O haitiano demonstra tranquilidade e flexibilidade para lidar com a situação e, “surpreendentemente”, revela-se um excelente professor¹⁴⁹.

Para além da representação do haitiano calcada nos estereótipos do negro na sociedade brasileira, vemos em *Malhação*, como mencionamos no início do tópico, a manutenção da imagem pejorativa do Haiti simultaneamente e em oposição à exaltação da presença brasileira no país, mesma mensagem do primeiro subcapítulo, mas representada de maneira distinta. Vejamos no quadro 2 alguns dos exemplos mais relevantes.

Quadro 2 - Exemplos mais relevantes da participação de Frédéric em Malhação

Cenas	Imagem pejorativa do Haiti	Exaltação da presença brasileira
Sobre possível ajuda de Frédéric em trabalho escolar	Júlia: Mas se você concordar, é claro. Se falar do teu país te causar algum constrangimento, uma dor, a gente muda o tema sem problema. Frédéric: Ah, é doloroso, mas eu não me incomodo de falar do meu país.	Frédéric: (...) eu era um desses meninos, correndo pelas ruas. Dia feliz, diferente de muitos outros.
Apresentação de trabalho escolar sobre Haiti	Frédéric: Bom, mais ou menos na mesma época que o Brasil, Haiti também teve a ditadura, com Papa Doc, Baby Doc e seus Tonton Macoute. Júlia: Eram os bichos-papões, gente. A mando do ditador eles perseguiam as pessoas que eram contra o governo.	Ben: Fred, fala um pouco sobre o dia que a seleção brasileira visitou o Haiti. Frédéric: Bom, primeira vez eu vi a festa na rua e foi quando eu pensei “se um dia eu sair do meu Haiti, eu vou pro Brasil”. E vamos falar desse dia <i>très spécial</i> (...)

¹⁴⁹ Disponível em: <http://gshow.globo.com/novelas/malhacao/2013/videos/t/cenas/v/frederic-inicia-suas-aulas-no-colegio/3173427/>. Acesso em 13 de março de 2017.

	<p>Frédéric: <i>Exactement</i>. Foram muitas violações de direitos humanos até que caiu o regime em 86.</p> <p>Aluno: Eu li que o Haiti, ele é o país mais pobre das Américas. Isso é verdade, Frédéric?</p> <p>Frédéric: <i>Oui</i>. 60% da população vive abaixo da linha de pobreza, menos de 1 dólar por dia. Pode imaginar?</p>	
Sobre os jovens terem achado que Frédéric os havia convidado para ir ao Havaí ao invés de Haiti	<p>Menina 1: Zureta, por favor me diz que isso não tá acontecendo.</p> <p>Menina 2: Vocês vacilaram desse jeito? Vocês vão ganhar nosso desprezo eterno.</p> <p>Menino 1: Peraí, Havaí, Haiti... Agora tudo faz sentido, tava fácil demais.</p> <p>Menino 2: Não, cara, não tô acreditando, não pode ser! Aliás... Pode sim, porque quando é que a gente ia ser levado pro paraíso, né?</p> <p>Frédéric: Ô gente, eu sinto muito pelo mal entendido. Eu chamei pro Haiti porque uma ONG recruta os jovens pelo mundo para o processo de reconstrução do país.</p> <p>(Todos saem e deixam Frédéric sozinho)</p>	
Em aula para recrutar jovens a ajudarem o Haiti	<p>Frédéric: Muito obrigado por tirarem um dia das suas férias para vir aqui.</p> <p>Menino 1: Parece até que eu tô de recuperação.</p> <p>Júlia: Não, parece que você se importa.</p> <p>Frédéric: A situação do Haiti ainda é precária: a pobreza é grande, muita gente ainda não conseguiu casa mesmo quatro anos depois do terremoto. (Projeta cenas do Haiti) Podia estar ainda pior se não fosse a ajuda de gente do mundo inteiro. Gente como vocês.</p> <p>Menino 2: Caramba... Mas será que eu teria como ajudar numa situação dessas?</p> <p>Menino 3: O que que dá pra fazer?</p> <p>Frédéric: Bom... Tem gente que ajuda no dia-a-dia, outras pessoas ensina esporte pra molecada, outras pessoa ensina a dançar, pintar... Isso evita que as crianças se juntem à gangues que só querem a guerra.</p>	O diálogo apresentado ao lado também serve à essa função.

Fonte: Desenvolvido pela autora.

No próximo subcapítulo veremos outro gênero televisivo, uma série voltada para o público adulto que tangencia algumas questões já ressaltadas, bem como outras ainda não constatadas, como a abordagem do vodu.

3.3 O caçador: “Eu achei que por gratidão ao Brasil os haitianos fossem mais hospitaleiros”

A Rede Globo exibiu a série *O caçador* de abril a julho de 2014. O enredo gira em torno de André, um caçador de recompensas interpretado pelo ator Cauã Reymond. O segundo episódio, do dia 18 de abril, se inicia com uma cerimônia religiosa que faz referência ao vodu¹⁵⁰. A cerimônia, ao som de tambores e em meio a muita dança, ocorre em um ambiente escuro e esfumaçado, criando uma atmosfera mística e sombria. Os participantes vestem roupas pretas e parecem em transe, alguns consumindo bebida alcoólica destilada. A entidade evocada conversa em francês com dois haitianos que buscam informações sobre um homem desaparecido (Imagens 44, 45 e 46).

Imagem 44: Cerimônia vodu. Fonte: *O caçador* em Globo Show¹⁵¹.

¹⁵⁰ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/3291615/>. Acesso em 30 de março de 2017.

¹⁵¹ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/3291615/>. Acesso em 30 de março de 2017.

Imagem 45: Cerimônia vodu 2. Fonte: *O caçador* em Globo Show¹⁵².

Imagem 46: Cerimônia vodu 3. Fonte: *O caçador* em Globo Show¹⁵³.

A relação maldade/barbárie é comumente utilizada nas representações sobre o vodu haitiano, o que é perceptível em inúmeras narrativas hollywoodianas que frequentemente apresentam uma visão distorcida das práticas religiosas a ele associadas, a fim de criar uma atmosfera de medo. A articulação entre o desconhecimento de ditas práticas com o preconceito religioso – reflexos de um ofuscamento e tolhimento da cultura africana nos países americanos e do racismo estrutural –, arraigados nos imaginários sociais, serve à função de manter as religiões de matriz africana, bem como seus praticantes, à margem da sociedade. Segundo José Renato de Carvalho Baptista (2012), durante a primeira ocupação estadunidense no Haiti, há um componente racial determinante na percepção que se tem do país e que interfere nas imagens produzidas a partir desse contexto. Daí resultou as primeiras

¹⁵² Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/3291615/>. Acesso em 30 de março de 2017.

¹⁵³ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/3291615/>. Acesso em 30 de março de 2017.

adaptações para o cinema que retratavam o vodu como uma prática bárbara e demoníaca.

Segundo o autor:

A associação entre vodu, barbárie e canibalismo era mais uma das estratégias que sugeriam permanentemente a incapacidade dos negros de governarem um país, posto que estes vivessem mergulhados em promiscuidade e barbarismo, totalmente incapazes de constituir algo que pudesse ser considerado uma “civilização”. (...) De certo modo, é através de um sem número de estereótipos que somos instados a compreender como são articuladas as representações sobre o Haiti e como o vodu acaba sendo um referencial fundamental para esta compreensão. A partir de uma série de procedimentos metonímicos surgem relações como Haiti/barbárie, Haiti/violência, vodu/Haiti, vodu/violência, vodu/barbárie, e assim sucessivamente entre várias interpolações possíveis, até concluirmos que parte do peso que se concentra no tipo de percepção e de discurso sobre o Haiti está fundamentada em bases racistas historicamente dadas. (CARVALHO BAPTISTA, 2012, p.71, 74-75)

No caso específico do Brasil, tais representações do vodu não se desatrelam da referencia simbólica à que a utilização de símbolos comuns ao universo das religiões afro-brasileiras remete. Alvos de perseguição e ilegalidade durante anos, as religiões de matriz africana são vistas no contexto brasileiro como manifestações arquetípicas de negritude, muito embora em certo nível e em certas variações, estejam sendo absorvidas e metamorfoseadas em versões mais branqueadas que se abrem para novos adeptos como uma expressão da miscigenação. Segundo Reginaldo Prandi (1995):

Este candomblé reforça a africanidade de segmentos da umbanda, impõe-se, a partir dos anos 60, como o traço cultural brasileiro ao qual a criatividade pode recorrer sempre, quer se trate da novela nobre da televisão, da música de bom tom das escolarizadas classes médias, do cinema de arte, da obra de arte que aspira à eternidade. Como traço cultural, se dispõe para o brasileiro como chave para o bem e para o mal. Quando estas religiões de origem africana, mesmo em se tratando das mais "branqueadas" modalidades da umbanda, são encaradas pelo outro como fonte do mal, expressão do indesejável, veículo da perdição, aí então sim a referência à origem negra é imediata. Diz o preconceito que tudo que é do negro não presta, ainda mais quando se trata de uma religião, de uma falsa religião, dirão eles, de magia, macumba e magia negra. (PRANDI, 1995, p.120)

Na cena seguinte, a dupla de haitianos se encontra com André para contratar seus serviços e encontrar seu irmão Christian, desaparecido no Brasil. André pergunta o motivo que levou o rapaz a sair do Haiti e o intérprete de Jean Claude responde: “*Senhor André, todos temos muitas razões para sair do Haiti. É um país que teima em não dar certo. Mas no nosso caso, o Christian veio ao Brasil para passar um carnaval em Rio, desde então nunca mais voltou.*”. A fala do intérprete reforça as já mencionadas imagens sobre o Haiti.

Seguindo uma pista, André chega a uma boate de strip-tease chamada *L'amour Rouge*, cujo dono, os funcionários e grande parte dos frequentadores são haitianos. Perturbado com a presença do brasileiro, o proprietário, Didier, manda chama-lo em seu escritório. A

personagem é alegoricamente caracterizada ao segurar uma estatueta de crocodilo, sugerindo que o cotidiano dos haitianos é permeado por elementos que expressam selvageria (Imagem 47). Essa percepção é substantiada pela fala de Didier no diálogo subsequente:

André: “Sabe o que eu acho engraçado? Você é haitiano, o Christian é haitiano, sua boate é haitiana... Acho estranho vocês não se conhecerem.”.

Christian o manda sair.

André: “Eu achei que por gratidão ao Brasil os haitianos fossem mais hospitaleiros”.

Didier: “No Haiti nós temos um provérbio que diz ‘nunca xingar a mãe de um crocodilo a menos que já tenha atravessado o rio (pega novamente a estátua de crocodilo)’.”.

A fala de André, por outro lado, indica certa inferioridade haitiana, uma vez que a gratidão pressupõe que o “credor” da gratidão ocupa uma posição hierarquicamente superior ao “devedor” da gratidão, tendo em vista que ela se estabelece sobre uma relação de poder. Essa atribuição de uma necessidade de gratidão por parte dos haitianos está presente em quase todos os produtos analisados, como ressaltado no primeiro e no segundo subcapítulos.

Imagem 47: Caracterização da personagem Didier. Fonte: *O caçador* em Globo Show¹⁵⁴.

André conhece, na ocasião, uma dançarina chamada Jéssica, que começa a ajuda-lo no caso, pois sua irmã é esposa de Christian. Em determinada cena, ela chega à casa de André dizendo que alguém invadiu a boate e atacou Didier. Eles vão à boate e encontram Didier torturado e assassinado (Imagem 48). A brutalidade do assassinado, ainda que tenha sido precedido por tortura, possui um tom macabro que lembra algum tipo de ritual. A marcação no corpo e os olhos arrancados induzem o expectador a associar o assassinato aos costumes religiosos haitianos e esses últimos, por sua vez, às práticas selvagens.

¹⁵⁴ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/3291628/>. Acesso em 30 de março de 2017.

Imagem 48: Didier assassinado. Fonte: *O caçador* em Globo Show¹⁵⁵.

Na cena do assassinato, André encontra um fax escrito em crioulo haitiano. Vão em busca de alguém que possa traduzi-lo e, feito isso, constata a mensagem: “*A maré da lua cheia traz ao porto uma sereia, no ventre da sereia cinquenta grãos de areia. Te espero na cidade do sol*”. Jéssica diz que já ouviu algo sobre cidade do sol e André explica que “*é o nome da maior favela haitiana, o Brasil tem tropas de paz lá*”. Após alguns acontecimentos, o protagonista descobre que *Cité du soleil* não se refere à favela, mas a um navio que se encontra no porto. Em uma interpretação simbólica na qual estendamos o significado da referência à *Cité Soleil* no nome do navio, infere-se a importação da favela para o Brasil, aspecto que se demonstra ainda mais emblemático quando revelado o conteúdo importado: imigrantes haitianos.

Imagem 49: Navio Cité du Soleil. Fonte: *O caçador* em Globo Show¹⁵⁶.

¹⁵⁵ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/3291628/>. Acesso em 30 de março de 2017.

¹⁵⁶ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/3291659/>. Acesso em 30 de março de 2017.

Os dois entram no navio e se deparam com sacos brancos que parecem conter cocaína, já remetendo à ideia de uma atividade ilegal, embora André constata se tratar apenas de açúcar. Christian os surpreende e explica que na verdade Jean Claude não é seu irmão, mas seu sócio, e que ele e o intérprete foram os responsáveis pelo assassinato de Didier. Jean Claude aparece e fica claro que os dois estavam seguindo André para encontrar Christian, que estava envolvido com um “*novo esquema*” que o primeiro não conhecia. Jean Claude exige que Christian abra um alçapão que dá para um porão. Jéssica, chocada, pergunta o que é aquilo e André responde: “*Imigrantes haitianos ilegais. São os cinquenta grãos de areia.*” (Imagens 50 e 51).

Imagem 50: Imigrantes haitianos 1. Fonte: *O caçador* em Globo Show¹⁵⁷.

Imagem 51: Imigrantes haitianos 2. Fonte: *O caçador* em Globo Show¹⁵⁸.

¹⁵⁷ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/3291659/>. Acesso em 30 de março de 2017.

¹⁵⁸ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/3291659/>. Acesso em 30 de março de 2017.

As condições de transporte dos haitianos são mostradas de forma similar ao transporte de escravizados no período colonial, o que pode querer buscar uma aproximação com a ideia de submissão, não obstante a amplitude das práticas de resistência dos mesmos. Isto é, em uma noção de senso comum, o escravizado é comumente passivo e facilmente dominado, e, sendo assim, o uso dessa referência na retratação dos haitianos carrega um peso alegórico que pode ser percebido pela falta de reação dos mesmos. Transportados em condições subhumanas, eles não esboçam nenhuma reação ou intento de sair, nem mesmo com a abertura da porta que os aprisiona.

Se pensarmos nas imagens construídas acerca do Haiti, concentradas principalmente no segundo capítulo deste trabalho, e traçarmos um paralelo com a cena em questão, é possível depreender uma representação metafórica do próprio país e de seus cidadãos: mesmo em uma situação de extrema adversidade na qual sua humanidade é posta em jogo, são incapazes de reagir ativamente em prol de seus destinos. A cena, portanto, sugere a mesma ideia de submissão, incapacidade e passividade comumente relacionada ao país.

Por outro lado, se analisarmos a representação dos haitianos que já vivem no Brasil, nos deparamos com uma rede criminosa que se parece à uma máfia. Nesse sentido, a série contempla as duas principais imagens atribuídas aos haitianos, tratadas no primeiro subcapítulo deste capítulo. A primeira, de passividade e incapacidade ante a tragédia social que os persegue, está mais intimamente ligada aos discursos produzidos acerca do Haiti, também ressaltados no segundo capítulo. A segunda, por sua vez, se aproxima mais das constantes insinuações de que os imigrantes, ao não conseguirem emprego, podem acabar “caindo na ilegalidade”.

Na sequência, como demonstra a Imagem 52, os dois sócios brigam e Jean Claude acaba esfaqueado. É importante ressaltar que o valor que Jean Claude afirma que cada imigrante paga pelo transporte é de fato o valor quase sempre noticiado pela mídia como o que os coites cobram pela travessia, o que confere verossimilhança, apesar do transporte representado não corresponder à realidade. Jean Claude cai “morto” no porão.

Imagem 52: Briga entre Jean Claude e Christian. Fonte: *O caçador* em Globo Show¹⁵⁹.

Finalmente, Christian, que está parado próximo à abertura do porão, é puxado para baixo e assassinado pelos haitianos, em sua primeira e única reação. Essa cena de vingança e punição se constrói sobre uma poderosa base simbólica dantesca que demoniza os indivíduos em questão. Na construção do imaginário místico voduísta apresentada ao longo do capítulo é possível estender a cena à ideia de selvageria.

Imagem 53: Imigrantes haitianos matam Jean Claude. Fonte: *O caçador* em Globo Show¹⁶⁰.

¹⁵⁹ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/3291659/>. Acesso em 30 de março de 2017.

Imagem 54: Imigrantes haitianos matam Jean Claude 2. Fonte: *O caçador* em Globo Show¹⁶¹.

Por último, consideramos fundamental destacar que não encontramos nenhum ator haitiano trabalhando no capítulo. Apenas encontramos informações sobre três personagens¹⁶²: Jean Claude, que é interpretado por Fredy Costa, um ator angolano; o intérprete, interpretado por Tommy Germain, camaronês; e o médium vodu, interpretado por Christovam Neto, brasileiro. Tal qual no caso da série *Malhação*, analisado no subcapítulo anterior, a opção por atores de outras nacionalidades para interpretar haitianos pode indicar: irrelevância da nacionalidade devido à transposição da raça; ofuscamento dos atores haitianos; e maior flexibilidade de atores não-haitianos para reproduzir imagens estereotipadas e inverossímeis acerca do Haiti e dos haitianos.

No próximo subcapítulo optamos por analisar uma matéria, exibida no programa *Fantástico*, que aborda a questão do preconceito.

3.4 Fantástico: “Nada mais brasileiro do que abrir-se à mistura e ao que os outros povos podem nos trazer de bom”

No ano de 2015 nos deparamos com uma matéria, exibida pelo *Fantástico* no dia 19 de julho de 2015, cuja abordagem parece, a princípio, mais aberta à fala dos haitianos, diferentemente da maioria das reportagens e notícias sobre a presença dessa diáspora no

¹⁶⁰ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/3291659/>. Acesso em 30 de março de 2017.

¹⁶¹ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/3291659/>. Acesso em 30 de março de 2017.

¹⁶² Ver, ademais: <http://falandotudo.com/index.php/globo-convida-atores-da-africa-para-o-elenco-de-o-cacador/>. Acesso em 1 de abril de 2017.

Brasil¹⁶³. Na mesma semana, segundo consta na introdução da reportagem no programa, a chefe de governo alemã, Angela Merkel, se reuniu com jovens estudantes e o tema da imigração foi abordado por uma menina imigrante. O acontecimento serve como prelúdio para falar sobre *“meninos e meninas que fugiram do Haiti com suas famílias e agora vivem em nosso país”*, nas palavras da apresentadora.

Após uma breve introdução que obedece ao enquadramento de fuga explicado por Cogo e Silva (2016)¹⁶⁴, o repórter vai à Missão Paz, em São Paulo, conversar sobre o número de haitianos que passaram por ali (Imagem 55).

Imagem 55: Padre Paolo Parise fala sobre o número de haitianos que passaram pela Missão Paz. Fonte: *Fantástico no Globo Play*¹⁶⁵.

Os primeiros haitianos entrevistados são um casal cuja filha possui 1 ano de idade. A esposa não fala português e o jornalista explica que *“a língua é a grande barreira de adaptação. Os filhos aprendem o português muito antes dos pais.”*, embora consideremos que para além do idioma, há barreiras mais difíceis a serem enfrentadas, como o preconceito (também empregatício, entre outros), que será abordado na matéria. Se perceberá mais tarde que há uma clara intencionalidade de apresentar o idioma como a maior barreira em detrimento do preconceito, que é subestimado, tal qual observamos nas notícias dos telejornais analisados no primeiro subcapítulo.

Em seguida, o jornalista vai à casa de Robert Delice, um haitiano que vive em São Paulo. *“Professor de matemática no Haiti, em São Paulo ele conseguiu emprego de operário,*

¹⁶³ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/4332673/>. Acesso em 1 de abril de 2017.

¹⁶⁴ Por exemplo, as falas do jornalista: *“Os filhos a tiracolo, a mala na cabeça, e sobre as costas o peso imenso de uma tragédia.”* e *“Depois do terremoto de 2010, que matou 230 mil pessoas e deixou 1 milhão e meio de desabrigados, 56 mil haitianos já emigraram para o Brasil segundo o Ministério da Justiça. A maioria entra no país pelo Acre e segue de ônibus para estados do sul e do sudeste.”*

¹⁶⁵ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/4332673/>. Acesso em 1 de abril de 2017.

mas não gostou do que viu.”. “Encontro muitas injustiças. Muitos brasileiros ou brasileiras consideram os haitianos nas empresas como escravos.”, afirma Robert.

Narração: “A mulher dele trabalhou seis meses numa fábrica e foi demitida sem ganhar um tostão. Sem falar nossa língua, ela nem sequer conseguiu reclamar com o patrão que a explorou.(...) Embora se sinta discriminado no Brasil, Robert diz que as duas filhas pequenas foram acolhidas na escola sem problema algum.”.

Apesar dessa adversidade encontrada pelo casal, perdura a visão esperançosa na ausência de constatação de preconceito pelas filhas:

Imagem 56: Robert fala que filhas não conheceram a discriminação. Fonte: *Fantástico no Globo Play* ¹⁶⁶.

Na segunda parte da matéria, o jornalista vai à uma escola estadual em Guaianases, zona leste de São Paulo, conhecer duas irmãs gêmeas haitianas. Abordando seu cotidiano na escola, mostram dois meninos também haitianos. Um deles, Kevens, é apresentado pela narração do jornalista: “*Kevens tem 7 anos. Futebol fascina o garoto. No Haiti, a imaginação inventava a bola que ele não tinha*” (Imagem 57). O menino explica: “*Pega a pedra no chão e é só chutar... Aí quando doer... Não sei o que fazer. Aqui dá pra jogar com bola.*”. Ao longo da reportagem, há sempre uma alternância temática entre a menção do preconceito e a exposição de uma realidade melhor do que a do Haiti.

Imagem 57: Imagens mostradas enquanto o jornalista fala sobre Kevens. Fonte: *Fantástico no Globo Play* ¹⁶⁷.

¹⁶⁶ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/4332673/>. Acesso em 1 de abril de 2017.

Posteriormente, o jornalista afirma que “*se há aprendizagem, há também retribuição.*” ao mostrar uma das gêmeas ensinando as colegas brasileiras a falar francês. A “*retribuição*” mostrada está ligada à ideia de que os haitianos precisam ser gratos aos brasileiros, como mencionamos no subcapítulo anterior.

A última parte da matéria mostra crianças em Santa Catarina. A escolha do enfoque de crianças matriculadas em escolas estaduais sendo muito bem recebidas e acolhidas indica um apelo sentimental (como mencionaremos mais detalhadamente no próximo subcapítulo, a utilização da imagem de crianças é um apelo à sensibilização do telespectador) que busca manifestar a existência de uma hospitalidade real dos brasileiros. A alternância entre essa temática e as condições de vida precárias no Haiti, não obstante o tangenciamento do tema do preconceito, nega, discursiva e imagéticamente, a discriminação sofrida pelos haitianos em diáspora. A própria abordagem do preconceito enquanto eixo central da reportagem, perceptível pela chamada do vídeo (Imagem 58), acrescida desse discurso positivo de receptividade brasileira, acaba por desconstruir a ideia de discriminação e sustentar a noção de democracia racial. É importante salientar que a reportagem é do ano de 2015, momento em que inúmeras manifestações de discriminação e xenofobia eram testemunhadas.

Imagem 58: Chamada de vídeo no website. Fonte: *Fantástico* no Globo Play¹⁶⁷.

Narração: “Blumenau foi fundada por imigrantes alemães (...). Quase todas as crianças que estudam aqui vêm de famílias que no passado viveram as privações e dificuldades da adaptação num país estranho. A experiência radical do encontro de culturas diferentes está de volta à Blumenau. As colegas que vieram de longe são as estrelas da aula de geografia.” (Imagem 59).

Imagem 59: Receptividade de meninas haitianas na escola em Blumenau. Fonte: *Fantástico* no Globo Play¹⁶⁹.

¹⁶⁷ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/4332673/>. Acesso em 1 de abril de 2017.

¹⁶⁸ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/4332673/>. Acesso em 1 de abril de 2017.

O discurso do jornalista nivela a imigração haitiana e a imigração alemã do passado, fazendo crer que não há diferenças significativas de contexto ou receptividade/desejabilidade. Ao afirmar que os imigrantes alemães também “*viveram as privações e dificuldades da adaptação num país estranho*”, naturaliza qualquer tipo de entrave pelo qual os haitianos em diáspora estejam passando. Por outro lado, ao sugerir grande receptividade das meninas na escola, reforça a ideia de que não existe preconceito. Tratando-se de uma cidade de descendência predominantemente alemã, é difícil não pensar na questão racial. Ao retratar a harmonia entre essas crianças negras haitianas e crianças brancas de ascendência alemã, ignorando qualquer tipo de tensão, a reportagem novamente resgata a ideia de democracia racial. Na mesma cena:

Narração: De viajar Gine entende. Saiu de Les Cayes para a capital Porto Príncipe, dali para o Panamá, depois Venezuela. Entrou no Brasil por Manaus, foi à Brasília e São Paulo, até chegar a Blumenau, onde encontrou uma escola diferente da que conhecia.

Gine: A gente faz mais prática.

Jornalista: Mais prática, é? Você gosta mais?

Gine: Sim.

Jornalista: E os coleguinhas? Você fez muitos amigos aqui?

Gine: Sim.

Narração: Hadassa achou demais ter uma colega poliglota.

Hadassa: Eu pedi pra Gine me ensinar falar espanhol, que eu acho incrível, assim, muito legal.

Jornalista: Ela fala espanhol, fala francês e ainda fala português, né?

Hadassa: É, né... Que é difícil, né?

Jornalista: É difícil, né? Francês então...

Narração: Sem contar as novas brincadeiras importadas do Haiti que Eveline (outra colega haitiana) ensinou.

Hadassa: Ela é uma menina muito legal, ela é muito esperta, muito bagunceira (sobre Eveline). (...)

O diálogo com as crianças haitianas, complementado pela narração, contribui para a ideia de que a vida no Brasil é melhor do que no Haiti, enquanto que o diálogo com Hadassa exacerba a amabilidade e hospitalidade brasileiras. Em seguida, o jornalista vai à casa de Eveline conversar com seu pai, Dioufort. O jornalista narra que “*ao contrário do que lhe disseram, não encontrou um pinga de resistência na colônia alemã.*”, e Dioufort completa:

¹⁶⁹ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/4332673/>. Acesso em 1 de abril de 2017.

Imagem 60: Dioufort fala que não conhece discriminação. Fonte: *Fantástico no Globo Play* ¹⁷⁰.

Em outra cena, crianças haitianas são mostradas participando das tradicionais danças alemãs, em uma expressão de sua integração à comunidade local (Imagem 61).

Imagem 61: Crianças haitianas participam das tradições alemãs. Fonte: *Fantástico no Globo Play* ¹⁷¹.

A matéria se encerra com as falas da professora Mariana Gonzales, do jornalista e do Padre Paolo Parise, da Missão Paz, enquanto são passadas cenas de carinho entre brasileiros e haitianos (Imagens 62, 63 e 64):

Mariana Gonzales: “Nós temos no Brasil essa multiculturalidade, esse multiculturalismo, que pode ser somado e que pode contribuir muito mais, não precisamos nos fechar.”.

Jornalista: “Nada mais brasileiro do que abrir-se à mistura e ao que os outros povos podem nos trazer de bom.”.

Padre Paolo Parise: “A identidade cultural é dinâmica, é feita através de encontros, trocas. Esse povo, acho que traz um orgulho de se ter libertado da escravidão, aquele olhar otimista, ele sempre vê uma solução, sempre aposta no futuro.”.

¹⁷⁰ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/4332673/>. Acesso em 1 de abril de 2017.

¹⁷¹ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/4332673/>. Acesso em 1 de abril de 2017.

Imagem 62: Professora abraça aluna haitiana. Fonte: *Fantástico no Globo Play*¹⁷².

Imagem 63: Alunos brasileiros e haitianos se abraçam. Fonte: *Fantástico no Globo Play*¹⁷³.

Imagem 64: Alunas brasileiras beijam aluna haitiana. Fonte: *Fantástico no Globo Play*¹⁷⁴.

¹⁷² Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/4332673/>. Acesso em 1 de abril de 2017.

¹⁷³ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/4332673/>. Acesso em 1 de abril de 2017.

¹⁷⁴ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/4332673/>. Acesso em 1 de abril de 2017.

A noção geral da suposta existência de uma harmonia e da inexistência significativa de discriminação ofusca pautas fundamentais reclamadas pelos haitianos em diáspora no Brasil, como o inesperado preconceito racial. A abertura à fala dos haitianos é tendenciosa e seleciona, de modo geral, visões otimistas que subestimam a discriminação. Consideramos importante salientar que no ano de 2015 houve diversos ataques a haitianos, com clara conotação xenófoba, o que denuncia a matéria como pouco fidedigna ou enviesada¹⁷⁵.

No último subcapítulo analisaremos a matéria exibida no programa *Caldeirão do Huck*, no ano de 2016.

3.5 *Caldeirão do Huck: “E, então, Dona Irení, o filho caçula dela foi pra guerra?”*

No dia 16 de julho de 2016, a Rede Globo exibiu uma matéria gravada em Porto Príncipe, capital haitiana, na qual o apresentador Luciano Huck entrevistava alguns soldados brasileiros da MINUSTAH e visitava *Cité Soleil*, a já citada comuna nos arredores da cidade, foco da chamada “pacificação” gerida pelas tropas brasileiras¹⁷⁶. A matéria, rodada no contexto da já mencionada discussão sobre a retirada das tropas do Haiti, gerou várias repercussões entre os haitianos em diáspora no Brasil, que se demonstraram, de modo geral, bastante incomodados pela abordagem e perspectiva do Haiti apresentadas pelo programa¹⁷⁷.

Ao introduzir a matéria no programa *Caldeirão do Huck*, o apresentador fala sobre a viagem, uma das mais marcantes de sua vida, a esse país geograficamente próximo ao Brasil, “*mas que parece muito distante (...), distante no que a gente considera ideal e justo pras pessoas no mundo*” – explica Huck:

Eu tô falando do Haiti. Um país que foi castigado por um terrível terremoto, alguns golpes de estado ao longo da sua história... Esse turbulento país caribenho tava à beira de uma guerra civil em 2004 quando o Conselho de Segurança da ONU decidiu intervir no Haiti com a missão de paz. E essa missão de paz é comandada pelo Brasil desde o começo, que envia um enorme contingente militar brasileiro ao longo desses anos todos, já foram 23 batalhões, e, a convite do exército brasileiro, o caldeirão, eu, fui até o Haiti conhecer de perto o trabalho do Brasil na ajuda da reconstrução do Haiti e no processo de paz.

¹⁷⁵ Ver, por exemplo: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2015/08/haitianos-sao-alvo-de-ataque-no-centro-de-sao-paulo.html> e <http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/xenofobia-se-converte-em-agressoes-contra-imigrantes-haitianos-ef4atki1925lz2d0e34rtiudq>.

¹⁷⁶ Disponível em: <http://globoplay.globo.com/v/5169431/>. Acesso em 16 de fevereiro de 2017.

¹⁷⁷ Alguns haitianos residentes em Curitiba fizeram um vídeo em resposta à matéria, disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/5168481/> (acesso em 2 de abril de 2017). Diante disso, o apresentador convidou o grupo de haitianos para o programa do dia 16 de julho de 2016, para que pudessem falar sobre sua visão do Haiti. O vídeo está disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/5169418/>. Acesso em 2 de abril de 2017.

Tal preâmbulo servirá como um apanhado do que a matéria mostrará, e sintetiza três pontos fundamentais que, como demonstraremos, estarão presentes influenciando o olhar do espectador. O primeiro diz respeito à tragicidade frequentemente vinculada ao Haiti, por meio do discurso e das imagens. O segundo, diretamente associado ao primeiro, consiste na apresentação de uma imagem acerca do Haiti como um país instável e “turbulento” que, conseqüentemente, carece de intervenções internacionais que supostamente visam estabilizá-lo, infantilizando-o. A própria escolha de Luciano Huck pelo verbo “decidir”, ao se referir à intervenção do Conselho de Segurança da ONU, transparece e insufla a ideia de que se trata disso, uma decisão externa que nada deve depender do governo ou do povo haitianos. O terceiro ponto situa o Brasil como um heroico colaborador dessa finalidade. Como se perceberá mais adiante, essa imagem do Brasil será respaldada pelas histórias pessoais dos militares que, segundo se busca evidenciar, abrem mão do convívio com suas famílias para ajudar o Haiti, no que parece ser um admirável altruísmo.

A matéria propriamente dita, que se divide em três seções principais (um panorama da história haitiana, a explicação do papel do exército brasileiro na MINUSTAH e o retrato das histórias dos militares brasileiro no país), se inicia com a imagem da bandeira haitiana seguida de algumas imagens da capital, ao som da introdução instrumental da música “Haiti”, de Caetano Veloso. Antes de Caetano Veloso começar a cantar, Huck, vestido com a farda e o capacete azul do exército brasileiro da MINUSTAH, diz: “*como diria a música, o Haiti é aqui*” (imagem 65). Na sequência, a música editada é cortada para o refrão “*pense no Haiti, reze pelo Haiti. O Haiti é aqui...*” e acompanha imagens de Porto Príncipe e dos carros-patrolha da MINUSTAH. A canção, ao contrário do que fica parecendo, evoca o Haiti e sua carga simbólica para falar sobre o Brasil e as contradições que aqui pairam sobre a questão racial, diretamente vinculada a aspectos socioeconômicos.

Imagem 65: Luciano Huck sobre carro-patrolha. Fonte: Caldeirão do Huck no Globo Play¹⁷⁸.

Luciano Huck, uniformizado sobre um dos carros-patrolha, explica que o Haiti é o país mais pobre das Américas segundo o Índice de Desenvolvimento Humano e que apresenta uma forte instabilidade política e uma violência urbana enorme, introduzindo a fala do jornalista e escritor Eduardo Bueno sobre a história haitiana, a quem o apresentador atribui o status de “*manjar muito de história*”. Algo que notamos em diversos produtos midiáticos analisados ao longo deste trabalho é a apresentação enviesada de certo Haiti ao telespectador, justificando a relevância da pormenorização dos aspectos salientados, em cada um dos casos, como contributivos na construção de imagens enviesadas sobre o país. Neste caso, por se tratar do ano de 2016 e, portanto, a presença haitiana já ter sido amplamente tratada e assimilada, poderíamos esperar que a história haitiana fosse apresentada de modo menos superficial. No entanto, Bueno a sintetiza em 1 minuto e 45 segundos, dividindo-a em três períodos: a) colonização e independência, b) duvalierismo e c) terremoto.

- a) O primeiro período é apresentado de modo genérico e sem contemplar as particularidades da colonização do país. Inicia seu panorama com a descuidada afirmação de que “*O Haiti, na verdade, já entra no curso do que nós chamamos de história na chamada descoberta da América.*”. Segundo essa informação, já haveria um Haiti quando os colonos chegaram nessas terras, o que não é verdade. Cita, em seguida, o extermínio das populações autóctones, que denomina “*tribos*”, como mais uma entre tantas: “*Todas as tribos do Caribe, não só do Haiti, foram dizimadas pela escravização e pelas doenças trazidas pelos europeus.*”. Em seguida, dá um salto para o período de produção

¹⁷⁸ Disponível em: <http://globoplay.globo.com/v/5169431/>. Acesso em 17 de fevereiro de 2017.

açucareira, sem em nenhum momento mencionar a mudança do domínio espanhol para o francês: “*Depois que eles foram dizimados, se inicia o grande ciclo, o horrível ciclo, da lavoura canavieira no Haiti, né, o pó branco que vicia, né, o açúcar*”, e conclui com a frase: “*e pra plantar e operar vieram os negros africanos.*”, em cujo verbo empregado (“vieram”) sugere uma opção em lugar de um sequestro, o que, aliado à utilização de “*negros africanos*” em lugar de “escravos” ou “escravizados”, ofusca e negligencia essa categoria de escravidão¹⁷⁹. Sobre a independência, prossegue:

Só que daí a história dá uma guinada incrível, há uma grande revolução de escravos liderada pelo chamado jacobino negro, Toussaint Louverture, que bota fogo em todos os canaviais, lidera uma revolta de escravos e toma o poder, [o Haiti] se torna um país independente em 1804.

O jornalista reduz em uma frase de 15 segundos um dos maiores marcos da história latino-americana, cuja importância já foi mencionada ao longo de todo o texto, demonstrando certo descaso. Comparativamente com os outros fatos citados, esse é ao que Bueno dedica menos tempo.

- b) Ignorando um período fundamental de aproximadamente 153 anos de história por meio do qual seria possível elucidar alguns dos fatores que contribuíram para o empobrecimento e desestabilização política do Haiti, Eduardo Bueno salta para a ditadura duvalierista:

Mais de 100 anos depois, um dos piores e mais horríveis ditadores do mundo, o François Duvalier, o chamado Papa Doc, toma o poder no contexto da Guerra Fria, 1957, apoiado pelos Estados Unidos, e inicia uma ditadura horrorosa, das piores ditaduras que o Novo Mundo, que é a América, já viu, e olha que a América viu muitas.”

A opção por citar a ditadura duvalierista como um dos três períodos fundamentais para a compreensão da história haitiana, acrescida de sua exacerbação ao colocar Papa Doc, em um primeiro momento de sua fala, como um dos piores ditadores do mundo e sua posterior ênfase, como uma das piores ditaduras, entre tantas, da América, podem ser indicativas de dois aspectos. O primeiro deles é que, no restrito campo de informação difundido sobre o Haiti pelas mídias brasileiras, é possível constatar a presença de notícias sobre o duvalierismo, conferindo-lhe um caráter emblemático para a população

¹⁷⁹ Em contrapartida, ao se referir aos povos autóctones o jornalista menciona a escravização.

brasileira. Nesse sentido, a menção desse período efetivamente trágico e marcante, pode se relacionar com o fato de que a mídia brasileira se restringe a noticiar apenas episódios negativos da história haitiana. O segundo aspecto se relaciona ao juízo de valores empregado pelo jornalista, uma vez que uma categorização das ditaduras e dos ditadores seria arbitrária e carente de critérios palpáveis. Continua: *“Papa Doc morre e é substituído pelo Baby Doc (risada sarcástica), parece uma piada, é o filho dele, e a corrupção, a violência, a ladroagem, tudo continua.”*. Nesse segundo momento, Bueno ironiza a situação política do país reforçando o caráter trágico comumente vinculado a ele e a passividade haitiana.

- c) O terceiro momento evidenciado também consiste em uma tragédia que recorre ao senso comum no que se refere à informação acerca do Haiti, uma vez que foi bastante divulgado pela mídia: *“É uma história trágica cujo a cereja do bolo na tragédia é esse recente terremoto de 2010, né, que destruiu Porto Príncipe, que destruiu boa parte do país.”*. Conclui seu sucinto panorama da história haitiana assumindo para o Brasil uma carga de responsabilidade perante o país, pautando-se no confuso argumento do colonialismo europeu, o que parece nos incluir na categoria de europeus:

E é o seguinte, cara, o Haiti é fruto do processo colonialista da Europa sob a América, então todos nós (ênfase) temos responsabilidade sobre o Haiti. As desgraças do Haiti não nasceram ali, entendeu? Foram levadas pra lá.

A sugestão de uma incumbência brasileira de fazer algo pelo Haiti, localizada estrategicamente no desfecho, se fundamenta nas adversidades ressaltadas ao longo de seu discurso, discurso esse que se respalda em um suposto embasamento teórico de um indivíduo apresentado como especialista. A introdução por um “especialista” da história haitiana e a subsequente e conclusiva afirmação de que o Haiti é responsabilidade de todos, servirão como aspectos norteadores da matéria, direcionando o olhar do espectador a, concomitantemente, infantilizar o país caribenho e exaltar a “heroica” presença das tropas brasileiras.

Após essa introdução histórica, Luciano Huck explica que foi ao Haiti conhecer o trabalho e as histórias dos soldados brasileiros, entre imagens do apresentador e imagens do

país. As imagens alegoricamente selecionadas para serem exibidas na matéria são de extrema importância nesta análise, uma vez que trabalham em conjunto com os discursos para reforçar os três pontos mencionados no início do subcapítulo, convergindo para uma visão alarmista da situação. A matéria se concentra, como se verá, em dois tipos de imagens: do batalhão e seus militares e de um Haiti destruído e miserável.

Imagem 66: Luciano Huck com militares brasileiros em Porto Príncipe. Fonte: Caldeirão do Huck no Globo Play¹⁸⁰.

A segunda seção da matéria se inicia com uma entrevista ao comandante do 23º Batalhão brasileiro, Coronel Ricardo Pereira. Em um carro-patrolha, lhe pergunta sobre a relação entre o exército e a população haitiana. “*É excelente,*” – afirma – “você vai ter a oportunidade de ver, desde 2004 quando nós chegamos, se construiu uma relação de confiança. Então, por exemplo, nós temos situações em que a gente vai entrar em determinadas áreas e eles pedem pra que se a polícia entrar, entrar com a gente.”. Luciano esclarece: “*Quer dizer, o exército brasileiro aqui, a força de paz da ONU, é mais, tem mais tolerância da população do que a polícia local.*”. Corte para a fala do coronel:

O BRABAT né, como a gente chama, que é o batalhão, brazilian battalion, tem dois grandes braços. Um atua na capital principalmente, ou em qualquer lugar da ilha em emergência, e o outro, tem uma favela chamada *Cité Soleil*, que é cheia de gangue (Imagem 67), já foi considerada pela ONU o local mais perigoso do mundo, e que nós controlamos e pacificamos essa favela.

Luciano pergunta se então está pacificada, e ele responde “*tá pacificada no momento, mas é uma coisa altamente instável (imagens de perseguição em Cité Soleil).*”.

¹⁸⁰ Disponível em: <http://globoplay.globo.com/v/5169431/>. Acesso em 17 de fevereiro de 2017.

Imagem 67: Imagem panorâmica de Cité Soleil. Fonte: Caldeirão do Huck no Globo Play¹⁸¹.

O fato de a matéria se focar, no que se refere à atuação das tropas brasileiras, na pacificação de uma favela, recorre à ideia de violência e precariedade comumente associada às favelas brasileiras. A utilização do termo “*favela*” resgata, portanto, em uma semântica específica do contexto brasileiro, um conjunto de características que supostamente a define. Tais características apresentam uma conotação negativa, o que é possível perceber tanto pelo destaque da emergência de intervenção no local, ressaltado pela enfática imagem de uma atuação heroica e louvável dos soldados brasileiros no Haiti, quanto pelas imagens selecionadas para retratá-la, como se verá mais adiante. Essa associação, aliada à produção da imagem heroica acerca da pacificação, facilitam a assimilação das intervenções militares que ocorreram ou podem vir a ocorrer no Brasil.

A exibição de algumas imagens de perseguição cedida pelo exército brasileiro, com uma música tensa de fundo, a priori atribui simultaneamente um tom alarmante de periculosidade local e de assertividade por parte dos militares. No entanto, basta um olhar minimamente cuidadoso para notar que nenhuma das cenas mostra um comportamento que aparentemente justificasse o acometimento dos militares brasileiros. As quatro cenas das investidas do exército brasileiro, ainda que fossem parte de operações ou investigações (e o que nos é relevante é analisar o que foi mostrado), consistiam em: soldados munidos de armas de guerra perseguindo um haitiano desarmado (Imagem 68); soldados abrindo um pacote que parece conter alguma droga (Imagem 69); uma arma sobre uma cama (Imagem 70); e haitianos de costas contra uma parede, aparentemente sendo revistados (Imagem 71).

¹⁸¹ Disponível em: <http://globoplay.globo.com/v/5169431/>. Acesso em 17 de fevereiro de 2017.

Imagem 68: Perseguição em Cité Soleil. Fonte: Caldeirão do Huck no Globo Play¹⁸².

Imagem 69: Soldados abrindo pacote em Cité Soleil. Fonte: Caldeirão do Huck no Globo Play¹⁸³.

Imagem 70: Arma sobre cama em Cité Soleil. Fonte: Caldeirão do Huck no Globo Play¹⁸⁴.

¹⁸² Disponível em: <http://globoplay.globo.com/v/5169431/>. Acesso em 17 de fevereiro de 2017.

¹⁸³ Disponível em: <http://globoplay.globo.com/v/5169431/>. Acesso em 17 de fevereiro de 2017.

Imagem 71: Haitianos sendo revistados em Cité Soleil. Fonte: Caldeirão do Huck no Globo Play¹⁸⁵.

As imagens isoladas de drogas e de uma arma, muito embora sirvam para contextualizar a atuação do exército brasileiro, não explicitam um flagrante. No entanto, são suficientes para estabelecer um vínculo simbólico com atividades criminosas que poderiam estar ocorrendo em *Cité Soleil*. Pereira segue com algumas informações numéricas sobre o contingente brasileiro e Huck chega à sede do BRABAT para entrevistar o General Ajax, responsável por toda operação militar da ONU no Haiti, composta por dezenove países.

Luciano pergunta qual é de fato a função desempenhada pelo general no Haiti, que responde:

Eu comando todas as tropas militares do Haiti, são 2370 militares hoje, são 10 quartéis espalhados em três cidades, inclusive um hospital, que é argentino, duas unidades de aviação, uma de Bangladesh, com helicópteros russos, e uma chilena com helicópteros americanos. Isso aqui é uma Torre de Babel total.

Na fala do general, é possível constatar alguns aspectos acerca da MINUSTAH que já foram salientados no primeiro capítulo, mas que agora nos interessam no âmbito simbólico para a análise do discurso construído pela mídia brasileira. Primeiramente, o protagonismo do Brasil, encarnado na figura do general que comanda toda a operação e, logo, as tropas de dezenove países diferentes, inclusive estadunidenses. O status que se confere ao Brasil está associado ao próprio status que a ONU comumente ocupa no imaginário de alguns espectadores. Em outras palavras, a confiança da ONU no Brasil ao designá-lo tamanha responsabilidade confere legitimidade e reforça a importância internacional deste país para um significativo grupo de telespectadores. Em segundo lugar, o reforço da necessidade

¹⁸⁴ Disponível em: <http://globoplay.globo.com/v/5169431/>. Acesso em 17 de fevereiro de 2017.

¹⁸⁵ Disponível em: <http://globoplay.globo.com/v/5169431/>. Acesso em 17 de fevereiro de 2017.

haitiana de tutoria internacional¹⁸⁶.

A exaltação midiática do Brasil ante o Haiti, centrada na MINUSTAH, é fundamental para entender as relações que se darão entre brasileiros e haitianos em diáspora no Brasil. Paralelamente à construção de uma imagem extremamente negativa do país caribenho, que, como ressaltamos ao longo desta dissertação, se traduz e se complementa a partir de determinados fatores socioeconômicos que no Brasil estão associados à população negra (pobreza, criminalidade, precariedade, falta de qualificação profissional etc.), há, portanto, uma exacerbação do Brasil como país central no suposto reestabelecimento da paz no Haiti. Essas duas imagens contribuem conjuntamente para a criação de uma hierarquia que situa o Brasil e, por conseguinte, os brasileiros, como superiores ao Haiti e aos haitianos. Se, por um lado, os haitianos são comparáveis ao mais baixo estrato da sociedade brasileira, os negros, o Haiti é, por outro, um conveniente exemplo de uma nação que, majoritariamente negra, falhou e carece, por conseguinte, de interferência internacional. Essa ideia reforça indiretamente o próprio racismo institucional na sociedade brasileira, afetando tanto os haitianos no Brasil quanto os negros brasileiros.

A utilização da expressão “*Torre de Babel*” pelo general Ajax, para designar o Haiti, em si mesma, pode sugerir a ideia de que o país é uma grande confusão. Huck segue: “*São 16 missões de paz no mundo, se eu não me engano. Por que a ONU implantou uma missão de paz no Haiti, numa ilha no Caribe, tão perto das Américas, por que vocês tão aqui?*”. Nesse trecho o apresentador se equivoca ao não incluir o Haiti como parte das Américas, o que pode ter a ver com a pouca informação que se tem acerca do país, fazendo crer que ele não faz parte do mesmo continente. Ajax responde:

Quando nós chegamos em 2004, as primeiras tropas, o Haiti estava mais uma vez à beira de uma guerra civil. Aqui são 10 departamentos, 10 estados. Desses 10 estados, em torno de 6 a 7 capitais estavam sob controle a comando de rebeldes, e eles estavam prestes a vir para a capital para derrubar o governo, então o país estava à beira de uma guerra civil e de uma violência incontrolável.

O trecho reitera a suposta infantilidade política dos haitianos, passíveis de tutoria internacional, e, quando complementado com a subsequente retrospectiva das consequências do terremoto mostradas por meio de matérias do ano de 2010, ademais da constante retratação de um panorama atual mais ameno diretamente associado à presença da MINUSTAH, servirá para complementar a imagem positiva da intervenção internacional no país. Ademais, sob uma análise mais acurada que leve em consideração o histórico de intervenções estrangeiras

¹⁸⁶ Além desses dois aspectos mencionados no capítulo anterior, é possível notar na fala do general a presença majoritária do que Seguy (2014) chama de “exércitos oriundos de formações sociais capitalistas já periféricos” (p.74).

no país sob a justificativa de instabilidade política, é possível inferir dois aspectos “não ditos” do discurso: a) a utilização da expressão “*mais uma vez*” revela que a presença estrangeira ao longo de anos nunca solucionou a questão, uma vez que esta não visa efetivamente amenizar o quadro socioeconômico do país, mas garantir os interesses internacionais; e b) a ideia de que na ausência estrangeira o país se desestabiliza e retorna a um estado caótico, tal qual uma criança que fica desgobernada longe do olhar dos pais.

Na sequência, são passadas algumas matérias e notícias antigas, do ano de 2010, sobre o terremoto, com imagens da região afetada em situação de emergência. O general explica um pouco da rotina pós-terremoto, que consistia em ajuda humanitária na parte da manhã e:

A partir das 14 horas, o mesmo soldado que estava entregando gêneros, ele se equipava, colocava colete, capacete, fuzil e ia caçar as gangues que tinham fugido no terremoto. No terremoto todos eles foram liberados, o país liberou... Abriram as cadeias porque se não eles morreriam dentro das cadeias.

Huck completa: “*Então, quer dizer, soltaram todos, todos os prisioneiros foram soltos.*”. É notável que entre tantos detalhes que pudessem ser ressaltados a respeito do terremoto, em um tempo tão curto dedicado a tratar do assunto, opte-se por inteirar o espectador sobre a soltura dos prisioneiros do sistema carcerário. Essa opção não é disparatada e reflete um direcionamento do olhar do espectador a pensar a missão brasileira como mantenedora da ordem, bem como a legitimar o trabalho ali executado pela ONU em um quadro que se agravou após o desastre, não somente por desprover ainda mais o país de recursos estruturais e de infraestrutura, mas também de seguridade. Novamente o Haiti é mostrado como terra sem lei.

Luciano agradece e explica que agora irá “*mostrar a vida com farda e a vida sem farda*” de alguns soldados. Inicia-se a terceira parte da matéria: entrevistas de cunho pessoal com diversos militares e o posterior acompanhamento da equipe do programa à chegada desses ao Brasil. Como já foi dito anteriormente, o ingresso temático no âmbito pessoal dos militares heroifica sua participação na missão. Isso ocorre, primeiramente, a partir da aproximação que se logra entre espectador e personagem quando se produz, por meio de relatos envolvendo majoritariamente aspectos familiares, uma identificação. Ou seja, o espectador se identifica com o soldado, que deixa de ser, metonimicamente falando, um uniforme e passa a ser humanizado por meio dos relatos de suas vivências, que se interseccionam com as vivências do primeiro. Ao ver-se, de certa forma, refletido naquela figura, desenvolve um sentimento de empatia. Essa identificação não pode ser subestimada, pois é um dos mais eficazes instrumentos utilizados pela mídia para direcionar o olhar, primeiro para si mesmo e, a partir daí, para um propósito específico.

Sobre essa terceira seção da matéria, ademais da visão geral acima exposta, consideramos importante comentar algumas passagens especialmente relevantes. Em primeiro lugar, o diálogo sobre a mãe do soldado Brian:

Huck: “E, então, Dona Irení, o filho caçula dela foi pra guerra?”.

Brian: “É isso aí. É o orgulho da família.”.

Huck: “E dona Irení não tá desesperada?”.

Brian: “Tá louca pra me ver.”.

Huck: “Ela não fica preocupada?”.

Brian: “Ah, preocupação de mãe, né...”.

A errônea ideia de que o Haiti está em guerra atribui ainda mais violência ao contexto do país, acrescida da insistência do apresentador, mesmo ante as respostas do soldado que contribuírem para a desmistificação da afirmação do primeiro, em sobressair uma suposta insegurança no local.

Em segundo lugar, a ênfase dada ao longo de toda a seção aos militares que possuem filhos e perderam, por estarem no Haiti, diversos momentos de suas infâncias (nascimento, primeiros passos, convivência etc.), em contrapartida do enfoque dado para as crianças haitianas e sua relação com os militares, que trataremos a seguir.

Em uma mesa com vários militares o apresentador pergunta a um deles: “*Você já tinha visto pobreza que nem cê já viu aqui, não?*”. O soldado responde que “*não, que nem aqui não.*”. Na sequência, alternadamente com recortes de uma matéria exibida no programa *Globo Cidadania* do dia 16/02/2013, Luciano insiste no tema e notadamente o incentiva, uma vez que não permite flexibilidade ou abertura no percurso dialético: “*Pobreza que vocês tavam acostumados a ver no Brasil, aqui é muito pior?*”. Respondem que sim. “*Muito pior? Não se compara? (reforçando o que alguns militares dizem em voz baixa)*”. São mostradas algumas cenas provavelmente exibidas no mesmo *Globo Cidadania* (Imagens 10 e 11)¹⁸⁷.

A ausência de legenda indicando a procedência das imagens não deixa claro para o espectador o período e local em que foram gravadas. Por serem imagens mais antigas podem estar obsoletas e, logo, não condizerem com a realidade atual do país. Quanto ao local, passam uma ideia generalizada e reducionista de precariedade, como se o Haiti se resumisse à miséria. Finalmente e diretamente relacionada, a escolha de imagens que retratam crianças em meio ao lixo, em alguns casos convivendo com porcos, extrapola o discurso da precariedade em um apelo sentimentalista que recorre à infância como instrumento de comoção e exasperação do espectador, seduzido inconscientemente ao lamento e a um incômodo que

¹⁸⁷ Muito embora não contenham legenda indicando de qual programa foram retiradas, pelo formato em que são exibidas fica claro que não foram gravadas pela produção do *Caldeirão do Huck*, e como poucos segundos antes foram exibidas imagens do *Globo Cidadania* dessa data, presumimos que são provenientes do mesmo programa.

beira e às vezes atinge o abjeto. Essa orientação simbólica, no que se refere ao Haiti, não foi apresentada ao espectador brasileiro pela primeira vez no programa em questão, mas, juntamente com uma série de produções midiáticas que corroboram para o mesmo sentimento, compõe um universo simbólico que inevitavelmente estigmatiza os haitianos, interferindo em sua população em diáspora no Brasil.

Imagem 72: Criança no lixo – Globo Cidadania. Fonte: Caldeirão do Huck no Globo Play¹⁸⁸.

Imagem 73: Crianças e porcos no lixo – Globo Cidadania. Fonte: Caldeirão do Huck no Globo Play¹⁸⁹.

“E como é que as pessoas reagem com vocês na rua?”. Um soldado responde: *“A felicidade das crianças... A melhor coisa pra nós é ver a felicidade das crianças. O sorriso delas no rosto é, pra nós já é muito, muito bom.”*. Novamente mostram-se recortes da matéria

¹⁸⁸ Disponível em: <http://globoplay.globo.com/v/5169431/>. Acesso em 17 de fevereiro de 2017.

¹⁸⁹ Disponível em: <http://globoplay.globo.com/v/5169431/>. Acesso em 17 de fevereiro de 2017.

do Globo Cidadania, com uma narração que fala sobre o convívio das crianças haitianas com “os soldados e seus tanques” e cita dados alarmantes sobre mortalidade infantil e regime de trabalho forçado infantil, “talvez por isso elas busquem tanto conforto na mão do soldado brasileiro”, diz a narradora do programa que empresta as imagens ao Caldeirão do Huck (Imagem 74).

Imagem 74: Criança segurando a mão de soldado – Globo Cidadania. Fonte: Caldeirão do Huck no Globo Play¹⁹⁰.

A duplicidade simbólica produzida a partir dos relatos enfaticamente voltados para os filhos dos militares e da retratação das crianças haitianas em condições de pobreza extrema molda sentimentalmente, portanto, a percepção de que esses homens heroicos abdicam da participação na vida de seus próprios filhos para acolher e proteger as crianças haitianas que, vivendo em condições que indiretamente denunciam negligência familiar, “buscam conforto na mão do soldado brasileiro”.

Falamos especialmente dos homens porque, diferentemente deles, a única mulher entrevistada, sargento Liliane, passa por um julgamento, perceptível pelo choque, destaque e falas de Huck, que a exclui dessa categoria passível de admiração, inserindo-a, pelo contrário, em uma malquista excepcionalidade. Huck pergunta: “E como é que é, como mãe e não como militar, se despir...”, sem concluir a frase. A sargento responde que é incomodar o marido, e o apresentador completa: “ah, mas o marido não tem essa... Nós maridos não temos essa competência, pode esquecer.”. Luciano reforça o tolhimento da existência da mulher à função social de mãe, pautando-se na ideia machista de uma incapacidade masculina de cuidarem dos

¹⁹⁰ Disponível em: <http://globoplay.globo.com/v/5169431/>. Acesso em 17 de fevereiro de 2017.

filhos, reservando aos militares homens a possibilidade de seguirem o fluxo natural de suas carreiras, ainda que dentre todos os entrevistados, exceto o general Ajax, ela possua a maior patente.

Em outras palavras, os militares homens são vistos, no âmbito familiar, como heróis, enquanto ela é vista como displicente. Consideramos importante salientar que o discurso machista é perceptível em diversos momentos, com entrevistados homens e entrevistadas mulheres. Alguns exemplos mais explícitos ocorrem durante a entrevista com a sargento. Em certo momento, quando Liliane está falando sobre a filha, ele pergunta se ela é “*sensível também, como todas as mulheres*” e, na sequência fala sobre o marido “*Cleverson é o que você acha (ênfase) que está cuidando das crianças como você cuidaria?*”. Além disso, faz perguntas que em nenhum momento foram feitas aos militares homens, como se ela já ficou muitas vezes chorando na cama.

Em seguida, Luciano Huck acompanha uma patrulha em *Cité Soleil*. “*Hoje graças ao trabalho do exército brasileiro é possível entrar, tá pacificada, tá mais organizada, tá muito melhor do que era. Tá longe de ser boa, mas tá muito melhor do que era.*” – afirma enquanto reafirma os mesmos estereótipos. É mostrado um círculo formado por soldados rezando o Pai Nosso antes de entrar (Imagem 75). A preparação para entrar em *Cité Soleil*, acompanhada por uma música de fundo tensa, exacerba a periculosidade do local por meio de ações como a súplica de homens que, mesmo amparados com equipamentos de guerra, buscam proteção no que é tido como ainda mais poderoso do que qualquer armamento: Deus.

Imagem 75: Soldados rezando o Pai Nosso. Fonte: Caldeirão do Huck no Globo Play¹⁹¹.

¹⁹¹ Disponível em: <http://globoplay.globo.com/v/5169431/>. Acesso em 17 de fevereiro de 2017.

Nas cenas da patrulha, ressaltamos a seleção e o uso de imagens de crianças em situação de pobreza (Imagens 76, 77, 78 e 79), consolidando imageticamente o discurso que, segundo circunstanciamos ao longo do subcapítulo, diminui e generaliza o Haiti, prejudicando a imagem do país e contribuindo para a disseminação de preconceitos que afetam diretamente os haitianos em diáspora no Brasil, como veremos no próximo capítulo. Quanto às entrevistas, consistem basicamente em perguntas de cunho pessoal, salvo alguns breves comentários sobre a melhoria de *Cité Soleil* após a MINUSTAH.

Imagem 76: Crianças em Cité Soleil. Fonte: Caldeirão do Huck no Globo Play¹⁹².

Imagem 77: Crianças em meio ao lixo em Cité Soleil. Fonte: Caldeirão do Huck no Globo Play¹⁹³.

¹⁹² Disponível em: <http://globoplay.globo.com/v/5169431/>. Acesso em 17 de fevereiro de 2017.

¹⁹³ Disponível em: <http://globoplay.globo.com/v/5169431/>. Acesso em 17 de fevereiro de 2017.

Imagem 78: Criança nua em Cité Soleil. Fonte: Caldeirão do Huck no Globo Play¹⁹⁴.

Imagem 79: Mulher lavando criança em Cité Soleil. Fonte: Caldeirão do Huck no Globo Play¹⁹⁵.

Durante a patrulha, Huck entrevista, entre outros, o cabo Tunes. Ele conta que levou a namorada do Brasil para que noivassem. O apresentador pergunta espantado e sem disfarçar o tom pejorativo de suas palavras: *“Você noivou com ela aqui (ênfase: Imagem 80)? Mas que lugar romântico que cê noivou, em?”*. O cabo se explica: *“Não, não, não, não, aqui não. Na República Dominicana. (...) A gente teve um período de folga ali e eu paguei a passagem dela do Brasil, ela veio de lá.”*. Por um lado, o apresentador extrapola o discurso negativo construído na retratação da precariedade e ridiculariza o país, contradizendo sua postura e discurso de comoção frente à situação.

¹⁹⁴ Disponível em: <http://globoplay.globo.com/v/5169431/>. Acesso em 17 de fevereiro de 2017.

¹⁹⁵ Disponível em: <http://globoplay.globo.com/v/5169431/>. Acesso em 17 de fevereiro de 2017.

Imagem 80: Luciano Huck pergunta “Você noivou com ela aqui?”. Fonte: Caldeirão do Huck no Globo Play¹⁹⁶.

Por outro lado, a fala do cabo exemplifica o que Seguy (2014) explica em sua tese sobre a estagnação econômica do Haiti na precariedade, ainda que nele se produza capital, pois o dinheiro ganho pelos ricos empresários é gasto nos Estados Unidos e pelas classes médias e soldados da MINUSTAH, na República Dominicana:

Por exemplo, na República Dominicana, os terminais rodoviários que fazem o percurso Haiti-São Domingos oferecem atendimento específico aos soldados que atuam no Haiti dentro da Minustah. Espera-se que toda vez que queira gastar alguma coisa do seu gordo salário, o soldado da Minustah irá necessariamente do outro lado da fronteira, pois o Haiti se apresenta como um território para se enriquecer, não para gastar. Isto é, para o haitiano comum, quer dizer a esmagadora maioria, a precariedade é a única regra. (SEGUY, 2014, p.73)

Esse aspecto, por si só, contradiz o corpus selecionado com vistas em transmitir ao espectador a ideia de que os soldados da MINUSTAH são a personificação de uma missão altruísta humanitária. Ademais, é possível extrair de algumas outras falas dos soldados que sua presença no Haiti é motivada por questões de cunho pessoal/profissional e não filantrópico. Alguns exemplos são perceptíveis em diversos momentos nos quais o apresentador questiona os entrevistados sobre suas motivações para voluntariarem-se: “*É um sonho pra todo mundo tá aqui, né. Desde pequeno todo mundo sonha em entrar pro exército, daí depois que entra ir pra uma missão fora, exterior assim, todo mundo sonha com isso daí.*” - soldado Emerson; “*Ah, essa oportunidade é única, né... Pra gente poder ajudar, poder fazer alguma coisa, né... De tá aqui. Da gente, da experiência pra gente poder crescer, não tem [igual]...*” - sargento Liliane; e “*Porque a gente tinha um sonho de comprar uma casa, então nós vinha juntando um dinheiro...*” – explica o soldado Julerme, e Huck questiona se uma

¹⁹⁶ Disponível em: <http://globoplay.globo.com/v/5169431/>. Acesso em 17 de fevereiro de 2017.

missão como a do Haiti era melhor remunerada. Julerme responde que sim e que “*todo mundo do exército, profissionalmente, quer vir pro Haiti.*”.

CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

Ao analisar os produtos midiáticos em questão, optamos pelo critério da diversificação por considerarmos que, assim, é possível depreender com maior detalhamento o papel da mídia na construção e reforço de estereótipos ligados aos haitianos. Desse modo, observamos uma complexa rede, discursiva e imagética, que, por um lado, exerce a função de mantenedora de estigmas acerca do Haiti, observados nos noticiários que trataram do terremoto de 2010, e, por outro, consolida a indesejabilidade haitiana no Brasil.

Percebemos que os telejornais, escolhidos para exemplificar o ano de 2012, abusam de uma visão alarmista que retrata a chegada de haitianos como uma “invasão” negativa que desencadeará severos prejuízos para o governo brasileiro, sem trazer nenhum benefício em troca. Pelo contrário, esses “imigrantes sem qualificação profissional” podem vir a cair na ilegalidade onerando o Estado e, por conseguinte, seus cidadãos.

A série *Malhação*, que nada mais é do que uma telenovela, aborda o tema da imigração ao personificar em Frédéric características tradicionalmente atribuídas aos negros na literatura e no cinema brasileiros. Ditas características infantilizam o negro e sustentam uma sociedade cujas raízes escravocratas ainda estão fortemente arraigadas em seu pensamento social e estrutura institucional, aspecto que inevitavelmente afetará de forma direta os haitianos em diáspora. Seu desfecho carrega uma moral: a passividade e gratidão trazem resultados promissores.

A série *O Caçador* apela a um universo simbólico místico, presente também no Brasil em suas manifestações religiosas de matriz africana, para associar os haitianos à ideia de selvageria. Ademais, dois tipos de imagens acerca dos haitianos são reforçados: o haitiano passivo, que segundo nossa interpretação se estende também ao Haiti como tal, representado pelos imigrantes trazidos no porão do navio por seus próprios conterrâneos; e o haitiano criminoso, que, ao ser representado por haitianos que já residem no Brasil, sugere e reforça as insinuações de que os “imigrantes” podem vir a cair na ilegalidade.

O *Fantástico* de 2015, no contexto da emergência da discriminação e xenofobia sofrida por haitianos no país, resgata o mito da democracia racial por meio de uma visão fantasiosa de inexistência de discriminação amparada na boa receptividade brasileira e convivência harmoniosa com os haitianos. Tal discurso minimiza e negligencia os entraves vivenciados pelos haitianos, contribuindo para a manutenção de seu ostracismo.

Por fim, a matéria gravada em Porto Príncipe e exibida no programa de auditório *Caldeirão do Huck*, em 2016, sintetiza as visões estigmatizadas sobre o Haiti, abordadas no

segundo capítulo, e sobre os haitianos, tratadas neste capítulo. Por servir como um apanhado dos discursos e imagens produzidos, o programa foi tratado com maior minúcia.

Por meio dos produtos midiáticos selecionados, é possível notar a evolução das ideias em torno dos haitianos e do Haiti no decorrer dos anos. As imagens não deixam de falar, em essência, sobre os negros brasileiros, ou negros de modo geral, uma vez que, como explicamos ao longo do capítulo, há uma transposição da nacionalidade diante da raça. Desse modo, para além dos haitianos em si, tais imagens revelam muito sobre o Brasil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista o objetivo de analisar as imagens produzidas pela Rede Globo acerca do Haiti e dos haitianos, entre 2010 e 2016, visando responder ao problema – É possível afirmar que as imagens produzidas pela mídia acerca do Haiti no contexto do pós-terremoto de 2010 servem como base estruturante da estereotipagem dos haitianos em diáspora no Brasil? – ficou confirmada nossa hipótese de que os discursos que tratavam da diáspora haitiana no Brasil se utilizavam de ideias pejorativamente preconcebidas sobre o Haiti no ano de 2010 para sustentar a indesejabilidade da diáspora haitiana.

O primeiro capítulo apresentou um panorama que, ao perpassar por aspectos-chave da história haitiana, versou fundamentalmente sobre três conceitos imprescindíveis para a compreensão do contexto no qual se inserem os haitianos em diáspora no Brasil: diáspora, migração e indesejabilidade. Esses conceitos não somente foram expostos no primeiro capítulo, como demonstrados de modo prático ao longo de todo o trabalho.

Em primeiro lugar, a ideia de diáspora abrange um entendimento mais amplo da migração enquanto resposta aos acontecimentos que, diretamente relacionados às intervenções internacionais, afetam a estrutura sociopolítica haitiana a partir do início do século XX até os dias atuais. A diáspora se configura, então, como um relevante componente da identidade haitiana, que deve ser levado em conta em sua complexidade simbólica. Propusemos que a noção de diáspora contempla a esfera pessoal do fenômeno migratório, e, portanto, foi utilizada no intento de evitar simplificações acerca do tema. Em segundo lugar, propusemos que a ideia de (i) migração se refere à esfera pública, ou à percepção que se constrói acerca dos haitianos nos países de destino, estando frequentemente atrelada, como foi averiguado, à sua indesejabilidade. Essa indesejabilidade, por fim, se manifesta de distintos modos de acordo com as particularidades dos países de destino, refletindo as interações entre haitianos em diáspora e nacionais, sobre a base contextual específica.

O segundo capítulo, que se destinou à análise das notícias produzidas pela Rede Globo sobre o terremoto de 12 de janeiro de 2010, no mesmo ano, enunciou a relação que se estabelece entre tragédia natural e tragédia social. A edificação discursiva se pauta em informações enviesadas que sugerem que toda a história haitiana é perpassada pela retratação de uma tragicidade social que se divide em camadas, por assim dizer, correlacionadas e não necessariamente graduais. A primeira camada é apresentada por meio da evidenciação de momentos históricos pontualmente selecionados para indicar instabilidade política e incapacidade de governabilidade, sugerindo a necessidade de intervenção estrangeira. A

segunda camada preleciona, por conseguinte, uma série de características que se supõem inerentes aos haitianos e indicam inaptidão para o que se entende como civilização. A terceira abusa da evidenciação da precariedade como instrumento que desumaniza os haitianos. Por fim, o terremoto é apresentado como uma adversidade menor, no sentido de que, embora tenha sido responsável por deixar o país em situação de emergência, não é o responsável direto pela situação haitiana, em detrimento dos próprios haitianos.

No terceiro capítulo analisamos uma série de produtos midiáticos produzidos pela Rede Globo a partir do ano de 2012 até 2016, cujo enfoque foi a diáspora haitiana no Brasil. Esse capítulo serviu à função de comprovar a hipótese de que as imagens pejorativas sobre o Haiti e os haitianos, estruturadas no ano de 2010, se consolidaram, salvo as devidas reestruturações contextuais, na estereotipagem dos haitianos em diáspora no país. Tais imagens se remontam na apresentação da precariedade congênita associada aos haitianos (desnutrição, pobreza, doenças), e introduzem a ideia de que sua presença demandará gastos por parte do governo brasileiro. Por outro lado, são apresentados como desqualificados profissionalmente e, portanto, não aportarão nada ao país. As ideias de incômodo, por parte dos brasileiros, e de gratidão, por parte dos haitianos, contribuem para a inferiorização e indesejabilidade dos mesmos.

Eventualmente, são associados à amabilidade tradicionalmente remetida aos negros. Sua situação no Brasil, por pior que seja, é frequentemente retratada como melhor e mais desejável do que sua vida no Haiti, o que pode tolher suas possibilidades de mobilidade socioeconômica. A selvageria, por vezes associada à prática do vodu, também pode aparecer em alguns casos. Finalmente, é construída uma ideia paralela da inexistência de preconceito no Brasil e de grande receptividade brasileira, reforçando o mito da democracia racial e prejudicando sua inserção efetiva na sociedade. A indesejabilidade haitiana se apresenta, então, como um fenômeno complexo que transita pela construção e recepção dessas imagens, estando necessariamente atrelada às particularidades do contexto brasileiro, contaminado, entre outras coisas, pela discriminação racial e pelo mito da democracia racial, tal qual ocorre em outros países de destino, aspecto tratado no primeiro capítulo.

O tratamento mais detalhado da matéria exibida no programa *Caldeirão do Huck* se justificou pela reação imediata que produziu nos haitianos em diáspora no Brasil, ao se sentirem estigmatizados pela imagem que sintetiza muitos dos principais estereótipos sobre o Haiti dos quais se queixam. Sendo assim, a matéria demonstra emblematicamente a contraposição, por um lado, da influência da mídia brasileira na construção de uma imagem pejorativa do Haiti e, por conseguinte, dos haitianos, atendendo à ideia de imigração, e, por

outro, dos espaços alternativos de expressão, como a internet, que, ao possibilitar um espaço de fala para os haitianos em diáspora, contribui para desmistificar estereótipos que corroboram para o agravamento da indesejabilidade haitiana e sua consequente geração de situações de mal-estar enfrentadas por essa população, aproximando-se da concepção de diáspora.

Devido aos limites deste trabalho e à abrangência dos materiais produzidos pela mídia brasileira, não foi possível tratar à fundo a reação dos haitianos ou suas produções autônomas, configuradas como atos de resistência. Consideramos imprescindível, no entanto, a evidenciação e elucidação do tema e, por esse motivo, buscaremos aprofundar os estudos a esse respeito em trabalhos futuros.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

Fontes

ALAI. Cinco Premios Nobel de la Paz reclaman a la ONU saldar su deuda con Haití. Disponível em: <http://www.alainet.org/es/articulo/184769>. Acesso em: 17 abr. 2017.

A NEGAÇÃO DO BRASIL. Joel Zito Araújo; Luis Antonio Pillar, Juca Cardoso e Vandy Almeida. Local: Brasil. Casa de Criação, 2000.

BBC BRASIL. Tropas do Brasil 'validam abusos no Haiti', diz enviado da OAB. Disponível em: http://www.bbc.com/portuguese/reporterbbc/story/2007/09/070903_haitistockebc.shtml. Acesso em: 17 abr. 2017.

CARAS. As 30 melhores frases do vilão Félix em Amor à Vida. Disponível em: <http://caras.uol.com.br/tv/amor-a-vida-30-melhores-frases-do-vilao-felix-mateus-solano#.WPXNAvnyvIV>. Acesso em: 17 abr. 2017.

EGO. 13 falas de Nazaré que queremos ver na reprise de 'Senhora do Destino'. Disponível em: <http://ego.globo.com/televisao/noticia/2016/11/13-falas-de-nazare-que-queremos-ver-na-reprise-de-senhora-do-destino.html>. Acesso em: 17 abr. 2017.

FALANDO TUDO. Globo convida atores da África para o elenco de “O Caçador”. Disponível em: <http://falandotudo.com/index.php/globo-convida-atores-da-africa-para-o-elenco-de-o-cacador/>. Acesso em: 17 abr. 2017.

FOLHA DE S. PAULO. ONU se prepara para retirar missão de paz do Haiti. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2017/03/1864967-onu-se-prepara-para-retirar-missao-de-paz-do-haiti.shtml>. Acesso em: 17 abr. 2017.

_____. Haitianos encenam a sua própria diáspora na peça 'Cidade Vodú'. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2016/03/1748090-haitianos-encenam-a-sua-propria-diaspora-na-peca-cidade-vodu.shtml>. Acesso em: 17 abr. 2017.

_____. Com imigrantes haitianos em cena, grupo Os Satyros discute alteridade. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2016/08/1798892-com-imigrantes-haitianos-em-cena-grupo-os-satyros-discute-alteridade.shtml>. Acesso em: 17 abr. 2017.

G1. Haitianos são resgatados em condições de escravidão em SP. Disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2014/08/haitianos-sao-resgatados-em-condicoes-de-escravidao-em-sp.html>. Acesso em 17 abr. 2017.

_____. Haitianos são alvo de ataque no Centro de São Paulo. Disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2015/08/haitianos-sao-alvo-de-ataque-no-centro-de-sao-paulo.html>. Acesso em 17 abr. 2017.

GAZETA DO POVO. Xenofobia se converte em agressões contra imigrantes haitianos. Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/xenofobia-se-converte-em-agressoes-contr-imigrantes-haitianos-ef4atki1925lz2d0e34rtiudq>. Acesso em 17 abr. 2017.

GLOBO PLAY. Disponível em: <https://globoplay.globo.com>. Acesso em 17 abr. 2017.

_____. Arnaldo Jabor: a história do Haiti é um monstro político. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/1190540/>. Acesso em 17 abr. 2017.

_____. Alexandre Garcia: aumenta importância de tropas brasileiras no Haiti. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/1189811/>. Acesso em 17 abr. 2017.

_____. Miriam Leitão fala sobre a tragédia climática no Haiti. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/1189814/>. Acesso em 17 abr. 2017.

_____. Miriam Leitão fala sobre o trabalho do Exército no Haiti. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/1190595/>. Acesso em 17 abr. 2017.

_____. Alexandre Garcia fala sobre o processo de reconstrução do Haiti. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/1192982/>. Acesso em 17 abr. 2017.

_____. Alexandre Garcia comenta o trabalho dos militares no Haiti. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/1194560/>. Acesso em 17 abr. 2017.

_____. Repórter Lília Teles conta o que viu no Haiti. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/1197705/>. Acesso em 17 abr. 2017.

_____. Haiti – Bloco 1. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/1243101/>. Acesso em 17 abr. 2017.

_____. Governo brasileiro decide controlar entrada de haitianos no Brasil. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/1763116/>. Acesso em 17 abr. 2017.

_____. PF prende cerca de 100 haitianos que tentavam entrar no Brasil pelo Acre. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/1774291/>. Acesso em 17 abr. 2017.

_____. Dezenas de imigrantes haitianos são barrados na fronteira com o Peru. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/1775939/>. Acesso em 17 abr. 2017.

_____. Consulado do Haiti em SP vira agência de empregos informal para imigrantes. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/1840868/>. Acesso em 17 abr. 2017.

_____. Haitianos enfrentam dificuldades após chegarem ao Brasil. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/1762828/>. Acesso em 17 abr. 2017.

_____. Ação conjunta tenta agilizar emissão de documentos de haitianos no Brasil. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/1761370/>. Acesso em 17 abr. 2017.

_____. Haitianos continuam a entrar ilegalmente no Brasil. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/2145935/>. Acesso em 17 abr. 2017.

_____. Imigrantes haitianos conseguem trabalhos em fábricas e na construção civil no Brasil. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/1767898/>. Acesso em 17 abr. 2017.

_____. Frédéric conquista a família de Vera e Ronaldo. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/2713310/>. Acesso em 17 abr. 2017.

_____. Preocupado com Frédéric, Ben decide o seguir. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/2715532/>. Acesso em 17 abr. 2017.

_____. Galera se une para dar um novo lar para Frédéric. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/2724953/>. Acesso em 17 abr. 2017.

_____. Frédéric ajuda o homem do ferro-velho a consertar seu carro. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/2742444/>. Acesso em 17 abr. 2017.

_____. Maura vê as taças de cristal com Caetano. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/2755405/>. Acesso em 17 abr. 2017.

_____. Ronaldo tenta resolver o problema das taças de Maura. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/2758154/>. Acesso em 17 abr. 2017.

_____. Julia descobre que Frédéric é engenheiro civil e professor. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/3159775/>. Acesso em 17 abr. 2017.

_____. Maura e Hernandez curtem clima caribenho em plena Copacabana. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/3409830/>. Acesso em 17 abr. 2017.

_____. Primeira missão! André aceita caçar o irmão de um herdeiro haitiano. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/3291615/>. Acesso em 17 abr. 2017.

_____. André anota seu telefone para a garota de programa Vanessa. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/3291628/>. Acesso em 17 abr. 2017.

_____. Encontro fatal! André fica cara a cara com Christian. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/3291659/>. Acesso em 17 abr. 2017.

_____. Muitos brasileiros consideram imigrantes escravos, diz haitiano. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/4332673/>. Acesso em 17 abr. 2017.

_____. Caldeirão vai ao Haiti e mostra vida de militares brasileiros. Disponível em: <http://globoplay.globo.com/v/5169431/>. Acesso em 17 abr. 2017.

_____. Recado dos Haitianos. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/5168481/>. Acesso em 17 abr. 2017.

_____. Haitianos revelam como é o Haiti para eles. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/5169418/>. Acesso em 17 abr. 2017.

GSHOW. Frédéric. Disponível em: <http://gshow.globo.com/novelas/malhacao/2013/personagem/frederic.html>. Acesso em 17 abr. 2017.

GSHOW. Frédéric inicia suas aulas no colégio. Disponível em: <http://gshow.globo.com/novelas/malhacao/2013/videos/t/cenas/v/frederic-inicia-suas-aulas-no-colegio/3173427/>. Acesso em 17 abr. 2017.

ONU BRASIL. Conselho de Segurança aprova fim da missão da ONU no Haiti. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/conselho-de-seguranca-aprova-fim-da-missao-da-onu-no-haiti/>. Acesso em: 17 abr. 2017.

RESUMO DAS NOVELAS. Malhação 2013 Personagens / Atores e Perfil Personagens Malhação. Disponível em: <http://resumo-das-novelas.com/atores-personagens/malhacao-2013-personagens-atores-malhacao/>. Acesso em: 8 abr. 2017.

ROBERTO MARINHO. Disponível em: <http://www.robortomarinho.com.br/obra/tv-globo.htm>. Acesso em: 8 abr. 2017.

TERRA. Melhores Frases da Carminha. Disponível em: <http://www.terra.com.br/diversao/infograficos/frases-carminha>. Acesso em: 8 abr. 2017.

UOL. Mateus Solano diz que Félix, de "Amor à Vida", o deixou com o cabelo branco. Disponível em: <http://televisao.uol.com.br/noticias/redacao/2014/04/11/mateus-solano-diz-que-felix-de-amor-a-vida-o-deixou-com-o-cabelo-branco.htm>. Acesso em: 8 abr. 2017.

Bibliografia

CARVALHO BAPTISTA, José Renato. **Sè Tou Melanje: Uma etnografia sobre o universo social do Vodou Haitiano**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2012. 326 p. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

CASSÁ, Roberto. Algunos componentes del legado de Trujillo. **Iberoamericana**, v. 1, n. 3, p. 113-127, setembro de 2001.

CHARAUDEAU, Patrick. Discurso das mídias. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

COGGIOLA, Osvaldo. Haiti: terremoto, colonização e resistência. **Revista PUC Viva**, São Paulo, n. 37, p.30-37, abril de 2010.

COGO, Denise. Haitianos no Brasil: comunicação e interação em redes migratórias transnacionais. **Chasqui. Revista Latinoamericana de Comunicación**, n. 125, p. 23-32 2014.

_____; SILVA, Terezinha. Entre a fuga e a invasão: alteridade e cidadania da imigração haitiana na mídia brasileira/Between escape and invasion: otherness and citizenship of Haitian immigration in the Brazilian media. **Revista FAMECOS**, v. 23, n. 1, p. 1-18, 2016.

DE LIMA, Solange Martins Couceiro. A personagem negra na telenovela brasileira: alguns momentos. **Revista USP**, n. 48, p. 88-99, 2001.

DE OLIVEIRA, Dennis. Etnomídia: a construção de uma paisagem étnica na linguagem midiática. In: **O Negro nos Espaços Publicitários Brasileiros: Perspectivas Contemporâneas em Diálogo**, p. 25, 2011.

DIJK, Teun A. Van. **Racismo e discurso na América Latina**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

EL YOUSSEF, Alain. Haitianismo em perspectiva comparativa: Brasil e Cuba (sécs. XVIII-XIX). In: **4º Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional**. Curitiba: [s.n.], 2009, p. 1-29.

FERNANDES, Duval; DE CASTRO, Maria da Consolação Gomes. A migração haitiana para o Brasil: Resultado da pesquisa no destino. **La migración haitiana hacia Brasil**, p. 51-66, 2014.

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes**. Vol. 1. 5. ed. São Paulo: Editora Globo, 2008.

FERNANDES, Guilherme Moreira. A recepção dos personagens homossexuais nas telenovelas da Rede Globo. **e-Com**, v. 4, n. 1, 2011.

FERRER, A. El mundo cubano del azúcar frente a la revolución haitiana. In: **Francisco Arango y la invención de la Cuba azucarera**. Ediciones Universidad de Salamanca, 2009. p. 105-116.

FORD, Thomas E.; FERGUSON, Mark A. Social consequences of disparagement humor: A prejudiced norm theory. **Personality and Social Psychology Review**, v. 8, n. 1, p. 79-94, 2004.

FOURON, Georges. **Haitian Immigrants in the US: Migration and Identity**. 1989.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande e senzala**. Univ of California Press, 1986.

HANDERSON, Joseph. Diaspora. Sentidos sociais e mobilidades haitianas. **Horizontes Antropológicos**, n. 43, p. 51-78, 2015a.

_____. **Diaspora. As dinâmicas da mobilidade haitiana no Brasil, no Suriname e na Guiana francesa**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2015. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, 2015b.

HERNANDEZ, Tanya Katerí. **La subordinacion racial en Latinoamerica**. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, Universidad de Los Andes, Pontificia Universidad Javeriana-Instituto Pensar, 2013.

HIRST, Monica. A intervenção sul-americana no Haiti. **Análise de Conjuntura do Observatório Político Sul-Americano do Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro**, v. 6, 2007.

HUME, Y. On the margins: the emergence of a haitian diasporic enclave in eastern Cuba. In: JACKSON, R. O. **Geographies of the Haitian Diaspora**. London: Routledge, p. 71-90, 2011.

MELANI, Ricardo. Superexploração e Destruição da “Pérola das Antilhas”. **Revista PUC Viva**, São Paulo, n. 37, p.22-29, abril de 2010.

NASCIMENTO, Washington Santos. Além do medo: a construção de imagens sobre a revolução haitiana no Brasil escravista (1791–1840). **Especiaria: Cadernos de Ciências Humanas**, v. 10, n. 18, p. 469-488, 2015.

_____. “São Domingos, o grande São Domingos”: repercussões e representações da Revolução Haitiana no Brasil escravista (1791-1840). **Dimensões**, n. 21, 2008

OLIVEIRA, Antônio Tadeu. Os invasores: as ameaças que representam as migrações subsaariana na Espanha e haitiana no Brasil. **Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, v. 23, n. 44, 2015.

PEÑA, Julissa. **“Yo soy negro, pero negro blanco:” Hispanicity, Antihaitianismo and Genocide in the Dominican Republic**. Middletown: Wesleyan University, 2012. Tese (Doutorado) - Degree of Bachelor of Arts, Latin American Studies and Sociology, 2012.

PRANDI, Reginaldo. Raça e religião. **Novos Estudos**, v. 42, p. 113-129, 1995.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. In: **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. 1. ed. Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005. p. 117-142.

REMY, Gemima M. Haitian immigrants and African-American relations: Ethnic dilemmas in a racially-stratified society. **Trotter Review**, v. 10, n. 1, p. 5, 1996.

REZENDE, Patrick; NOGUEIRA, Mayara de Oliveira; AMARAL, Renata Martins. "Racismo e cultura: uma entrevista com Teun A. Van Dijk". **PERcursos Linguísticos**, v.5, n. 11, p.133-142, 2015.

SEGUY, Franck. Entrevista seis séculos de veias abertas. **Revista PUC Viva**, São Paulo, n. 37, p. 9-22, abril de 2010.

_____. **A catástrofe de janeiro de 2010, a "Internacional Comunitária" e a recolonização do Haiti**. Campinas: Unicamp, 2014. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2014.

SMITH, Matthew J. **Red and Black in Haiti: Radicalism, Conflict, and Political Change, 1934-1957**. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2009.

SOARES, Ana Loryn; DA SILVA, Elton Batista. A revolução do Haiti: um estudo de caso (1791-1804). **Revista Ameríndia - História, cultura e outros combates**. v. 1, n. 1, p. 1-8, 2006.

TORRES-SAILLANT, Silvio. El anti-haitianismo como ideología occidental. **Cuadernos Inter. Cambio sobre Centroamérica y el Caribe**, v. 9, n. 10, p. 15-48, 2012.

TURITS, Richard Lee. Un Mundo Destruído, **Una Nación Impuesta: La Masacre Haitiana de 1937 en la República Dominicana**. Ann Arbor, MI: Michigan Publishing, University of Michigan Library, 2014.

ULYSSE, Gina Athena. **Why Haiti Needs New Narratives: A Post-quake Chronicle**. Middletown: Wesleyan University Press, 2015.

_____. Why representations of Haiti matter now more than ever. **NACLA Report on the Americas**, v. 43, n. 4, p. 37-47, 2010.

WADE, Peter. **Gente negra, nacion mestiza**. Bogotá: Ediciones Uniandes, 1997.

WOODING, Bridget et al. **Inmigrantes haitianos y dominicanos de ascendencia haitiana en la República Dominicana**. Santo Domingo: Cooperación Internacional para el Desarrollo (CID), 2004.

ANEXO 1

S.E. Antònio Guterres

Secretario General de la ONU

Nueva York, NY 10017

De nuestra mayor consideración,

Reciba en primer lugar un abrazo fraterno y nuestros mejores deseos para su gestión. Aprovechamos para expresarle nuestra disposición, ahora como siempre, para apoyar todo esfuerzo de las Naciones Unidas en bien de los derechos de las personas y los pueblos, los derechos de la naturaleza y el de todas/os a vivir en paz.

Es en este sentido que queremos señalarle nuestra profunda preocupación ante la falta total de justicia y una respuesta reparadora contundente e integral para las personas, familias y comunidades en Haití, que han sido las víctimas directas del balance catastrófico de la MINUSTAH en términos de derechos humanos.

Son miles las mujeres, niños y niñas violadas o explotadas sexualmente, muchas de ellas abandonadas con niños sin que los soldados de la Misión reconozcan su responsabilidad. El informe de la misma ONU, sobre "El nuevo enfoque frente al cólera", reconoce que el número de personas muertas, tras la introducción de esta enfermedad por las tropas de la MINUSTAH, es muy probablemente 3 veces mayor que la cifra oficial de 9.483 hasta enero 2017.

La impunidad de estas violaciones a los derechos humanos, junto a la negación de responsabilidad de la ONU durante 6 largos años, siguen provocando estragos al pueblo de Haití. Repugnan además la conciencia de la humanidad, socavan los avances de la comunidad internacional en materia de protección humanitaria y comprometen gravemente la credibilidad y la capacidad de actuar de la ONU.

Su antecesor, antes de partir, hizo un reconocimiento público importante, aunque tardío y parcial, de la responsabilidad de la ONU. Lanzó un programa ambicioso para indemnizar a las víctimas, erradicar el cólera y lograr agua potable y saneamiento para el 80% de la población de Haití que hoy carece de acceso a este derecho humano básico. Ud. ha planteado con aún más fuerza, la obligación de la ONU de asumir su deber de reparación y de poner fin a la explotación sexual que se reconoce como sistémica entre las fuerzas llamadas de paz, junto a su impunidad. Aplaudimos este enfoque, así como el haber reconocido la necesidad de involucrar directamente a quienes han sufrido la violación a sus derechos humanos en el diseño y ejecución de las políticas reparadoras.

Ud. mismo denunció, sin embargo, en su Informe reciente sobre la MINUSTAH, la falta de compromisos para el financiamiento requerido. Es urgente revertir esta situación donde, conforme sus propios intereses, un puñado de países poderosos impulsa la creación de misiones llamadas de paz, se costean las mismas con cuotas obligatorias pero se deja que la reparación de sus daños corre por cuenta de eventuales aportes voluntarios.

Señor Secretario General, el pueblo de Haití tiene derecho al respeto y al respaldo de la ONU y del conjunto de la comunidad internacional, en su lucha por asegurar su soberanía, su autodeterminación y la vigencia de todos sus derechos incluyendo el control sobre los bienes comunes que hacen a su sobrevivencia y buen vivir. Por eso, aplaudimos la recomendación que Ud. ha formulado para poner fin a la MINUSTAH. Lo que Haití precisa es cooperación, no tutela ni menos ocupación.

Junto a numerosas organizaciones y movimientos de Haití, América latina, el Caribe y otras partes, desde sus inicios cuestionamos el sentido de la MINUSTAH, por entender que nunca fue una respuesta acorde a esos derechos sino más bien una continuidad de la ocupación centenaria estadounidense. Denunciamos que se afirmaba burlonamente que Haití constituía una amenaza para la seguridad hemisférica, a fin de justificar el despliegue de una misión que más bien se mostraba como peligro cierto para la seguridad del pueblo haitiano.

Ahora, con el fracaso de la MINUSTAH a la vista, a la luz de los objetivos planteados año tras año por el Consejo de Seguridad, y retrocesos que les llevarán años revertir al pueblo haitiano, denunciamos que cerrar la Misión sin reparar los daños provocados no es más que un anticipo de peores desastres.

Por lo que rechazamos la propuesta que se aplique el presupuesto remanente de la misión para prolongar durante seis meses el período de cierre, en vez de cubrir la obligación prioritaria de reparar las violaciones masivas a los derechos humanos por ella cometidas. Señor Secretario General, es urgente e indispensable que la ONU salde esta deuda con el pueblo de Haití, sobre todo en un contexto de agravación de la crisis sistémica que vive ese país.

Solicitamos encarecidamente que revea esta propuesta y que extreme las medidas para asegurar que Naciones Unidas, el conjunto de sus países miembros y sobre todo los que han impulsado esta misión y se han beneficiado de sus acciones, reparen al pueblo de Haití, a las víctimas directas, sus familias y comunidades, los daños y violaciones a los derechos humanos provocados por la MINUSTAH. Por el bien de ellos, así como de todos los pueblos que conformamos las Naciones Unidas.

Sabemos que los desafíos que Ud. enfrenta son enormes y que las obligaciones pendientes corresponden colectivamente. El mundo entero precisa de líderes a la altura de las circunstancias, y esperamos de Ud. en especial, la sabiduría y el coraje necesarios para avanzar en este sentido. Solo cumpliendo con el verdadero deber de la organización y resolviendo una parte importante del desastre dejado en Haití, en especial a su población más vulnerabilizada, será posible recuperar los principios y valores que dan razón de ser a la ONU y abrir caminos de justicia y de paz.

Con el abrazo fraterno de Paz y Bien,

Adolfo Pérez Esquivel

Premio Nobel de la Paz 1980

Jody Williams

Premio Nobel de la Paz 1997

Betty Williams

Premio Nobel de la Paz 1976

Shirin Ebadi

Premio Nobel de la Paz 2003

Rigoberta Menchu Tum

Premio Nobel de la Paz 1992

-Buenos Aires, 11 de abril de 2017

cc. Misiones permanentes de los países miembros del Consejo de Seguridad y/o contribuyentes de tropas o policia